



Universidade do Estado do Rio de Janeiro
Centro de Educação e Humanidades
Faculdade de Formação de Professores

Alyne Mendes Fabro Selano

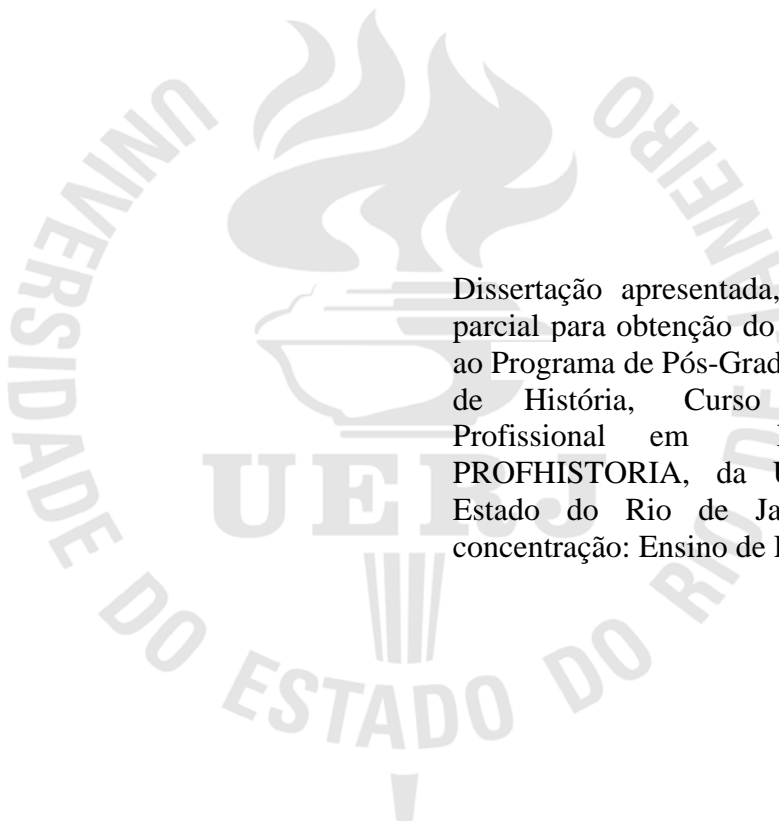
**O museu escolar e reflexões históricas: usos e apropriações da memória no
Instituto de Educação Governador Roberto Silveira**

São Gonçalo

2016

Alyne Mendes Fabro Selano

O museu escolar e reflexões históricas: usos e apropriações da memória no Instituto de Educação Governador Roberto Silveira



Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Ensino de História, Curso de Mestrado Profissional em Rede Nacional PROFHISTORIA, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Ensino de História.

Orientadora: Prof^a. Dra. Carina Martins Costa

São Gonçalo

2016

CATALOGAÇÃO NA FONTE
UERJ/REDE SIRIUS/CEHD

S464 Selano, Alyne Mendes Fabro.
O museu escolar e reflexões históricas: usos e apropriações da memória no Instituto de Educação Governador Roberto Silveira / Alyne Mendes Fabro Selano. – 2016.
101f.

Orientadora: Prof.^a Dra. Carina Martins Costa.
Dissertação (Mestrado Profissional em Rede Nacional PROFHISTORIA)
– Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Faculdade de Formação de Professores.

1. Museus e escolas – Teses. 2. História – Teses. I. Costa, Carina Martins. II. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Faculdade de Formação de Professores. III. Título.

CDU 069

Autorizo apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta dissertação, desde que citada a fonte.

Assinatura

Data

Alyne Mendes Fabro Selano

O museu escolar e reflexões históricas: usos e apropriações da memória no Instituto de Educação Governador Roberto Silveira

Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Ensino de História, Curso de Mestrado Profissional em Rede Nacional PROFHISTÓRIA, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Ensino de História.

Aprovada em 01 de setembro de 2016.

Banca Examinadora:

Prof^a Dra. Carina Martins Costa

Faculdade de Formação de Professores – UERJ

Prof^a Dra. Ângela Maria de Castro Gomes

Universidade do Rio de Janeiro

Prof. Dr. Rui Aniceto Nascimento Fernandes

Faculdade de Formação de Professores – UERJ

São Gonçalo

2016

DEDICATÓRIA

Para Olívia, a razão dos meus esforços e motivo da minha esperança.

AGRADECIMENTOS

Estou grata por ter conseguido chegar ao final desse mestrado com a sensação de ter aproveitado cada minuto, cada leitura e cada troca. É claro que esse caminho contou com a generosidade de muitas pessoas que estiveram ao meu lado, me motivando e me ajudando a acreditar que seria possível.

Agradeço aos professores que tiveram a iniciativa de propor um mestrado profissional, pois muitos são os desafios que se colocam quando ousamos inovar. Especialmente às inspiradoras Ana Maria Monteiro, Marieta Moraes Ferreira e Helenice Rocha, com as quais aprendi muito no início do curso. Agradeço aos que, dentro do PROFHISTÓRIA, pensaram um formato de curso que oferecesse bolsa, indispensável para o investimento no material intelectual, e à CAPES, por tê-la concedido.

Agradeço à minha orientadora, Carina Martins Costa, cujo fôlego e criatividade alimentam os que estão à sua volta. Sem dúvidas, o compromisso, a reflexão e o ombro amigo fizeram a diferença para que esse trabalho pudesse ser desenvolvido com o máximo de cuidado.

Agradeço à Ângela de Castro Gomes, que sempre me encantou como historiadora e que gentilmente aceitou participar da minha qualificação, contribuindo para o repensar de muitas questões. Ao Rui Aniceto pela participação criteriosa e muito proveitosa também em minha qualificação, o que permitiu o aprofundamento da pesquisa.

Um especial agradecimento aos membros do CEPEMHed, por terem permitido o acesso ao Instituto Histórico e disponibilizado suporte para as visitas e seleção do material.

Agradeço à ex-diretora do Instituto de Educação Governador Roberto Silveira Prof^a Verônica Bazílio, minha escola, nossa escola, pelas portas abertas que encontrei desde o momento em que comecei minha jornada lá. Agradeço ao atual diretor Prof. Antônio Sousa por ter me permitido continuar o trabalho e aos demais membros da Direção, Coordenação e professores que cederam seus tempos de aula para a preparação da exposição dos alunos.

Gratidão também define o sentimento que tenho por duas amigas que esse mestrado me deu: Carolina Barcellos, com seu senso de organização e responsabilidade, e Marta Dile, com sua força e determinação. As duas me ensinaram muito durante todo esse processo. Muito obrigada por todos os momentos em que vocês se dispuseram a me ouvir.

Aos brilhantes alunos que se dedicaram voluntariamente a participar desse trabalho e que cederam seu tempo, vestiram a camisa e se apropriaram de todo o processo, me enchendo

de orgulho e satisfação. Aos seus responsáveis, que compreenderam a importância dessa experiência. Sem dúvida eu não estaria escrevendo esses agradecimentos se não fossem: Adriel Oliveira, Alexia Viana, Juliana Laterza, Letícia Policarpo, Lohany Victoria, Lorena Melo, Maísa Matas, Maria Eduarda Souza, Nathalia dos Santos, Pedro Henrique Lima, Rebeca Bernardes, Ruan Jomênio, Vitória Jéssica, Vitória Souza da Silva, Yasmin Martins.

Agradeço imensamente aos meus familiares e aos meus pais, Cley e Cirinéa, pelas orações, pelo conforto do coração e as mãos sempre estendidas, prontas a me acolher e ajudar no que se fizesse necessário. Todas as conquistas sempre serão por vocês e para vocês.

Ao meu André, por ter superado tantas ausências e compreendido o quanto esse mestrado era importante para mim. Pelas idas e vindas das aulas, livros, cópias e tudo o mais que se pode pedir para um marido providenciar. Obrigada pelos cuidados comigo e com a Olívia, todo o tempo pensando no nosso bem-estar.

À pequena Olívia, grande em sua generosidade e compreensão, pelas inúmeras vezes que deixei de brincar de boneca ou que brinquei segurando bonecas e livros. Mais ainda pela sua empolgação em dizer que “mamãe ainda vai ser doutora”. Estamos trabalhando para isso, minha querida...

E, finalmente, àquele que sempre tornou o meu caminho sereno, meu Deus, pois estou certa de que nada se faz sem que Ele permita. Obrigada!

RESUMO

SELANO, Alyne Mendes Fabro. *O museu escolar e reflexões históricas: usos e apropriações da memória no Instituto de Educação Governador Roberto Silveira*. 2016. 101f. Dissertação (Mestrado Profissional em Rede Nacional PROFHISTORIA) – Faculdade de Formação de Professores, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, São Gonçalo, 2016.

O trabalho em questão foi elaborado a partir da motivação em dinamizar o Instituto Histórico do Instituto de Educação Governador Roberto Silveira, escola da rede estadual de ensino, localizado no município de Duque de Caxias, Rio de Janeiro, através da produção de uma exposição com fontes selecionadas pelos alunos atuais do Ensino Médio Normal Formação de Professores, que se dedicaram voluntariamente desde que estavam no nono ano do Ensino Fundamental II às diferentes atividades propostas no decorrer de um ano e meio, entre os anos de 2015 e 2016, tornando-se produtores da exposição “Nosso Espaço, Nosso Tempo: diálogos com os tempos no IEGRS”. Essa experiência contou com as reflexões a respeito da história, memória e patrimônio, utilizando ações voltadas para a educação patrimonial através de dinâmicas que possibilitaram esse grupo de alunos a pensar e intervir naquele espaço, propondo um diálogo com os objetos de outras temporalidades. A construção da exposição pelos alunos-produtores visou ampliar o horizonte de aprendizagem, superar os desafios que se colocaram pelo caminho e possibilitar a ressignificação do espaço por eles e, não somente isso, despertar a curiosidade e o interesse dos alunos-visitantes, ampliando o convite à reflexão sobre o Instituto, a história, a memória e sobre o próprio aluno enquanto protagonista da sua história dentro e fora da escola.

Palavras-chave: História. Memória. Instituto de Educação Governador Roberto Silveira.

Museu Escolar. Educação Patrimonial.

ABSTRACT

SELANO, Alyne Mendes Fabro. *The school museum and historical reflections: uses and appropriations of memory at the Instituto de Educação Governador Roberto Roberto Silveira*. 2016. 101f. Dissertação (Mestrado Profissional em Rede Nacional PROFHISTORIA) – Faculdade de Formação de Professores, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, São Gonçalo, 2016.

The screen work was drawn from the motivation to streamline the Institute of Education Governor of the Historical Institute Roberto Silveira school state schools located in the municipality of Duque de Caxias, Rio de Janeiro, through the production of an exhibition with supplies selected for current students in the middle Normal Education Teacher Training, who have dedicated themselves voluntarily since they were in the ninth grade of elementary school II the various activities proposed in the course of a year and a half, between 2015 and 2016, becoming producers the exhibition "Our Space, Our Time: dialogues with the times in IEGRS". This experience had the reflections on history, memory and heritage, using actions to heritage education through dynamic that enabled this group of students to think and act in that space, proposing a dialogue with objects from other time frames. The construction of the exhibition by the students producers aimed to broaden the horizon of learning, overcome the challenges that arose along the way and allow the reinterpretation of space for them and, not only that, arouse curiosity and interest of students, visitors, expanding the invitation to reflect on the Institute, history, memory and the student himself as a major player in its history in and out of school.

Keywords: History. Memory. Institute of Education Governor Roberto Silveira. School Museum. Heritage Education.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CEPEMHED	Centro de Pesquisa, Memória e História da Educação da Baixada Fluminense
CFPEN	Curso de Formação de Professores para o Ensino Normal
CPDOC	O Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil
FABOR	Fábrica de Borracha Sintética
FEBEF	Faculdade de Educação da Baixada Fluminense
FNM	Fábrica Nacional de Motores
IEGRS	Instituto de Educação Governador Roberto Silveira
PTB	Partido Trabalhista Brasileiro
REDUC	Refinaria Duque de Caxias
SEEDUC - RJ	Secretaria de Estado de Educação do Rio de Janeiro
SEPE	Sindicato Estadual dos Profissionais de Educação do Rio de Janeiro
SPHAN	Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional
UDN	União Democrática Nacional
UNESCO	Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura

SUMÁRIO

	INTRODUÇÃO	10
1	A CULTURA ESCOLAR PRODUZIDA A PARTIR DA DIALOGIA ENTRE HISTÓRIA E MEMÓRIA	14
1.1	Duque de Caxias: da história do lugar à construção do mito	14
1.2	IEGRS: esforços para lembrar e esquecer: o discurso institucional e as demandas do tempo presente	21
1.3	Cultura escolar, patrimônio e educação patrimonial: aspectos relevantes .	34
2	O INSTITUTO DE EDUCAÇÃO E A EDUCAÇÃO PATRIMONIAL: TRILHANDO O CAMINHO DA EXPOSIÇÃO.	46
3	A EXPOSIÇÃO E A CONSTRUÇÃO DA NARRATIVA NO ESPAÇO ESCOLAR	68
3.1	Esboço da exposição	77
3.2	Montagem e mediação da exposição	79
	CONSIDERAÇÕES FINAIS	91
	REFERÊNCIAS	94
	APÊNDICE – PESQUISA COM ALUNOS DO NONO ANO DO IEGRS EM 2015	98
	ANEXO A – CRONOGRAMA DA EXPOSIÇÃO	100
	ANEXO B – FOLDER DA EXPOSIÇÃO	101

INTRODUÇÃO

A educação é o ponto em que decidimos se amamos o mundo o bastante para assumirmos a responsabilidade por ele.

Hannah Arendt

Uma das questões preponderantes para a sociedade atual é a relevância da escola na vida do aluno, uma vez que houve uma ampliação dos ambientes de aprendizagem a partir, principalmente, do acesso à informação pelas novas mídias. Nesse sentido, é de suma importância que existam estudos com o intuito de analisar a relação entre aluno e escola, na tentativa de compreender ambos os papéis. É necessário conhecer esse aluno em seu processo de aquisição e construção de conhecimento, de relacionamento com o saber, de aplicabilidade do que é aprendido na vida prática, assim como compreender a escola dentro de uma série de relações que envolvem desde questões políticas até a própria identificação desse aluno com o espaço escolar.

Há de se considerar, portanto, as tessituras a respeito da escola enquanto lugar para pesquisas, além de sua representatividade como patrimônio que precisa ser compreendido e problematizado, auxiliando o aluno atual a um processo de formação de identidade nesse espaço, para que possa se apropriar dele e provocar as mudanças necessárias, assumindo protagonismo enquanto cidadão.

Diante disso, escolhemos como ambiente para o desenvolvimento do trabalho em questão o Instituto de Educação Governador Roberto Silveira (IEGRS), escola da rede estadual de ensino, localizada no bairro 25 de agosto, no município de Duque de Caxias, Rio de Janeiro, mais precisamente o Instituto Histórico da escola, onde realizamos atividades pedagógicas com as três turmas de nono ano do Ensino Fundamental II no ano de 2015. Sobre a escolha da escola, considero importante ressaltar que se trata do meu local de atuação, enquanto professora da rede estadual na educação básica e que, em decorrência das inquietações surgidas ao longo dessa relação, nasceram as questões que serão discutidas.

Nos dias atuais, diante do cotidiano escolar, é comumente observado um discurso sobre a desvalorização da escola por parte dos alunos, como se a escola tivesse perdido toda a importância que “conquistou” ao longo das pouco mais de cinco décadas de existência. Buscando uma justificativa para tal, tanto a direção quanto a coordenação entendem que essa

situação piorou à medida em que houve a implantação do sistema Matrícula Fácil, via web, da Secretaria Estadual de Educação (SEEDUC), que teria o objetivo de ampliar e diversificar a oferta de vagas nas instituições escolares administradas pelo Estado do Rio de Janeiro. Essa modificação possibilitou que a escola fosse frequentada por alunos de diversos municípios do estado e não somente de Duque de Caxias.

Sob a prerrogativa da mudança de público e da falta de identificação do aluno atual, a direção verificou a necessidade de um levantamento sobre a história da Instituição e, aproveitando a ocasião do cinquentenário da escola, em 2012, juntamente com o auxílio dos integrantes do Centro de Pesquisa, Memória e História da Educação da Baixada Fluminense (CEPEMHed), produziu um “Corredor da Memória”, com informações sobre a criação da escola e seus diretores e uma sala denominada “Instituto Histórico”, onde estão dispostos documentos, objetos, fotografias que anteriormente estavam espalhados na escola, mas não possuíam um espaço específico. Houve a montagem de uma exposição permanente que, através de vitrines, organizou o acervo de acordo com documentos relacionados à administração escolar, produção e prática docente e atividades discentes das décadas de 1970, 1980 e 1990.

Esse trabalho se moveu na direção de reverter a perspectiva que o local apresentava na ocasião, sem relação direta com o alunado atual. Entendemos que um “Instituto Histórico” não se faz somente com a exposição de objetos, mas é necessário um processo de reflexão acerca deles, numa tentativa de firmar a relevância desse espaço e estabelecer relação entre ele e a comunidade escolar. As inquietações do trabalho estão justamente na compreensão de que não se deve somente apresentar a história da Instituição como algo pronto e acabado, mas propor cada vez mais ações que despertem no aluno o interesse e o reconhecimento do espaço como um patrimônio no qual ele está inserido e sob o qual pode e deve interferir.

Sabemos que a relação que o aluno pode estabelecer com o Instituto Histórico possui uma potencialidade específica que será ressignificada a partir das reflexões e experiências adquiridas. Refletindo sobre as experiências de Sônia Regina Miranda a respeito do indivíduo e os espaços museais, concordamos que nesse espaço estabelecem-se múltiplos planos de comunicação entre o visitante e os objetos que o compõe (MIRANDA, 2010). Sendo assim, entendemos que, quando há oportunidade, o aluno é capaz de construir o próprio sentido nessa relação.

É relevante que o aluno consiga compreender as diferenças entre história, enquanto ciência e memória, enquanto operação histórica. Não há como realizar experiências no âmbito do ensino de História, sem possibilitar que o aluno reflita sobre essa relação. Propusemos que

essas questões estivessem presentes no ambiente escolar através da educação patrimonial utilizando como instrumento o Instituto Histórico da escola e sua exposição permanente.

Assim, os objetivos gerais do trabalho foram a compreensão da relação que o aluno estabelece com o Instituto de Educação Governador Roberto Silveira (IEGRS) a partir da memória, analisando o que eles entendem como “patrimônio” para construir, juntamente com os alunos, um caminho reflexivo sobre as memórias do Instituto Histórico do IEGRS, tendo em vista a montagem de uma exposição que pudesse retratar o aluno atual. Para alcançarmos esses objetivos, foi necessário levar em consideração outros objetivos mais específicos, tais como: problematizar os interesses da escola em salvaguardar a memória institucional, refletindo sobre as tessituras da memória no Instituto Histórico do IEGRS; analisar as narrativas da direção, dos ex-alunos e dos alunos sobre a memória da escola, no intuito de compreender a cultura escolar do IEGRS; e, por fim, estimular os alunos a contribuírem com objetos pessoais relacionados ao espaço escolar e a criarem suas narrativas.

Vale ressaltar que as etapas realizadas em 2015 contaram com a participação de aproximadamente noventa alunos, mas ao terminar o ano, os alunos foram convidados a continuar e dezessete deles aceitaram o desafio de trabalhar na montagem da exposição, ao longo do primeiro semestre de 2016. A esses alunos denominamos “alunos-produtores”.

No primeiro capítulo, nos preocupamos em situar o leitor a respeito do local onde a escola está inserida trazendo um panorama histórico sobre o município de Duque de Caxias também com a intenção de despertar o olhar dos alunos que estavam produzindo a exposição, a respeito da história local, proporcionando um exercício de reflexão sobre o lugar onde vivem, além disso, abordamos o contexto de criação do Instituto Histórico do Instituto de Educação Governador Roberto Silveira, destacando as contribuições dos envolvidos e aprofundando questões relacionadas à seleção do acervo da exposição permanente que estava no Instituto Histórico da escola até a inauguração da exposição “Nosso Espaço, nosso tempo: diálogos sobre os tempos no IEGRS”.

Ainda no primeiro capítulo, analisamos questões relacionadas ao que pode ser considerado patrimônio cultural no Brasil, pensando no processo educativo e na escola como patrimônio. Aprofundamos as análises sobre cultura escolar no sentido de compreender também como as memórias são mobilizadas no espaço escolar e quais as contribuições da História enquanto disciplina para a relação do aluno com tantas questões inquietantes.

Em seguida, apresentamos os passos relacionados à pesquisa, analisando e descrevendo os caminhos percorridos a partir das dinâmicas vivenciadas pelos alunos, analisando as visitas ao Instituto Histórico, entrevistas, fotografias, roda de memórias

realizada com ex-alunos da instituição. Os esforços desse capítulo estão pautados em explicitar as experiências empreendidas juntamente com os alunos para justificar os elementos que foram inseridos na exposição produzida por eles.

Para finalizar, o terceiro capítulo traz a perspectiva da construção da exposição a partir da seleção realizada pelos alunos-produtores e seus olhares sobre o Instituto Histórico da escola, deixando as referências deles e mobilizando as próprias memórias, estimulando os visitantes a dialogarem com os tempos ali presentes, além de contar com as análises dos resultados da exposição. Por fim, é apresentada uma reflexão a respeito da construção do trabalho e da forma com que tocou os envolvidos, promovendo o despertar dos olhares para aquele espaço e deixando uma porta aberta para ações futuras que possam incluir toda a comunidade escolar.

1 A CULTURA ESCOLAR PRODUZIDA A PARTIR DA DIALOGIA ENTRE HISTÓRIA E MEMÓRIA

Esse capítulo busca estabelecer um elo de ligação entre os aspectos históricos da região de Duque de Caxias, com o período de sua fundação, destacando as disputas a respeito de sua nomenclatura para despertar nos alunos-produtores as reflexões a respeito da história local. Também revela aspectos históricos da formação do Instituto de Educação Governador Roberto Silveira, pois, consideramos que, para propor ações em um espaço museal localizado em uma escola que faz parte desse município, torna-se relevante trazer tal enfoque. Pensar a região e pensar a escola inserida nessa região juntamente com os alunos-produtores é válido para compreender não somente o processo de construção histórica, mas despertar nos envolvidos o olhar para o local onde vivem, fazendo-os refletir sobre essas tessituras.

Para analisar a importância a atuação do Instituto de Educação Governador Roberto Silveira no cenário educacional do município de Duque de Caxias, região da Baixada Fluminense¹ no estado do Rio de Janeiro, é preciso levar em consideração o contexto social, cultural e econômico em que a escola está inserida. Não pretendemos realizar um estudo aprofundado sobre a história do município, mas perpassar alguns dos muitos momentos relevantes para que possamos perceber, como a partir da construção desse local, os discursos sobre a escola foram incorporando sentidos ao longo do tempo.

1.1 Duque de Caxias: da história do lugar à construção do mito

A região era, ainda no século XVI, administrada pelo atual município de Nova Iguaçu. A antiga Igreja Matriz era responsável não só religiosa, mas jurídica e administrativamente pelas freguesias do Pilar, Meriti, Estrela e Jacutinga. Já no século XVII, iniciou seu processo de povoamento e, no ano de 1637, foi criada a freguesia Nossa Senhora do Pilar – atual Duque de Caxias – inicialmente como parte de São João de Meriti, da qual somente se

¹ O termo “Baixada Fluminense não é um termo oficial preciso, uma vez que não existe um consenso entre os órgãos públicos – IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) e a FUNDREM (Fundação para o Desenvolvimento da Região Metropolitana do Rio de Janeiro) – sobre a sua composição em termos de municípios. Trata-se geograficamente de uma região de planícies baixas, geralmente alagadas (Ver: BARRETO, 2004, p. 45).

desmembrou em 1931, permanecendo ainda submetida administrativamente à Nova Iguaçu, sob a nomenclatura de “8º distrito”.

A freguesia Nossa Senhora do Pilar conseguiu sua emancipação em 1943 e foi rebatizada com o nome de “Duque de Caxias”. No percurso de construção do trabalho, problematizamos a questão da nomenclatura juntamente com os alunos, pensando sobre que justificativas fortaleceram o nome Luís Alves de Lima e Silva² para rebatizar esse local?

Luís Alves de Lima e Silva, o “Brigadeiro Lima e Silva”, recebeu esse título no ano de 1842, por sua dedicação e bravura ao Império Brasileiro e ainda no mesmo ano do Governo Imperial o nomeou Comandante-chefe do Exército em operações e Presidente da Província do Rio Grande do Sul. Em 1847, assumiu a cadeira de Senador pela Província do Rio Grande do Sul.

No ano de 1862 foi elevado ao grau de Marechal-do-Exército, assumindo novamente a função de Senador no ano de 1863. No ano de 1869, Caxias foi elevado a Duque, devido aos serviços prestados na guerra contra o Paraguai. Há de se ressaltar que Caxias foi o único Duque brasileiro. Em 1875, pela terceira vez, é nomeado Ministro da Guerra e Presidente do Conselho de Ministros. Faleceu no ano de 1888.

A partir de sua breve biografia, questionamos a sua indicação para nomear o território recém-emancipado no século XX. Por que dar o nome de “Duque de Caxias” àquela região? Que implicações políticas estariam presentes nessa escolha?

Ainda no ano de 1923, em 25 de agosto, por ocasião do aniversário de nascimento de Duque de Caxias, foi instituído o “Dia do Soldado”. É importante, porém, ressaltar que, ao longo do século XX, a figura emblemática de Duque de Caxias, através da exaltação e da construção do mito, baseada em seus feitos militares, serviu para que o Exército brasileiro também se afirmasse como instituição importante para uma República³ que acabara de nascer.

² Duque de Caxias era o título de Luís Alves de Lima e Silva um general brasileiro, nascido em 25 agosto de 1803, na fazenda de São Paulo, no Taquaru, Vila de Porto da Estrela, na Capitania do Rio de Janeiro, onde atualmente encontra-se o Parque Histórico Duque de Caxias

³ Com o crescente desgaste da Monarquia, que terminou por dar passagem à República, o Exército participou da iniciativa que deveria promover o golpe que colocaria fim ao regime anterior. O escolhido foi o Marechal Deodoro da Fonseca, herói da Guerra do Paraguai, respeitado e considerado também pela Marinha. Foi, na verdade, um episódio difícil para o Marechal, afinal de contas, o Exército já havia banido do país D. Pedro I e agora estaria fazendo o mesmo com o seu filho, D. Pedro II. E mais, ele, Deodoro, era um monarquista convicto. A sua resistência em participar do golpe só foi vencida pela probabilidade de ser um civil, ou melhor, um casaca, como ele se referia aos civis, a proclamar a República. Segundo ele, era um assunto da competência dos militares. O gesto do Marechal foi precedido de um esforço muito grande: primeiro porque, sendo monarquista, assumir a vanguarda de um movimento republicano transformador de uma nova ordem política constituía um certo temor e, segundo, porque estava acamado e sofrendo fortes dores de um mal que lhe afligia na coluna. Para tanto, levaram-no de carruagem até bem próximo à tropa. Desembarcou, foi colocado com muito cuidado na garupa de um cavalo muito manso, o baio de número 6 do Regimento, para que assim

Para o novo projeto militar, era necessária uma figura que não dividisse, que fosse o próprio símbolo não só da união militar mas da união da própria nação. O candidato teve de ser buscado no Império: Caxias. O duque passou a representar a cara nacional conservadora da República (CARVALHO, 1990, p. 53).

Em suas análises sobre a criação do mito “Duque de Caxias”, a historiadora Adriana Barreto de Souza destaca que os biógrafos de Caxias também divergiam, mas, em muitas dessas narrativas, o tom que se apresenta é conservador.

A publicação em 1878 da *Vida do Grande Cidadão Brasileiro* funda uma matriz discursiva que se repete quase inalteradamente até as últimas publicações do gênero, realizadas na década de 1980. É difícil encontrar nessas páginas informações originais, e totalmente impossível deparar-se com uma imagem menos uniforme e mais conflituosa do líder das campanhas platinas. Nelas, a vida de Caxias é um deslocamento linear com um sentido previamente estabelecido. Cada etapa deve revelar a sua vocação militar. É importante não perder de vista que essa obra-marco foi escrita por um membro do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e legítimo representante do discurso conservador saquarema (SOUZA, 2000, p. 3).

Nesse sentido, percebemos que a construção do mito “Caxias” não estava somente atrelada ao militarismo, mas também ligada ao viés político, fazendo com que a sociedade enaltecesse um indivíduo. Sobre isso, Souza destaca: “O herói clássico cuja força advinha do fato de não ser humano é substituído por um homem herói de valores naturalizados”. Diante disso e, com a justificativa de Caxias ser uma figura fiel aos seus valores, a autora destaca que ele é feito “soldado-símbolo da nacionalidade brasileira” (SOUZA, 2000).

Mesmo diante das narrativas acerca da trajetória de Duque de Caxias e a construção do mito, esse posto de herói não foi tranquilamente perpetuado pois, até o ano de 1920, quem ocupava o posto de grande herói militar era o General Manuel Luís Osório, ou comumente denominado “Marquês do Herval”. Houve uma movimentação política relevante na substituição do Marquês do Herval por Duque de Caxias, mesmo que ambos tivessem grande representatividade durante o período Imperial. Uma das principais razões para tal mudança foi o fato de a elite conservadora do país tentar conter os movimentos rebeldes militares. Nesse contexto, lembramos do movimento Tenentista de 1922⁴ e que Duque de Caxias foi nomeado

gesticulasse o nascimento da República Brasileira diante da tropa que o saudaria pelo ato, tornando-se um símbolo Republicano (PINTO, PADOIM, 2003 p. 150).

⁴ O Tenentismo foi um movimento formado em geral por militares de média e baixa patente que questionavam o sistema vigente no país e que propunham mudanças no sistema eleitoral e na educação pública no Brasil durante a chamada República Velha (1889-1930).

como “patrono do Exército” um ano depois desses movimentos. Porém, somente em 1943 o Duque de Caxias passou a ser a figura exaltada como herói brasileiro.

A afirmação da figura de Duque de Caxias em detrimento a Osório não aconteceu sem discordâncias, conforme observado no documento a seguir, “Estudo sobre o patronato do Exército” elaborado pelo coronel da reserva J.B. Magalhães⁵.

O coronel Magalhães diz que a consagração de Caxias "não satisfaz aos interesses do futuro e é inadequada aos tempos modernos" (p. 235). Isso porque Caxias é um valor "essencialmente estático", enquanto Osório é um valor “eminente mutável”. Caxias e Osório seriam, portanto, dois tipos históricos e complementares. Caxias é essencialmente o chefe, Osório é o próprio Exército (p. 236). Caxias foi sempre chefe em relação a Osório, “mas este foi sempre o elemento do Exército com quem mais contava” (p. 237). Magalhães destaca que Osório sempre foi festejado espontaneamente. Sua popularidade era “inigualada”, embora o desvalimento de Caxias fosse "ingrato". Osório era amado, Caxias respeitado e admirado. A partir de 1923, o "oficialismo" teria começado a deixar Osório em segundo plano, “o que o Exército ainda menos compreendeu do que a exaltação de Caxias” (p. 239) (MAGALHÃES apud CASTRO, 2000, p. 118).

Estudos posteriores sugerem que Caxias, de postura conservadora, teria sua figura relacionada ao governo e Osório, devido à sua postura liberal teria perdido tal prestígio. Nesse sentido o herói seria politicamente construído para mostrar aos militares brasileiros que deveriam ser leais e patriotas.

Ao aprofundarmos as leituras sobre o tema percebemos os esforços para a construção de uma imagem heroica que pudesse auxiliar nos elos de identificação da população local, uma vez que, a região nasceu como território de passagem. A chamada “cidade-dormitório abrigava indivíduos interessados nos produtos vindos do interior do país como, por exemplo, o ouro das Minas Gerais e o café do Vale do Paraíba⁶.

Analisando economicamente a região, retomamos meados do século XIX, quando o transporte do ouro e de outros produtos era realizado até o Porto de Pilar, região estratégica, às margens do rio Pilar. Esse caminho era realizado de barco, da Baía de Guanabara até o porto de Nossa Senhora do Pilar, e dali os produtos seguiam para as minas. Com a implementação da ferrovia que ligou Rio de Janeiro à Queimados e posteriormente com a inauguração da estrada de ferro D. Pedro II⁷, os pontos de carga e descarga são transferidos

⁵ Texto publicado originalmente no Jornal do Comércio em agosto de 1947.

⁶ Faz-se relevante ressaltar que a partir do ano de 1870 o solo dessa região, desgastado pelo uso contínuo para a plantação do café, transferiu a produção para a região do Oeste paulista e o Vale do Paraíba e perdeu força econômica.

⁷ Estrada de Ferro D. Pedro II (atual Central do Brasil, RJ).

dos rios para a ferrovia, o que causou a decadência da região de Nova Iguaçu. Sem conservação e atenção das autoridades, os rios foram ficando cada vez mais assoreados, o que prejudicou a navegação, e, aumentou os riscos da proliferação de doenças transmitidas por mosquitos, principalmente a malária, o que acabou afastando a população do local.

Durante todos esses anos e até quase a metade do século XX, foi elevado o fluxo migratório ligado às atividades econômicas dali provenientes. Muitas foram as atividades desenvolvidas que proporcionaram ao local mudanças significativas. Cabe compreender, no entanto, que o momento de sua emancipação foi impulsionado por uma demanda de avanço industrial cujo contexto maior estava ligado às ações da Era Vargas (1930-1945), período no qual o então presidente, Getúlio Vargas, buscou promover a passagem de um país essencialmente agrário para um país urbano-industrial⁸.

O crescimento demográfico de Duque de Caxias fez com que houvesse a necessidade de uma maior organização, principalmente para uma melhor arrecadação de tributos. Sendo a década de 1940 um momento de autoritarismo, centralização e cooptação de apoios por parte do governo central, observou-se nomeações de interventores nas diversas regiões do Brasil, incluindo Duque de Caxias. Esse projeto fazia parte da reorganização do território pensada pelo governo. Mesmo diante do cenário político e, após pressões de políticos e da sociedade civil, em 1943 a região consegue sua autonomia e, no ano seguinte, se estabelece como município⁹, mas, mesmo assim permaneceu governada por interventores até o ano de 1947.

A região tem como marca, desde o início de sua ocupação e administração, a constituição de um aparato repressivo ora vinculado ao Estado, ora privatizado por particulares – empresários, políticos, comerciantes etc. A violência advinda inicialmente das disputas pela terra – que vinha sempre acompanhada pelos jagunços e capatazes das fazendas –, foi posteriormente marcada pela associação entre uma máquina política que se utilizava rotineiramente da coerção física e moral a quem a ela se opusesse e alguns grupos paramilitares que dominou, e de alguma forma ainda domina, o cenário local. (BARRETO, 2004, p. 50).

⁸ Cabe ressaltar que foi no governo de Getúlio Vargas que houve a criação da Comissão de Saneamento da Baixada Fluminense, fazendo com que até 1945 mais de seis mil quilômetros de rios fossem limpos, retirando dos seus leitos 45 milhões de metros cúbicos de terra. Com este trabalho, os rios deixaram de ser criadouros de mosquito, diminuindo em muito o número de doenças na região.

⁹ Importante saber que em 14 de março de 1931, através do ato do interventor Plínio Casado, foi criado pelo Decreto Estadual N° 2.559 o distrito de Caxias, com sede na antiga Estação de Meriti, pertencente ao então município de Nova Iguaçu. Em 31 de dezembro de 1943, através do Decreto-Lei 1.055, elevou-se à categoria de município, recebendo o nome de Duque de Caxias. Já a Comarca de Duque de Caxias foi criada pelo Decreto-Lei n° 1.056, no mesmo dia, mês e ano.

Se no Brasil o modelo político era a ditadura varguista¹⁰, há de se ressaltar que o contexto internacional estava envolto na Segunda Guerra Mundial, travada, dentre outras razões, também em decorrência do surgimento de regimes totalitários, como bem se conhece. O país participou e sentia os efeitos da guerra.

Ainda durante a guerra foi inaugurada a Fábrica Nacional de Motores (FNM), em 1942, destinada à produção de motores de aviões para fins militares. A fundação da fábrica também contribuiu para as mudanças locais e até hoje podemos observar os resquícios do seu tempo, como as chamadas “vilas operárias”. Com o fim da guerra, a FNM finda seu período militar e passa a ter função industrial, atraindo trabalhadores para a região, ampliando com isso as vilas para os funcionários.

Paulatinamente, vai crescendo a urbanização e a industrialização na região. Com todas as modificações, o aumento populacional foi inevitável, mas a estrutura do local ainda era precária. Mesmo com a instalação da Refinaria Duque de Caxias (REDUC) em 1961 e a Fábrica de Borracha Sintética (FABOR) em 1962 não havia, para os trabalhadores, uma infraestrutura que suprisse as necessidades de moradia, educação, transporte e, muito menos, lazer.

De todo processo de industrialização e mudanças na configuração do município, a região contou a partir da década de 1970 com um crescimento econômico pautado no Pólo Petroquímico e no Pólo Gás-químico que atraiu grandes empresas para a localidade. Mesmo assim a desigualdade social prevaleceu e ainda hoje existem áreas onde a população vive sem infraestrutura e à mercê das promessas dos governantes locais.

Levando toda essa discussão em consideração, problematizamos com os alunos o processo de formação do município, inserindo nos debates a história da escola. Consideramos essa etapa importante, uma vez que o próprio currículo escolar não aborda as temáticas locais, que muitas vezes ficam a cargo do professor. A motivação para o aprofundamento na história de Duque de Caxias, se deu também pela necessidade de fazer esse aluno despertar para o seu local de origem, desviando o foco das imagens massificadas pela propaganda. Em uma das conversas iniciais do trabalho identificamos que, ao pensarem o estado do Rio de Janeiro os alunos não se descolavam das imagens e paisagens veiculadas pela propaganda televisiva, que em muitas ocasiões, promove a divulgação dos pontos turísticos.

¹⁰ Estado Novo foi o regime ditatorial instituído pelo Presidente Getúlio Dornelles Vargas que perdurou entre os anos de 1937 a 1945.

Porpomos que eles indicassem imagens que melhor pudessem retratar o lugar onde vivem e recebemos as fotografias indicadas abaixo, que deram origem a um momento da exposição intitulado “#Onde_estamos?”.

Morro Azul - Covanca



Data: Maio/2015. Foto: Aluna: Yasmin

Praça Humaitá – Jardim 25 de Agosto



Data: Maio/2015. Foto: Aluna: Júlia.

Vista da Rua Toneleiros, Vila Paula



Data: Maio/2015. Foto: Aluna: Heloísa.

Ao todo recebemos quinze fotografias de diversos lugares de Duque de Caxias e discutimos conjuntamente em duas aulas de história, as mudanças ocorridas nos locais apresentados, os problemas identificados por eles e, principalmente, o que era positivo em cada local. Esse mergulho na região foi importante para despertar nos envolvidos um sentimento de pertencimento, assim como, consideramos importante para aprofundarmos as reflexões.

1.2 IEGRS: esforços para lembrar e esquecer: o discurso institucional e as demandas do tempo presente

O Instituto de Educação Governador Roberto Silveira (IEGRS) foi fundado em 12 de junho de 1962 através do Decreto Estadual¹¹ e teve como seu primeiro diretor o professor Álvaro Lopes, que permaneceu na gestão até o ano de 1968.

A escola abrigou, no ano de 1965, o primeiro curso voltado para a formação de professores da Baixada Fluminense – Curso de Formação de Professores para o Ensino Normal (CFPEN), que posteriormente se transformou na atual Faculdade de Educação da

¹¹ Decreto Estadual nº 8.272 de 12 de junho de 1962.

Baixada Fluminense (FEBEF), cujas salas ficaram cedidas até 1998, quando foi transferida para um espaço próprio.

O instituto ganhou o nome de “Governador Roberto Silveira”¹², em homenagem ao governador do Rio de Janeiro entre os anos de 1959 até 1961, ano de sua morte em um suposto acidente de helicóptero¹³. O político fazia parte do PTB (Partido Trabalhista Brasileiro) e conseguiu se eleger governador a partir de uma aliança com a UDN (União Democrática Nacional). Alguns estudiosos defendem a ideia que Roberto Silveira viria a ser sucessor do Presidente João Goulart – deposto pelo golpe que instaurou a Ditadura Civil-Militar no Brasil.

Destacamos um trecho da entrevista com o Sr. Rogério Coelho Neto¹⁴, concedida ao CPDOC no ano de 2008, em que ressalta características políticas de Roberto Silveira e indica que sua postura de pulso firme provavelmente provocaria divergências com o regime autoritário, caso ele ainda estivesse vivo à época.

No estado do Rio antigo, as expressões maiores de liderança sindical independiam do processo político vinculado ao PTB, faziam parte do Partido Comunista Brasileiro, que naquela época estava na clandestinidade. **O Roberto então apenas se aliava com as lideranças sindicais, como era do estilo do próprio Jango** — Jango tinha as lideranças sindicais sob controle, mas sem vinculá-las diretamente ao PTB. Elas pairavam acima do partido. No estado do Rio era a mesma coisa. O importante mesmo foram as lideranças estudantis que o Roberto trouxe. Naquela época não existia ainda a Universidade Federal Fluminense, havia faculdades isoladas, e a Faculdade de Direito de Niterói foi a grande escola de lideranças do estado do Rio. Todas as grandes personalidades políticas do estado passaram por lá. (COELHO NETO, 2008, p. 6, grifo nosso).

Nos surpreende o fato de a escola existir durante todo o período ditatorial, mantendo o nome de um político que teria tendências combativas ao regime. Mais ainda, nos surpreende

¹² Roberto Teixeira da Silveira (1923-1961) nasceu em Bom Jesus de Itabapoana (RJ). Nos primeiros anos da década de 1940, ingressou na Faculdade de Direito de Niterói. Ainda acadêmico, iniciou-se no jornalismo como redator no Departamento Estadual de Propaganda e como secretário no jornal Diário da Manhã. Filiou-se ao Partido Trabalhista Brasileiro (PTB) em 1945 e, no ano seguinte, foi nomeado oficial de gabinete do interventor federal no estado do Rio de Janeiro.

¹³ O que se sabe é que as evidências do acidente foram encaminhadas para serem analisadas pela Comissão Nacional da Verdade pela sobrinha de Roberto Silveira, Sra. Ana Maria Silveira. Disponível em: <<http://onortefluminense.blogspot.com.br/2014/06/roberto-silveira-foi-vitima-de-um.html>>. Acesso em: 20 jan. 2016 às 16:11h.

¹⁴ Rogério Coelho Neto nasceu em São Gonçalo (RJ) em 13 de abril de 1936. Começou a Faculdade de Direito de Niterói, mas não concluiu o curso. Iniciou a carreira no jornal fluminense Diário do Comércio no fim dos anos 50. Em 1960, começou a trabalhar na sucursal do Jornal do Brasil em Niterói e atuou na assessoria de imprensa de vários governos estaduais, desde Roberto da Silveira até Raymundo Padilha. Com a fusão, em 1975, transferiu-se para o Rio de Janeiro. Continuou no Jornal do Brasil, onde foi subeditor de política, até 1990. Passou por Brasília como coordenador de imprensa de Renan Calheiros no Congresso e hoje é superintendente de Comunicação Social da Petrobrás. Seu depoimento foi concedido a Marieta de Moraes Ferreira e Américo Freire em 26 de março de 1998.

ainda hoje não existir no ambiente escolar nenhuma fotografia exposta do político, com explicações sobre quem foi e o que realizou. Esse tipo de informação não está disponível sequer no Instituto Histórico da escola e os alunos, quando perguntados, desconhecem a sua trajetória.

Entre os anos de 1964 e 1968, período no qual a própria região da Baixada Fluminense foi permeada por violência, intimidação e coerção relacionadas à implementação da Ditadura Civil Militar, observa-se um crescimento significativo da instituição que passa a oferecer também as seguintes modalidades de ensino: Curso de Jardim de Infância e Cursos Primário, Ginásial e Normal. A escola teve a sua sede afixada no bairro de 25 de agosto, um dos lugares mais privilegiados da região desde a década de 1950, conforme destaca o professor Antonio Augusto Braz:

No centro da sede municipal do distrito de Caxias, o bairro 25 de Agosto veio a se configurar a partir da década de 50, no mais equipado e servido de benefícios urbanos da cidade, obrigando a parcela abastada da população duque-caxiense que encontrava em sua área calçada, saneada e planejada o assentamento que aspiravam a partir de sua ascensão social (BRAZ, 2006, p. 96).

Compreendemos, portanto, a partir dessa e de outras narrativas que o público do IEGRS nessa ocasião era formado pelos filhos e filhas dessa parcela da população que o autor destaca como “abastada”. O processo de seleção contava com sorteio para a educação infantil, mas, para o restante dos seguimentos, era exigido um exame de admissão.

A escola mantinha seu diferencial ao oferecer o curso de formação de professores, o chamado Segundo Grau Normal e era muito procurado à época. Mas, e na década de 1960, o que significava ser “normalista”? Para respondermos essa questão, faz-se necessário remontar os aspectos históricos da formação dos Institutos de Educação que, segundo Bastos, ainda no século XIX tiveram o seguinte objetivo:

A criação da escola normal se dá num momento marcado por forte idealização da educação que se caracterizou por **uma crença ilimitada no poder civilizatório da instrução**. A difusão das luzes se tornava para aqueles dirigentes o complemento indispensável da ação coercitiva exercida pelo Estado e a instrução pública, pelo seu potencial organizativo e civilizatório mereceria atenção especial, pois permitia – ou deveria permitir – que o Império se colocasse ao lado das Nações civilizadas (VILLELA apud BASTOS, 1999, p. 241, grifo nosso).

Partindo dessas colocações, entendemos que a articulação para a implementação das Escolas Normais no Brasil nasce da preocupação governamental em atender uma demanda externa, com vistas a se colocar ao lado das ditas “grandes nações civilizadas”. Nesse

momento, a província do Rio de Janeiro foi a primeira a fundar uma escola de formação de professores, na região de Niterói, no ano de 1835.

Após a primeira década da República houve uma mudança no modelo das Escolas Normais, trazendo a fundação dos Institutos de Educação, que não seriam somente lugares de aquisição de conhecimento, mas de pesquisa, de experimentações no campo educacional. A ideia era que esses Institutos de Educação oferecessem todas as etapas da educação e que as normalistas pudessem ter nesse ambiente os seus objetos de estudo. Existiam salas preparadas para a observação da dinâmica das aulas por parte daqueles que faziam o curso de formação de professores, viabilizando a prática¹⁵.

Durante os anos de 1939 e 1971, esse tipo de escola se consolida e há o fortalecimento da implantação dos cursos de pedagogia e licenciatura. É nesse período que também está inserida a fundação do IEGRS. Em 1966 iniciam-se as aulas do Curso Superior de Formação para Professores para o Ensino Normal (CEPEN), no Instituto de Educação Governador Roberto Silveira (IEGRS). Primeiro curso superior de caráter público nessa localidade. As escolas para normalistas, de nível médio, assumiram a função de formar professores primários e ao nível superior atribuiu-se a tarefa de formar os professores secundários.

A partir de 1964 reestrutura-se a educação no Brasil, definindo as funções de cada etapa educacional, onde a escola primária deveria capacitar para a realização de determinada atividade prática; o ensino médio teria como objetivo a preparação dos profissionais necessários ao desenvolvimento do país; e ao ensino superior eram atribuídas as funções de formar a mão de obra especializada.

Analisando a trajetória da escola, não nos surpreende que, para as famílias da região, o IEGRS se configurou como um local de formação do cidadão. Segundo a narrativa dos membros da direção e professores que também estudaram ali, a comunidade caxiense possuía demasiado interesse em matricular os seus filhos, uma vez que, segundo eles, conseguindo vaga na educação infantil, os alunos poderiam passar a “vida escolar” no local e, assim, sair preparados para o mercado de trabalho como professores.

Cabe destacar, conforme já exposto, que esse tipo de pensamento estava atrelado ao modelo educacional promovido na época pela própria Ditadura Civil-Militar, que valorizava a produção de mão de obra para o mercado de trabalho. Compreender o papel da escola diante

¹⁵ Durante os anos de 1932 e 1939, diante das reformas propostas por Anísio Teixeira e colocadas em prática através do decreto n.º 3.810 de 19 de março de 1932, houve a inclusão de disciplinas voltadas para a educação e principalmente prática de ensino, estruturando a escola de modo que incluísse jardim de infância, escola primária e escola secundária.

dessas demandas é importante para que se possa avaliar as rupturas e permanências dentro dela, pois é possível observar que a valorização do curso de formação de professores existe até hoje, mesmo diante das novas exigências do mercado de trabalho e modificações da política educacional. Já com vistas à produção para a exposição, provocamos os alunos-produtores a repensarem a relevância da escola na sociedade caxiense ontem e hoje e alguns deles expressaram que continuaram na escola por influência de familiares que eram ex-alunos, mas que não nutriam o desejo de seguir na profissão.

Ainda hoje a escola conta com regras e rituais que remetem ao modelo educacional da década de 1960. A cobrança com relação ao tamanho da saia do uniforme, rigorosamente medido pela inspetora na hora da entrada, a exigência do uniforme de gala nas ocasiões solenes, como a reunião das turmas para o canto do Hino Nacional e da Marcha do IEGRS três vezes ao mês, são evidências de uma cultura escolar ainda arraigada em um passado considerado pelos diretores e coordenadores como um passado de “êxito”.

Uma fala que muito nos surpreendeu no início desse trabalho foi a da diretora financeira da escola, a professora Sandra Maria:

“Muito boa essa iniciativa de resgate da história da escola, porque a maioria dos alunos nem sabe que estudam em um prédio original da década de 60. Essas janelas, por exemplo, são todas originais. Isso o aluno não sabe!”. Mas o nosso enfoque não visa fortalecer a história institucional e sim compreender a relação que os alunos e alunas da escola estabelecem com o local. Que significados esse espaço traz para os alunos e alunas? Nessa dinâmica o mais importante é dar voz a eles.

No Instituto de Educação Governador Roberto Silveira foi organizado um Instituto Histórico, através do trabalho realizado pelo Centro de Memória e História da Educação da Baixada Fluminense, órgão fundado a partir da preocupação com a preservação do espaço arquitetônico e dos acervos documental, fotográfico, bibliográfico e museológico da Escola Regional de Merity, atual Escola Dr. Álvaro Alberto, primeira instituição escolar da região, construída em 1921.

Em 2005, o CEPEMHed é formado a partir de Decreto¹⁶ e inicia as suas atividades ao final do ano de 2006. É gerido por um Conselho Deliberativo e administrado por uma Diretoria Executiva, formada por professoras da rede pública municipal e/ou estadual,

¹⁶ Decreto nº 4.805, de 23 de dezembro de 2005. Em 07 de novembro de 2008, através da Lei nº 2.223 o referido Decreto é transformado em Lei Municipal. Site CEPEMHed. Disponível em: <<https://centrodememoriadaeducacao.net.br/>>. Acesso em: 10 abr. 2016 às 16:00h.

cedidas, sem cargo comissionado, indicadas pelo Sindicato Estadual dos Profissionais de Educação do Rio de Janeiro (SEPE).

Além do acervo do IEGRS, o CEPEMHed também cuida dos acervos das escolas Dr. Álvaro Alberto, Escola Municipal Bom Retiro, Escola Municipal Jornalista Moacyr Padilha, Colégio Estadual Guadalajara, Escola Municipal Wilson de Oliveira Simões, Escola Municipal Regina Celi da Silva Cerdeira, Escola Municipal Zilla Junger, Escola Municipal Wanda Gomes Soares, Escola Municipal Barro Branco e Escola Municipal Vila Operária. Os objetivos das ações realizadas pelo CEPEMHed nessas escolas estão descritos no site do Centro de Memória e podem ser observados abaixo:

- Reconstruir a história das escolas públicas de Duque de Caxias e da Baixada Fluminense, a partir do entrelaçamento entre as memórias individuais e coletivas, da história social e política, da história da educação brasileira e da história das instituições escolares em particular.
- Pesquisar e levantar os indícios da história das escolas, dos sujeitos escolares, a partir da perspectiva de um movimento para o passado que nos possibilite a construção do presente e do futuro da instituição escolar.
- Valorizar a história das escolas públicas e da importância da preservação dos diversos suportes materiais que contribuam para reconstituir a memória da educação municipal de Duque de Caxias e da Baixada e, por extensão, do país.¹⁷

A relação entre o CEPEMHed e o IEGRS se iniciou no ano de 2008, na gestão da ex-diretora Verônica Bazílio, quando a direção da escola cedeu uma sala para que o Centro pudesse se instalar. Nesse mesmo ano os membros do CEPEMHed identificaram que na escola haviam vários documentos e objetos ainda não organizados, mas a direção já tinha ideia de estruturar um Instituto Histórico com esse material. Como contrapartida, o CEPEMHed começou a trabalhar no acervo para a construção de um espaço comemorativo. Em 2012 aproveitando as preparações para o quinquagésimo aniversário do IEGRS foi pedido pela direção a montagem de um corredor cultural e de uma sala denominada “Instituto Histórico”. Todas as ações necessárias para o desenvolvimento do Instituto Histórico foram coordenadas pelo CEPEMHed através das professoras Fatima David, Marcia Montilho, Luciana Alves, Renata Spadetti e Marcia Spadetti, que atuaram desde o levantamento de fontes até a organização dos objetos doados para a montagem da exposição permanente da escola. De fato, houve uma preocupação com a montagem de uma sala de memórias que abrigasse várias referências importantes sobre a história da escola.

Quando iniciamos o trabalho, procuramos escutar da direção e da coordenação da escola quais fatores poderiam ter motivado a construção de um espaço voltado para a

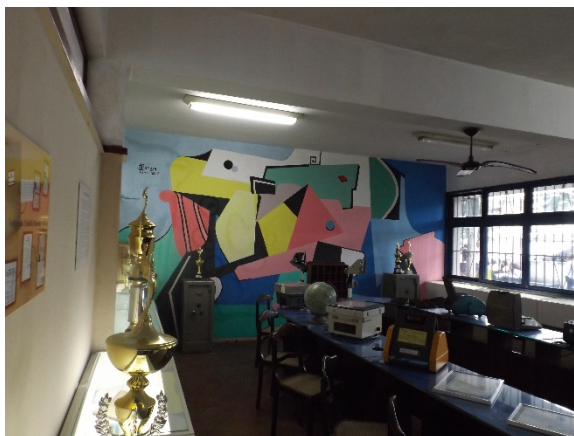
¹⁷ Disponível em: <<https://centrodememoriadaeducacao.net.br/>>. Acesso em: 01 jul. 2016 às 20:00h

memória institucional e até mesmo o por quê da escolha do nome “Histituto Histórico” e não outro. Segundo a própria narrativa da direção, existiam muitos documentos e troféus espalhados pela escola e, aproveitaram que o CEPEMHed se instalaria em uma das salas da escola efirmaram um acordo de cooperação, no qual as integrantes do Centro de Memória seriam as responsáveis por montar o espaço, higienizar e organizar o acervo da escola. Sobre a nomenclatura, destacou-se que foi uma escolha democrática entre os professores envolvidos e a direção.

Na tentativa de compreender os métodos utilizados pelo CEPEMHed para a seleção do que seria exposto, tivemos algumas conversas, nas quais as integrantes destacaram que a relevância do que foi escolhido se deu a partir dos documentos, fotos e objetos que eram disponibilizados pela escola, por professores que haviam sido alunos e demais interessados em contribuir para a montagem do local, com o objetivo de preservar a memória escolar.

Encontramos, portanto, uma sala ambientada com vitrines, onde estão expostos documentos a partir de determinados temas, tais como: “Processo de admissão”, “Atividade docente”, “Atividade discente”, dentre outros documentos das décadas de 1970, 1980, 1990. Ao centro está uma mesa que anteriormente era utilizada pela direção para realizar os conselhos de classe. Sobre ela estão expostos objetos como: mimeógrafo, retroprojeter, máquina de escrever, placas de madeira indicando as disciplinas existentes na escola que eram utilizadas nos conselhos de classe nas décadas de 1970, 1980 para identificar o professor de cada disciplina, dentre outros objetos que já haviam sido utilizados na escola. Como não há etiquetas nem fichas museológicas, ficou muito complicado contextualizar esses objetos, uma vez que não sabemos a procedência dos mesmos.

Vista da entrada do Instituto Histórico do IEGRS



Data: Março/2015. Foto: Alyne Selano

Exemplo de bancada com documentos relacionados ao corpo discente



Data: Março/2015. Foto: Alyne Selano

Plaquinhas das disciplinas utilizadas em conselhos de classe nos anos 1970 e 1980



Data: Março/2015. Foto: Alyne Selano

Nossa iniciativa principal para compreender que tipo de sentimento o Instituto Histórico do IEGRS causaria no alunado atual foi solicitar uma visita guiada pelo CEPEMHed. Os comentários dos alunos serão analisados posteriormente, mas aqui cabe ressaltar que eles não se sentiram representados naquele espaço, embora tenham demonstrado interesse em conhecer a história da escola.

O discurso do senso comum de que “a escola é boa, quem estraga são os alunos”¹⁸ certamente não se configuraria com verdadeiro, pois, se existissem ações de valorização sobre o que o aluno enxerga e o que ele pensa de sua escola, certamente perceberíamos que, se a escola é boa, com a participação, criatividade e intervenção dos alunos, ela pode ficar cada

¹⁸ Expressão do senso comum observada no dia a dia da escola.

vez melhor! Isso, os movimentos de ocupação das escolas estaduais do Rio de Janeiro nos ensinaram. Diante das mobilizações pela melhoria da qualidade da educação que impulsionou as ocupações das escolas pelos alunos, percebemos a necessidade que eles têm de se apropriar desses locais, valorizando a perspectiva que seus interesses podem até estar fora da escola, nos ambientes virtuais, por exemplo, mas também demonstram que o espaço escolar ainda é deveras significativo para sua formação enquanto indivíduo, ser social, dotado de muitas potencialidades.

Todo trabalho foi sendo construído nesse contexto de lutas e reivindicações, o que possibilitou agregar valor ao discurso que os alunos construíram a respeito do Instituto Histórico do IEGRS, além disso, um trabalho como esse também visa provocar a reflexão dos professores a respeito de suas práticas e estimular ações que propiciem a todos pensar a escola e seus significados para a sociedade atual, contribuindo para a valorização da educação como um todo.

Essa relação entre a escola e o município de Duque de Caxias possibilitou a construção de uma narrativa positivista da comunidade escolar a respeito do público que procurava estudar ali, tanto que, os alunos atuais muitas vezes se utilizam das afirmações “é uma das melhores escolas da região”, “minha família toda estudou aqui”, “meu avô veio pedir a vaga”. Essas falas também estão presentes nas análises das atividades desenvolvidas com os alunos ao longo de 2015, abrindo espaço para a reflexão sobre como a escola continuava mantendo essa imagem.

Apresentamos abaixo algumas fotografias tiradas durante um Conselho de Classe realizado em abril de 2015. Nessa ocasião, o CEPEMHed mediou uma visita para os professores novos. Atualmente a linha do tempo que se vê impressa na parede foi retirada devido às condições de conservação.

“Corredor de Memórias” do IEGRS e no detalhe, a linha do tempo contando a história da instituição



Data: Março/2015. Foto: Alyne Selano

Detalhe da porta do Instituto Histórico do IEGRS



Data: Março/2015. Foto: Alyne Selano

É interessante perceber que a porta de entrada do Instituto Histórico destaca a frase: “Grande celeiro de cultura”, demarcando mais uma vez uma imagem positivada da Instituição como um local privilegiado.

Sobre o processo de montagem do Instituto Histórico, as integrantes do CEPEMHed relataram que várias ideias foram suscitadas e muitas pessoas mais experientes da escola foram mobilizadas para ajudar, principalmente os professores que já haviam sido alunos da instituição, pois eles poderiam reconhecer as fotografias que compõem o acervo, mas que não possuem referências de ano e autor. Pensando numa melhor acomodação do material, em 2015 foi cedida pela ex-diretoria mais uma sala, que foi denominada “sala de tratamento e

guarda”, localizada no segundo andar da escola. Ao todo, atualmente, o Instituto Histórico conta com a sala de exposição e duas salas de guarda do acervo.

Mesmo com a estrutura oferecida, nossa inquietação ao ter contato com o espaço foi que não havia ali nenhuma dinâmica que pudesse tornar o uso do local relevante aos alunos que hoje frequentam a escola, seu uso estava sendo somente contemplativo.

Ao propor a relação entre Ensino de História e Educação Patrimonial, assumimos o desafio de modificar esse ambiente. Um dos fatores motivadores para se chegar ao Instituto Histórico se deve ao fato de, quando perguntados, a maioria dos alunos sequer tinha conhecimento desse espaço. A direção montou o espaço e o CEPEMHed oferece visita guiada mediante marcação por meio do projeto PALIMPSESTO, conforme descrito no *site*, mas para o aluno o lugar não passava de uma sala fechada.

O projeto Palimpsesto – Reescrita do Patrimônio Histórico-Educativo: Espaço Museal da Escola Doutor Álvaro Alberto e do Instituto de Educação Governador Roberto Silveira se propõe a mediar visitas aos espaços museais dessas escolas, proporcionando o conhecimento de suas histórias, memórias, culturas e práticas escolares, além da investigação e compreensão da trajetória da educação no período de 1920 a 1970. Durante o percurso, são apresentadas as pesquisas elaboradas a partir dos documentos garimpados no acervo das escolas, em arquivos pessoais, documentos oficiais, fontes bibliográficas, imprensa escrita e entrevistas. Por não considerarmos o espaço apenas como um palco onde se desenrolam as tramas do presente, mas um território marcado e pleno de sentido pelos sujeitos que nele atuam, recorreremos aos palimpsestos como metáfora para transitar pelos diferentes extratos de tempo que pertencem ao nosso espaço/território (*site* CEPEMHed, 2014).

Quando iniciamos as pesquisas, não existiam atividades pelos promovidas pelos professores com os alunos do Ensino Fundamental II nesse espaço. Sabemos que o quadro educacional no Brasil é complexo e que, principalmente nos dias atuais, o Governo do Estado do Rio de Janeiro tem deixado evidente o descaso com a educação e que tudo isso inevitavelmente influencia na forma com a qual o professor trabalha. Não há nada mais desmotivador do que a falta de recursos ou o fato de ter que buscar mais de uma escola para complementar a renda. Isso distancia o professor, seja da Instituição, seja dos alunos, o que dificulta trabalhos inovadores. Mas, mesmo diante desse quadro de crise e desvalorização, precisamos reforçar que o papel do professor ao estimular a formação do indivíduo é de extrema relevância na sociedade.

No caso da experiência que vivenciamos, o ensino da História ao se apropriar da educação patrimonial, tornou-se motivador para o estímulo de reflexões fora da sala de aula despertando a sensibilização do aluno e proporcionando novas experiências, ampliando as possibilidades de aprendizagens. Nesse sentido, destacamos que o papel dos professores de

História também está relacionado ao processo da formação de uma identidade do aluno, incluindo a escola como espaço de lutas, fazendo com que ele se perceba como agente histórico

É importante que novos e instigantes temas façam parte dos debates levados pelo professor aos alunos, para que eles percebam que o processo de aprendizagem é muito mais significativo do que “decorar” datas, nomes e eventos históricos. Inserir o aluno no processo de aquisição do conhecimento, despertando o seu potencial criativo, é um dos importantes papéis do professor na atualidade.

[...] a História deve contribuir para a formação do indivíduo comum, que enfrenta um cotidiano contraditório, de violência, desemprego, greves, congestionamentos, que recebe informações simultâneas de acontecimentos internacionais, que deve escolher seus representantes para ocupar os vários cargos da política institucionalizada. Esse indivíduo que vive o presente deve, pelo ensino da História, ter condições de refletir sobre tais acontecimentos, localizá-los em um tempo conjuntural e estrutural, estabelecer relações entre os diversos fatos de ordem política, econômica e cultural [...] (SEGALA, 1997, p. 20).

Os professores seriam, portanto, os viabilizadores de uma transformação para uma apropriação desses espaços por parte dos alunos, contribuindo, assim, para responder uma demanda do tempo presente e não reproduzindo vozes do passado. Pudemos perceber que atualmente o jovem compreende a importância da escola, principalmente após a tomada das escolas em São Paulo, quando o então governador Geraldo Alckmin propôs o fechamento de 94 escolas. Se anteriormente existiam dúvidas quanto a conexão que os alunos possuem com o espaço escolar, esses eventos de mobilização mostraram que a escola é sim relevante para o aluno.

Os estudantes se mobilizaram e ocuparam as escolas e se apropriaram positivamente desse espaço, dando exemplo para outras ações que mobilizaram os alunos de várias partes do Brasil, incluindo os alunos do próprio IEGRS, que saíram às ruas para manifestarem seu descontentamento com o descaso que impera na educação brasileira atual.

Conforme podemos verificar na fotografia selecionada abaixo, em março de 2016 os estudantes do IEGRS e a rede estadual em geral, organizaram uma manifestação na Praça do Pacificador, Centro de Duque de Caxias, com a intenção de denunciar o abandono das escolas estaduais no Rio de Janeiro.

Manifestação dos alunos do IEGRS na Praça do Pacificador, Centro de Duque de Caxias, contra as condições das escolas estaduais no Rio de Janeiro



Data: Março/2016. Foto: Aluna Juliana Laterza

Nesse processo de reconhecer-se como cidadão, é importante também auxiliar o aluno a entender a necessidade de construir pontes relacionando os assuntos e conteúdos históricos ao processo de construção da história, a entender a dinâmica do trabalho incansável do historiador em preencher determinadas lacunas com suas hipóteses e críticas às fontes. O professor deve se preocupar em viabilizar a aprendizagem onde o aluno se perceba protagonista da história. Essa tomada de consciência é de suma relevância para que a disciplina cumpra o seu papel crítico, instigante.

Há que se considerar, no entanto, que nos processos de ensinar e aprender história estão implicados três elementos indissociáveis, quais sejam: a natureza da história que se escolhe ensinar, com seus conceitos, dinâmicas, operações, campos explicativos; as opções e decisões sobre aspectos de natureza metodológica, a transposição didática ou o “como ensinar”; e a especificidade da aprendizagem histórica, que pressupõe o desenvolvimento de estratégias cognitivas, de noções e conceitos próprios dessa área de conhecimento com vistas à construção do pensamento histórico por crianças, jovens e adultos (CAIMI, 2009, p. 8).

Complementando o que defende Flavia Caimi, compreendemos que a História, enquanto disciplina, deverá operar dentro e fora do espaço escolar, mediante um trabalho comprometido do professor, que deve estar ciente do seu papel. Os interesses desse trabalho estão comprometidos com a atividade docente e, principalmente, com a responsabilidade de problematizar questões relacionadas à história sempre refletindo sobre o que se ensina. Enfim, transformar os debates em momentos de interação e valorização da criatividade; propor

questões que despertem no aluno consciência para os problemas da sociedade; inserir o aluno no contexto da história da escola, através do contato com as memórias; e proporcionar ao aluno “o fazer histórico” e tirá-lo da passividade.

Sendo assim, ao propor modificar esse Instituto Histórico que está dentro da escola sob uma perspectiva da visão do aluno atual, o que pretendemos foi mostrar que novas propostas educacionais são importantes para estimular o engajamento do aluno, tornando o lugar onde se questiona, problematiza e busca respostas, ou seja, um lugar onde se faz história. O resultado dessa imersão em questões latentes e relevantes, tanto para a escola quanto para a sociedade em geral, pode ser comprovado na exposição a partir de objetos selecionados, narrados e ressignificados por eles. Afinal, como destaca Francisco Régis Ramos:

Sem reflexão sobre os objetos, esmigalha-se o potencial inovador e criativo do museu histórico. Em seu lugar, fica apenas a repetição de modelos oriundos da “biblioteca-convento” e da “disneylândia cultural”. O museu que não tem compromisso educativo transforma-se em depósito de objetos, ou vitrines de um shopping center cultural. (RAMOS, 2004, p. 134).

A dinamização desse lugar é o caminho para que ele seja tomado por quem lhe é de direito, os alunos, e que eles sejam multiplicadores de ações relacionadas às suas vivências no espaço escolar, para que a escola não seja vista desconectada do aluno e produza um sentimento de posse, promovendo atuações positivas.

1.3 Cultura escolar, patrimônio e educação patrimonial: aspectos relevantes

O contato com as inquietações que relacionam o patrimônio à educação levantou as discussões a respeito do que seria considerado um patrimônio. A partir da reflexão dos diversos autores já engajados nesse tema, buscamos compreender as contribuições históricas que permitiram uma espécie de alargamento do significado do termo, proporcionando debates ainda mais interessantes que, ao longo do tempo, foram ganhando visibilidade nas pesquisas acadêmicas e contribuindo para fomentar muitas ações educativas na área patrimonial.

Partindo do início do século XX no Brasil, traçamos a perspectiva do que vem a ser “patrimônio cultural”, pois, nesse momento, existiu uma clara preocupação governamental em promover ações que pudessem salvaguardar um patrimônio classificado como “nacional” e

uma tentativa de valorizar o país sob a ótica nacionalista, a partir das iniciativas do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (SPHAN).¹⁹

Durante muito tempo a ação do Estado ficou restrita à preservação daquilo que comporia o conjunto dos símbolos formadores da nacionalidade, tais como o patrimônio edificado e as obras artísticas ligadas à cultura erudita (composições, escritos, pinturas, esculturas, etc.). O papel de guardião da memória nacional englobava atribuições de manutenção de um conjunto restrito de manifestações artísticas. As manifestações populares deveriam ser registradas e resgatadas dentro do que poderia ser classificado como o folclore nacional (CALABRE, 2007, p. 9).

Essa perspectiva se alterou ao longo do tempo, como é perceptível na orientação da UNESCO (Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura) sobre a ampliação e o sentido do termo “patrimônio cultural”, para que políticas públicas pudessem ser implementadas, respeitando a soberania de cada país, mas levando em consideração o hibridismo cultural. Tal fato, aliado às modificações presentes na própria dinâmica das sociedades ocidentais, trouxe novas abordagens para a noção de patrimônio na atualidade, ampliando o conceito e as disputas relacionadas à apropriação dos mesmos pelos grupos sociais. Lia Calabre discorre sobre o assunto, comentando sobre as políticas relacionadas ao patrimônio cultural:

Um dos possíveis caminhos a serem seguidos nesse processo de construção de políticas de longo prazo é o do envolvimento dos agentes atingidos por tais políticas. O país vive hoje um movimento contínuo de construção de projetos coletivos de gestão pública nas mais variadas áreas. São cada vez mais atuantes os conselhos que contam com a participação efetiva da sociedade civil. Os produtores, os agentes, os gestores culturais, os artistas, o público em geral, também vêm buscando formas de participar e de interferir nos processos de decisões no campo das políticas públicas culturais. Ressurgem movimentos de valorização das manifestações culturais locais que incentivam tanto a redescoberta dos artistas da comunidade, como de novas formas de produção artístico-culturais (CALABRE, 2007, p. 13).

Para entender o que é patrimônio cultural também é importante ter em mente a diversidade dos grupos sociais e suas particularidades. Portanto, é preciso levar em consideração quais os interesses desses grupos em se afirmarem dentro da sociedade, afinal, como ressalta Nestor Canclíni: “se é verdade que o patrimônio serve para unificar uma nação,

¹⁹ Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional criado no ano de 1937, subordinado ao Ministério da Educação, tinha como função nortear as políticas pelas noções de "tradição" e de "civilização", dando especial ênfase à relação com o passado. Os bens culturais classificados como patrimônio deveriam fazer a mediação entre os heróis nacionais, os personagens históricos, os brasileiros de ontem e os de hoje. Essa apropriação do passado era concebida como um instrumento para educar a população a respeito da unidade e permanência da nação. adaptado de: <<http://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/AEraVargas1/anos375/EducacaoCulturaPropaganda/SPHAN>>. Acesso em: 19 out. 2015 às 20:26h.

as desigualdades na sua formação e apropriação exigem que se o estude, também, como espaço de luta material e simbólica entre as classes, as etnias e os grupos” (CANCLINI, 1994, p. 97).

É evidente que nos últimos anos houve um aumento da preocupação por parte das instituições em estabelecer lugares relacionados à memória, seja institucional ou ligada a grupos específicos. Verificamos é um “*boom de memória*”, na tentativa de fomentar determinadas reivindicações e espaços na sociedade.

Acreditamos que a formação de um espaço que se autodenomina “Instituto Histórico” da escola e a exposição do cinquentenário da escola, que tiveram como premissa para sua criação a exaltação da memória institucional, se encaixam na perspectiva de promover e afirmar a escola como patrimônio. Isso viabilizaria a consolidação de um processo identitário local. Um problema identificado está no fato que, se o patrimônio para determinada vertente serve para o desenvolvimento local e se ele só se afirma a partir da participação consciente e efetiva da comunidade no qual ele se insere (VARINE, 2012), então questionamos por que os alunos não foram inseridos nas dinâmicas de montagem do Instituto Histórico do IEGRS?

Pensando no processo educativo que envolve a incorporação do patrimônio como um instrumento de reflexão histórica, destacamos que, para o aluno, é interessante compreender: o que é patrimônio cultural? A escola pode ser considerada um patrimônio? Que referências relacionadas ao patrimônio estariam evidentes na escola? Quais objetos poderiam estar ali expostos? Que tipo de discurso poderia estar presente no Instituto Histórico do IEGRS?

Num primeiro contato com o Instituto Histórico, ainda sem os alunos presentes, inevitavelmente pensamos a relação entre os objetos e ambiente: como foi realizada a seleção do que estava exposto? Por que razões? Qual a intencionalidade do que estava sendo revelado naquele espaço? Utilizando as proposições de Francisco Régis L. Ramos, destacamos:

[...] E, como se sabe, ao assumir a condição de objeto exposto, qualquer objeto entra em metamorfoses que dependem dos modos pelos quais as memórias são historicamente constituídas. **Afinal, o museu não se define simplesmente como lugar de guardar e expor artefatos. Antes de tudo, o que acontece no espaço museológico é a metamorfose de objetos, em simbiose com o poder da memória e a memória do poder, nas suas mais variadas manifestações.** (RAMOS, 2004, p. 114, grifo nosso).

Com relação à educação patrimonial, sabemos que ele pode ser um instrumento de “alfabetização cultural” que possibilita a leitura do mundo que o rodeia, levando-o a compreender o “universo sócio-cultural e a trajetória histórico-temporal em que está inserido” (HORTA, GRUMBERG, MONTEIRO, 1999, p. 6). A educação patrimonial seria, portanto,

uma prática que auxiliaria o aluno a perceber que podem existir diálogos e conhecimentos sem que estes estejam necessariamente dentro da escola.

O uso do termo “educação patrimonial” ganhou força no Brasil a partir da década de 1980²⁰ e, para Maria de Lourdes Parreiras Horta, a conexão entre patrimônio e educação seria a responsável por auxiliar na formação da cidadania, à medida que os grupos envolvidos se sentissem representados.

Nesse sentido, para Horta, a partir de um processo de descoberta, a experiência direta em museus possibilitaria aos envolvidos o conhecimento, a apropriação e a valorização de sua herança cultural. Porém, vamos além e afirmamos que não somente isso, essas experiências podem de sobremaneira despertar a consciência do indivíduo enquanto ser humano inserido em um meio social que necessita de suas reflexões e intervenções. Horta fala em “preservação”, nós acreditamos em “ação”.

Decerto, a definição do patrimônio brasileiro não está relacionada somente aos objetos ditos históricos, aos monumentos e centros protegidos pelos órgãos governamentais, ela vai além, através das festas, rituais, saberes, do que se produz e se vivencia nas escolas também. E é sob essa perspectiva, de um patrimônio escolar produzido e reconhecido pelos alunos como tal, que desenvolvemos o trabalho de intervenção dos alunos no Instituto Histórico do IEGRS através da montagem de uma exposição com o que eles consideram relevante para tal. Nesse momento, o protagonismo, a decisão de lembrar/esquecer veio do grupo envolvido, de acordo com a sensibilidade adquirida durante todas as dinâmicas realizadas.

Vale lembrar que, para que o processo de identificação se tornasse eficaz em seu propósito, ao longo do ano de 2015 realizamos a integração e participação dos alunos em reflexões, problematizações e dinâmicas nesse espaço, com o intuito de tornar o Instituto Histórico do IEGRS um local utilizado por eles, nas mais diferentes atividades que se possa promover posteriormente. Foi necessário um esforço conjunto para compreender os métodos, linguagens e discursos envolvidos no processo de construção do espaço, reacendendo questões acerca da memória do poder e do poder da memória e da problematização sobre os discursos produzidos pelos atores envolvidos (CHAGAS, 2011). Sob essa perspectiva, sabemos que a direção e a coordenação apresentam um discurso saudosista que busca afirmar uma visão da escola advinda dos primórdios de sua fundação, para demarcar um espaço de

²⁰ Segundo Maria de Lourdes Parreiras Horta, essa preocupação com educação patrimonial foi demonstrada no Seminário sobre o “Uso Educacional de Museus e Monumentos”, realizado em julho de 1983, no Museu Imperial, em Petrópolis, RJ.

importância no cenário educacional e se afirmar como patrimônio da região, intenção essa que pode estar representada na exposição do Instituto Histórico.

A ideia foi proporcionar ao aluno o contato com um espaço *musealizado* dentro da escola, problematizando, inclusive, a própria denominação atribuída ao local, refletindo sobre o que seria um “instituto histórico” ou um “museu” destinado a explicitar as memórias da escola, pois, segundo Mario Chagas (2011), um museu é um espaço onde se formam elos poéticos entre a memória e o esquecimento, entre o eu e o outro, elos políticos entre o sim e o não, entre o indivíduo e a sociedade. Durante a pesquisa, adotamos a nomenclatura oficial da escola, mas, entendemos que, é necessário problematizar essa construção juntamente com o aluno, para que ele perceba que houve uma ampliação do que se entende como museu e que esse é um campo de disputas. Sabemos que a mudança da percepção a respeito do que vem a ser um museu, juntamente com as novas demandas educacionais, atrelou a educação ao museu, numa iniciativa de se trabalhar com a história escolar sob o olhar do patrimônio. Sobre essa ampliação das categorias relacionadas aos museus, destaca Mario Chagas:

O fenômeno da ampliação da diversidade museal trouxe a erosão das tipologias museológicas baseadas em disciplinas e acervos, o alargamento do espectro de vozes institucionais, a flexibilização das narrativas museográficas de grandes sínteses nacionais ou regionais, a experimentação de novos modelos museológicos e museográficos, a disseminação de museus e casas de memória por todo o país. A democratização da tecnologia museu implicou a apropriação (ou a antropofagia) dessa ferramenta por diferentes grupos étnicos, sociais, religiosos e familiares com o objetivo de constituir e institucionalizar as suas próprias memórias (CHAGAS, 2005, p. 20).

Para as nossas discussões, foi importante que o aluno se apropriasse da percepção de construção desses espaços e que percebesse que a escola está inserida nesse movimento de tentativa de preservação. Porém, o lugar destinado às memórias da educação, na nossa percepção, não deve ser estático, mas precisa ser um espaço dinâmico, criativo e que contribua para o processo de ensino/aprendizagem.

Para a História enquanto disciplina, esse espaço poderia ser utilizado para tratar a questão da sensibilização do olhar para a escola enquanto espaço de representatividade, para compreender a formação da escola como instituição dentro da própria região de Duque de Caxias, numa abordagem relacionada à história local ou também abrir possibilidades para a análise de como esse aluno estabelece a relação entre presente-passado através da dinâmica com, por exemplo, o mimeógrafo e a impressora, a máquina de escrever e o computador. São inúmeras possibilidades que se abrem no exato momento em que os alunos passem a mobilizar aquele espaço, que, inclusive, pode e deve ser explorado por outras disciplinas. Ora,

se a escola é um espaço dinâmico, de mudanças, criatividade e produção, um “museu escolar” não pode acompanhar tal ritmo? O que impediria tal conexão entre aluno e museu?

Ao pensar as categorias de museus escolares, utilizamos as definições de Margarida Louro Felgueiras (2010), que, mesmo tratando do contexto europeu, mais especificamente português, nos ajuda a pensar a relação entre museu e escola. A autora classifica os museus de educação escolar em três categorias: o museu pedagógico, o museu escolar e o museu propriamente de educação. Os museus relacionados à educação são os que tratam das características da história da educação numa determinada região; os museus pedagógicos são espaços que permitem o estudo e a comunicação do acervo da história da educação; e os museus escolares são constituídos pelo acervo de uma determinada escola. Nos apropriamos da concepção de “museu escolar” para tecermos as discussões a respeito do Instituto Histórico do IEGRS, sua formação e sua relevância para o aluno atual.

No Brasil, a historiadora Vania Maria Siqueira Alves em sua tese de doutorado elabora estudo aprofundado sobre as categorias abarcadas pelos museus escolares e define museu escolar como um lugar com funções museológicas, vinculado a uma instituição de ensino e com função de recurso de ensino e/ou preservação da memória da educação escolar²¹. (ALVES, 2014).

Não há, portanto, um modelo de museu escolar, muito menos critérios estabelecidos, sendo encontrados museus que são constituídos a partir do processo de criação, natureza, missão e tipos de coleções. Mesmo diante da diversidade apresentada pelos museus escolares, é importante destacar a ação educativa como primordial aos museus escolares e, não somente as atividades pedagógicas devem ser desenvolvidas nesses locais, mas deve-se atentar para todas as funções do museu (preservação, comunicação, documentação e pesquisa) e sua relação com o processo de aprendizagem (ALVES, 2014).

Questionamos, portanto, a função do Instituto Histórico do IEGRS e sua exposição permanente desde o ano de 2012 diante da sua dependência ao CEPEMHed que distancia a comunidade escolar dos processos de pensar e repensar esse espaço musealizado. Diante disso encontramos relevância no percurso desse trabalho, pois, compreendemos que os museus são espaços destinados ao que é humano e são excelentes espaços para reflexão e sensibilização (CHAGAS, 2007). Caminhando com eles, buscamos compreender como as escolhas ali determinadas aconteceram – Por que? Por quem? Com qual intenção? E problematizamos se ali caberiam as memórias dos alunos atuais.

²¹ Em sua tese Vânia Maria Siqueira Alves realizou levantamento a respeito dos museus escolares entre os anos de 2012 a 2015 e listou 115 museus escolares no Brasil.

Nesse sentido, foi necessário valorizar o processo de ensino/aprendizagem proporcionado pela relação com o Instituto Histórico do IEGRS, pois compreendemos que é através desse contexto que o aluno pode vir a transformar os saberes e incorporá-los. O processo de aprendizagem envolveu também questões sobre a memória, uma vez que compreendemos a mudança de paradigma na sociedade atual. Se para os Estados Nacionais modernos do século XIX e sua perspectiva homogeneizadora era importante manter viva a memória nacional, atualmente percebemos que a relação entre história e memória está se modificando, abrindo espaço para questionamentos.

Essa história-memória, a despeito das particularidades de cada contexto, desempenhou um papel central na construção do nacional e, por conseguinte, da construção do sentimento de pertencimento a essa marca identitária. A história e o seu ensino se apresentavam, dessa forma, como guardiães importantes da identidade nacional, concebida até então como um elemento unificador e homogeneizador das diferenças regionais, políticas, sociais e culturais, consideradas indispensáveis para a construção e manutenção dos Estados-Nacionais modernos. Até época relativamente recente não havia, pois, espaço para questionamento ou problematizações desta forma de significar esse tipo de relação (GABRIEL, 2006, p. 24).

Com isso, a memória deixa de estar enraizada em um projeto político de formação da nação e passa a permear as relações, sendo requerida individualmente ou por grupos. Dentro desse contexto, destacamos também as modificações anteriormente citadas a partir do significado de “patrimônio cultural” no processo de construção histórica na sociedade. Nesse trabalho, relacionamos a noção de patrimônio cultural desenvolvida pelos alunos e utilizamos a educação na tentativa de compreender a formação da identidade desses alunos em sua relação com a escola.

Mais do que nunca a escola tem se mostrado um campo aberto. Além de sua representatividade como patrimônio, é importante que o aluno atual compreenda que esse espaço está ligado a um processo de formação de identidade. A contar pelas mobilizações e ocupações das escolas estaduais²², inicialmente no estado de São Paulo e recentemente no Rio de Janeiro, podemos perceber que as reflexões existem e que eles estão imbuídos em provocar as mudanças necessárias para melhoria desse espaço, se responsabilizando por ele.

Como professora da rede pública estadual do Rio de Janeiro, pude repensar todo esse contexto educacional e possibilitar aos meus alunos do Instituto de Educação Governador

²² Em São Paulo foram ocupadas cerca de 200 escolas e no Rio de Janeiro tivemos o quantitativo de aproximadamente 70 escolas ocupadas, no momento em que escrevemos a dissertação. Disponível em: <<http://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/2015/12/chega-200-o-numero-de-escolas-ocupadas-em-sp-diz-secretaria.html> e <http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2016/04/com-quase-70-escolas-ocupadas-rio-ter-ferias-em-maio-e-aula-nos-jogos.html>>. Acesso em: 2 jul. 2016 às 16:00h

Roberto Silveira uma experiência para que pudéssemos conjuntamente analisar o papel da escola em nossas vidas. Nessa perspectiva me incluo, pois pude lançar um outro olhar sobre esse ambiente e refletir sobre a dinâmica ali existente. Se, anteriormente, minhas aulas e meu olhar estavam voltados para a sala de aula, para o conteúdo e avaliações, pude reeducá-lo para olhar e perceber que os alunos são indivíduos que devem ser percebidos em toda sua complexidade.

A intenção desse caminho traçado foi oportunizar a vivência e as experiências através do conhecimento, não somente de uma história institucional, mas da compreensão das tessituras dos discursos produzidos no Instituto Histórico, possibilitando que esse aluno desenvolvesse autonomia, um espírito crítico que fosse capaz de reconhecer o espaço escolar como um lugar de tensões relacionadas à memória, história e patrimônio, provocando, inclusive, inquietações relacionadas também ao seu lugar de memória, sua identidade e pertencimento.

Entendemos que é importante destacar que a escola enquanto instituição também opera com o lembrar e o esquecer, conforme destaca Icléia Thiesen quando retoma o conceito defendido por Foucault: o saber-poder:

Não podemos nos contentar em dizer que o poder tem necessidade de tal ou tal descoberta, desta ou daquela forma de saber, mas que exercer o poder cria objetos de saber, os faz emergir, acumula informações e as utiliza (FOUCAULT apud THIESEN, 1993, p. 141).

Nesse sentido, as ações dessa instituição obedecem a padrões e, mesmo que procuremos compreendê-la como um organismo vivo, não podemos ignorar que ela faz parte de uma organização maior, ligada a um sistema de ensino que possui suas próprias intenções perante a sociedade.

Com isso, buscamos historicizar a escola, compreender seus ritos, conduta e dinâmica, enquanto instituição que está envolvida com uma série de responsabilidades, tais como a burocracia advinda da máquina do estado, um modelo de ideologia educacional que promove a inserção de um currículo que já é fruto de lutas e debates, além das suas atividades cotidianas. Há de se ressaltar, nesse contexto, as reflexões a respeito da cultura escolar que se constrói diariamente, diante da afirmação tanto do aluno quanto da escola enquanto objeto histórico. Sobre a cultura escolar, destaca Dominique Julia:

[...] poder-se-ia descrever a cultura escolar como um conjunto de normas que definem conhecimentos a ensinar e condutas a inculcar, e um conjunto de práticas que permitem a transmissão desses conhecimentos e a incorporação desses

comportamentos; normas e práticas coordenadas a finalidades que podem variar segundo as épocas [...] (JULIA, 2001, p. 2).

Para mergulhar nesse universo escolar, foram consideradas também as proposições a respeito da cultura escolar com o intuito de ressaltar as potencialidades interacionistas desse espaço, uma vez que, para André Chervel, o sistema escolar é dotado de um poder criativo que desempenha um papel primordial na formação do indivíduo. Segundo o autor, o sistema escolar “[...] forma não somente os indivíduos, mas uma cultura que vem por sua vez penetrar, moldar, modificar a cultura da sociedade global” (CHERVEL, 1990, p. 184). Para esse autor, a escola não é vista somente como uma instituição que estabelece regras e normas, aplicando o que é proposto pelos órgãos educacionais que decidem os rumos da educação no país, mas também um organismo vivo, com uma dinâmica peculiar que inclui um caminho traçado para escrever a própria história.

Mais do que isso, o conceito de cultura escolar é destacado no decorrer do processo de pesquisa e análise do ambiente no qual estamos inseridos diariamente, justamente na tentativa de construir uma reflexão sobre os saberes presentes na escola. É importante que os próprios alunos percebam que esse não é um lugar de reprodução dos saberes, mas um lugar de criação, onde a mobilização desses alunos produzirá uma dinâmica produção de saberes próprios. Durante muito tempo a escola foi vista como multiplicadora e simplificadora de saberes científicos, por isso, discutir a cultura escolar auxilia a percepção desse aluno para que ele valorize a escola como espaço produtivo e dotado de significados.

Levando em consideração as reflexões de Chervel, percebemos que o Instituto Histórico do IEGRS é parte integrante da cultura escolar, evidenciando o caminho que a educação percorreu naquele espaço e refletindo os padrões educacionais da cidade de Duque de Caxias. Com isso, mergulhamos no acervo e nas seleções dos documentos, procurando compreender os discursos e narrativas do local.

A escola também tem como função a inserção do indivíduo em um determinado espaço, de modo a colocá-lo em contato com um processo de construção e reelaboração do conhecimento que, mesmo sendo previamente selecionado, proporciona o desenvolvimento de múltiplos saberes.

Temos, portanto, duas vertentes discutíveis, sendo a cultura escolar como objeto histórico e vista como um conjunto de práticas que levam o aluno a compreender e assimilar normas e práticas determinadas por agentes externos, tais como o governo e seu projeto educacional, por exemplo. E a que mais nos encanta quando se trata de cultura escolar, aquela

que, independente de quaisquer esforços externos, nasce numa dinâmica diária que envolve as ações dos indivíduos que dela se apropriam. Pois para Jean-Claude Forquin:

[...] a cultura é o conteúdo substancial da educação [...]. A educação não é nada fora da cultura e sem ela. [...] reciprocamente, dir-se-á que é pela e na educação [...] que a cultura se transmite e se perpetua (FORQUIN, 1993, p. 14).

Sabemos que a escola, enquanto instituição, precisa atender às diversas demandas que englobam as intenções governamentais, as opiniões da sociedade em geral e as necessidades da comunidade escolar, cada qual depositando na escola uma gama de expectativas. Mas, ressaltamos que essa instituição, que recebe crianças e adolescentes todos os anos, precisa, prioritariamente, pensar a educação oferecida, sem afastar o olhar sobre o corpo discente, suas características, seus anseios e suas necessidades.

Diante dessa perspectiva, relacionamos a cultura escolar ao patrimônio existente no espaço escolar e consideramos a importância de problematizar: qual é a imagem do IEGRS que se deseja perpetuar a partir do acervo do Instituto Histórico? Quais as intenções intrínsecas ao desejo de se produzir um espaço específico destinado ao patrimônio? Que objetos estão ali expostos? Quais os critérios estabelecidos em tal seleção? Que leitura os alunos conseguem fazer do Instituto Histórico do IEGRS? Ele se vê representado nesse espaço? Ou não se vê? Toda essa discussão teve como objetivo desconstruir e ressignificar a relação que esse aluno, enquanto sujeito, estabelece com a escola.

[...] novas demandas de aprendizagem nos são colocadas pelas especificidades do nosso tempo. **Vivemos numa sociedade com ritmo de mudança muito acelerado e que requer conhecimentos e habilidades em múltiplos domínios**, exigindo dos professores e estudantes uma capacidade de integração e relativização de conhecimentos que vai muito além da mera assimilação mecânica de informações. (CAIMI, 2009, p. 13-14, grifo nosso).

Os esforços em trabalhar questões sobre história e memória atreladas ao campo educacional estão focados nas experiências dos alunos dentro do Instituto Histórico, para que eles percebam que um museu é um local que pode abraçar muitas referências, incluindo as suas próprias referências, e passem a desnaturalizar a ideia da sacralização dos museus. Sendo assim, a educação patrimonial pode atuar no desenvolvimento de um espírito crítico do aluno, possibilitando que ele amplie tais reflexões para qualquer outro museu com o qual ele tenha contato.

Em se tratando da escola no processo de formação cidadã, através da sua função interacionista, percebemos que ela necessita, na relação com a comunidade escolar, construir

traços de identificação. É nesse espaço que o aluno encontra a diversidade cultural necessária para construir suas referências, incorporando-as a outras já adquiridas em outros grupos, a fim de afirmar a própria identidade. Apresenta-se, a partir dessa necessidade, a prerrogativa dos cuidados com o patrimônio desse lugar.

Como qualquer atividade humana, a educação escolar utilizou e produziu artefactos, gestos, lugares concretos e simbólicos, alojados na sociedade e na mentalidade de cada época e com ela mantendo a osmose, que lhe permita existir. Conservar, conhecer, criticar e comunicar a herança da atividade educativa, hoje indispensável nas nossas sociedades, exige investigação histórica e cuidados específicos. **Conservar os arquivos escolares e musealizar objectos da actividade escolar aparecem como tarefas que os historiadores da educação não podem descuidar** (FELGUEIRAS, 2005, p. 87, grifo nosso).

Diante dessa abordagem, a autora destaca o papel do historiador em também voltar o seu olhar para o que é produzido na escola com o objetivo de materializar a cultura escolar, compreendendo as relações existentes nesse espaço como relações históricas, promovendo a construção de uma identidade escolar que irá contribuir para ações futuras. Foi necessário, assim, trabalhar analisando as vozes que ali ecoam: direção, CEPEMHed, ex-alunos, alunos atuais, sem desconsiderar que, em cada uma delas, existem intenções determinadas pela posição que ocupam nesse local.

Toda essa discussão fomenta as tensões e disputas de poder, à medida que definir o patrimônio cultural é operar com o que se deseja lembrar e o que se pretende esquecer. Existe um discurso institucional que se manifesta através do Instituto Histórico da escola e que procura passar uma imagem positivada do que foi o passado do IEGRS dentro da sociedade caxiense, já que a Baixada Fluminense é comumente vista como um local marcado por carências sociais e disputas políticas.

Diante da sua articulação política no município e para afirmar seu papel como formadora de professores da região, questionamos se a montagem do Instituto Histórico foi motivada pelo fato da instituição desejar se reafirmar como um espaço de memória. Sobre isso discorre Mario Chagas: “A memória – voluntária ou involuntária, individual ou coletiva – é, como se sabe, sempre seletiva. O seu caráter seletivo deveria ser suficiente para indicar suas articulações com os dispositivos de poder” (CHAGAS, 2011, p. 4).

Por essa razão, as questões relacionadas à memória são importantes para elucidar as discussões também quando se trata de educação. Para o aluno, é importante compreender o processo de concepção dessa memória compartilhada pelos grupos como um esforço da direção para a criação do Instituto Histórico. Mas vai além disso, pois trata-se de mergulhar

nas tessituras da memória não com a intenção do resgate, pois, concordamos com Ulpiano Meneses e suas proposições a respeito do impossível resgate da memória como algo estático, pronto para ser descoberto, mas refletir a respeito da memória e seu caráter mutável, que segue os desejos e intencionalidades permeados por lembranças e esquecimentos do tempo presente (MENESES, 1992).

Durante todo processo fez-se necessário um exercício em conjunto com o aluno, para demarcar a diferença entre história e memória, pois entendemos que: “[...] A memória, como construção social, é formação de imagem necessária para os processos de constituição e reforço da identidade individual, coletiva e nacional [...] e a história pode ser compreendida como forma intelectual, cognitiva” (MENESES, 1992, p. 22).

Para alcançar os objetivos traçados, foi importante que o aluno conseguisse compreender as diferenças entre história enquanto ciência e memória e enquanto trabalho do presente e operação histórica. Não há como realizar experiências no âmbito do ensino de História sem possibilitar uma reflexão sobre essa relação. Propusemos que essas questões estivessem presentes no ambiente escolar através da educação patrimonial, utilizando como instrumento o Instituto Histórico da escola e sua exposição permanente, auxiliando na busca pelo protagonismo dos alunos atuais nesse espaço, através da construção da própria exposição.

2 O INSTITUTO DE EDUCAÇÃO E A EDUCAÇÃO PATRIMONIAL: TRILHANDO O CAMINHO DA EXPOSIÇÃO

Na tentativa de promover a integração entre a educação patrimonial e as diversas oportunidades de aprendizagem dentro do Instituto Histórico, traçamos um caminho de reflexão que foi contínuo e que possibilitou não somente o engajamento do aluno, mas uma mudança de perspectiva da minha própria vivência enquanto professora e pesquisadora. Para tal utilizamos a *pesquisa-ação*, e, juntamente com os alunos do nono ano do Ensino Fundamental II do IEGRS, que antes desconheciam o Instituto Histórico do IEGRS percorremos os caminhos que resultaram no produto final, a exposição.

O método da pesquisa-ação não possui data e autoria definidas, porém podemos considerar sua contribuição em diversos campos e saberes, incluindo a pedagogia. Segundo Maria Amélia Santoro Franco (2005), a partir da década de 1980, a pesquisa-ação assume como finalidade a melhoria da prática educativa docente. Existem várias formas de conceituá-la; no caso dos caminhos escolhidos para o desenvolvimento da pesquisa, a intenção é valorizar a construção cognitiva da experiência a partir da reflexão crítica coletiva, objetivando que esse sujeito assumira postura emancipacionista (FRANCO, 2005, p. 485)

O que determinou a escolha por essa metodologia foi justamente o entendimento de que o processo da pesquisa é igualmente relevante ao seu resultado, trabalhando com a perspectiva das experiências adquiridas ao longo do percurso.

As etapas interligadas envolveram o *planejamento* através do levantamento de hipóteses, a definição do objeto de estudo, e as categorias e saberes que pretendíamos mobilizar; a *execução* se deu a partir das aplicações das dinâmicas, visita guiada e conversas após a visita, roda de memória, seleção dos objetos e montagem da exposição. Já a *verificação* seria as análises do material recolhido durante todo o processo, os registros fotográficos e rodas de conversa sobre o resultado da exposição e da mediação juntamente com os alunos-produtores e, ao final, a *reflexão*, para compreender se o caminho percorrido atendeu aos objetivos iniciais do trabalho.

Ao planejar as ações, iniciamos uma conversa informal com as integrantes do CEPEMHed, na tentativa de compreender como os objetos do acervo foram adquiridos e de que forma a exposição permanente foi elaborada. Nessa reunião, que aconteceu em junho de 2015, a professora Marcia Montilho, que integra o quadro de profissionais do Centro de Memória, traçou um panorama da formação do CEPEMHed destacando as negociações entre

governo e sindicato e como eles se estabeleceram no IEGRS, a partir de uma iniciativa da direção da escola, que cedeu a sala de trabalho e a sala que hoje é utilizada como reserva técnica. Nossa intencionalidade era tratar dos objetos, porém a abordagem da professora nos auxiliou a perceber as ações afirmativas em torno da percepção de preservação do patrimônio escolar na região e a compreender quais desafios estariam por vir.

Em uma segunda conversa informal, ainda no mês de junho de 2015, a professora Marcia destacou que, ao chegar no IEGRS em 2008, o CEPEMHed encontrou uma sala com vários troféus e outros objetos sem identificação. A falta de esclarecimento sobre a procedência do acervo da exposição permanente comprometeu a análise do espaço. Mesmo diante disso, passamos a ouvir alguns membros da direção, na tentativa de compreender as intencionalidades ali presentes.

Compreendemos que para que os alunos e alunas do IEGRS pudessem ser vistos a partir de uma identidade própria iniciamos dinâmicas entre os meses de agosto e setembro de 2015, quando em aproximadamente dez aulas de História estabelecemos algumas provocações a respeito do papel do homem e sua consciência como agente histórico. Essa etapa inicial foi importante pois se configurou num exercício onde como professora e pesquisadora pude aprofundar o meu olhar a respeito deles, afinal, se estamos propondo uma exposição para eles, precisaríamos reconhecê-los como indivíduos.

Após essas provocações, os alunos e alunas foram convidados a se fotografarem no espaço escolar, pois entendemos que essa é uma forma de expressão importante para o adolescente atual e que esse tipo de recurso poderia despertar nos alunos e alunas envolvidos uma motivação a mais para se fotografarem no espaço escolar. Nessa atividade, a intenção foi perceber o olhar do aluno e como ele se vê na escola. Em setembro recebemos cerca de quarenta e seis fotografias acompanhadas das narrativas dos. Para a produção dessa atividade estabelecemos o prazo de quinze dias e o formato de fotografias 10x15 cm a fim de estabelecer um padrão.

Ainda no mês de agosto de 2015, estabelecemos um foco nos espaços da escola e propusemos outra atividade utilizando o mesmo recurso da atividade anterior. Aos alunos foi pedido que “fotografassem a escola”, para que pudessemos analisar o material a partir de como eles são capazes de perceber o espaço em si. Estabelecemos também o espaço de quinze dias para essa atividade.

Trabalhamos também as percepções que esses alunos possuíam a respeito do patrimônio, na tentativa de compreender também se esses alunos possuíam alguma vivência em museus, por exemplo. Foram propostas nas três turmas as seguintes questões: O que é

patrimônio para você? A escola é um patrimônio? Em que sentido? Você sabe o que é um museu? Já esteve em um? Com quem?

Após esse diálogo, montamos um questionário para analisar em que medida esse aluno consegue estabelecer relação entre escola e museu. Nessa atividade foram envolvidos 40 alunos, pois a adesão foi livre e precisamos organizar as atividades de acordo com o calendário de atividades da escola.

Utilizamos a fotografia como expressão norteadora do trabalho por considerar que ela, como um aspecto artístico, pode auxiliar no entendimento das complexidades do humano. Para Néstor Canclini “a arte engloba as atividades de uma cultura em que se trabalha o sensível e o imaginário, com premissa em alcançar o prazer e desenvolver a identidade simbólica de um povo [...]” (CANCLINI, 1984, p. 207).

Também sendo utilizada como um recurso artístico, ela nos permite analisar a sensibilidade do olhar do outro sob determinados aspectos e sabendo que ela exerce no adolescente do século XXI um certo fascínio, procuramos oportunizar que eles registrassem a sua relação com o espaço escolar de forma espontânea. Cabe ressaltar que, ao registrar também lidamos com operações entre o lembrar e o esquecer e é essa escolha que pretendemos problematizar. Aprofundando as reflexões, percebemos que o registro fotográfico pode ser considerado uma linguagem e, no caso das experiências relativas à pesquisa, o autor dessa linguagem é o próprio aluno.

Para Ana Maria Mauad, ao seguir utilizá-la como fonte é necessário “[...] entender que, numa dada sociedade, coexistem e se articulam múltiplos códigos e níveis de codificação, que fornecem significado ao universo cultural dessa mesma sociedade” (MAUAD, 1996, p. 11) e com isso é importante compreender que a fotografia vem a ser o resultado de um processo de construção de sentido, sendo esse um sentido social.

O sujeito da ação, o aluno do nono ano do Ensino Fundamental II do IEGRS é analisado como produtor do sentido no ato de fotografar. Para Maffesoli (1995), a imagem possui uma essência mágica, identificada como um elemento de comunhão, desenvolvendo um sentido coletivo e capaz de transmitir uma mensagem.

Para analisar esse material foi necessário percorrer um caminho que elucidasse modos de pensar a fotografia como fonte histórica, na tentativa de compreender além da imagem, contextualizando, buscando um sentido mais aprofundado do que só a simples observação. Utilizamos, portanto, as contribuições de Philippe Dubois, que a define a partir da seguinte perspectiva: “com a fotografia, não nos é mais possível pensar a imagem fora do ato que a faz ser” (DUBOIS, 1993, p. 15).

Das três turmas de nono ano envolvidas, totalizando aproximadamente noventa alunos, recebemos quarenta e seis fotografias, sendo 39% *selfies*²³ com os amigos, 39% fotos da turma toda. Cerca de 13% das que foram escolhidas tinham relação com professores e com disciplinas. Por fim, aproximadamente 9% escolheram as relacionadas às festas/rituais que haviam acontecido na escola. Para essa atividade os alunos tiveram um tempo determinado de quinze dias,

Analisando o quantitativo de *selfies*, foi importante atentar para o fato de que esse tipo de representação marca presença em nossa sociedade diariamente através principalmente das redes sociais, de uma maneira muito latente. Maffesoli (1995), ao interpretar esse cotidiano, defende que estamos diante de um excesso de imagens que são dotadas de significado pela vida social e que, com isso, acabam se tornando símbolos culturais.

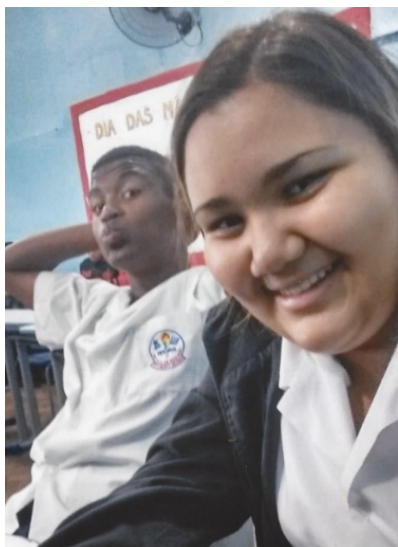
Sobre essa dinâmica, chamou atenção também o quantitativo em que eles decidiram evidenciar o relacionamento com os amigos, percebemos que, ao todo, 78% das fotografias foram escolhidas com esse propósito, o que nos leva a destacar que o espaço escolar ainda se configura como um ambiente de sociabilidade²⁴.

Devido à questão da autorização de uso de imagens, optamos por trabalhar nesse capítulo com as narrativas abaixo e decidimos analisá-las substituindo os nomes reais pelas iniciais de nome e sobrenome dos alunos envolvidos. Do quantitativo de quarenta e seis fotografias recebidas, cerca de cinco pais de alunos não autorizaram a participação dos mesmos.

²³ *Selfie* é uma palavra em inglês, um neologismo com origem no termo *self-portrait*, que significa autorretrato, e é uma foto tirada e compartilhada na internet. Normalmente, uma *selfie* é tirada pela própria pessoa que aparece na foto, com um celular que possui uma câmera incorporada. (adaptado de: <<http://www.significados.com.br/selfie/>>. Acesso em: 19 nov.15, às 23:19h)

²⁴ Para melhor compreensão da dimensão de sociabilidade, adotamos o conceito de Sociabilidade abordado por George Simmel (1983) em seu trabalho a respeito da sociabilidade, publicado no livro *Questões Fundamentais da Sociologia* de 1917, para o qual as formas de associação entre os homens constituem as sociedades, ou seja, é na interação com o outro que construímos e formamos aquilo que se denomina sociedade.

Foto 1



“Eu tirei essa foto na escola, foi na aula de ciências, estava um dia frio. Estávamos liberados e eu e o meu amigo porque a professora faltou. Eu estava tirando foto e chamei ele. Meu amigo Olício, estávamos muito feliz [sic] e tiramos muitas fotos. **Achei um local que não tivesse ninguém e tiramos. Eu escolhi essa foto porque ele é o meu melhor amigo** e agimos como se fosse irmão por isso a escolhi e nós somos muito amigos há muito tempo”. Yasmin Coelho – aluna da turma 902 (grifo nosso)

Foto 2



“Eu escolhi essa foto, pois relata um dos primeiros momentos aqui na escola, desde quando eu cheguei. Adoro essa foto, **é importante vê o tempo da nossa amizade**, como é verdadeira, o amor, o carinho, os cuidados que ele tem por mim. **Posso dizer que aqui no Instituto de Educação Governador Roberto Silveira, eu encontrei o meu melhor amigo**, como diz a professora: “o meu irmão gêmeo”. Agradeço a Deus todas as noites por ter me guiado até você, realmente foi um presente de Deus, em menos de um ano já aprontamos todas, tantas fofocas, risadas, ciúmes e muito acarajé. Te amo, amigo, irmão!”

Julia Helena – aluna da turma 902, para o seu amigo Brenyson de Oliveira. (grifo nosso)

Foto 3



“Bruna e eu estávamos em tempo vago. Então **começamos a conversar sobre a vida, assuntos alheios, daí decidimos tirar fotos para postar no Facebook**, então lembrei que tinha trabalho para fazer de História (sic). Fui na galeria de fotos do meu celular e escolhi essa foto e revelei”. Max Patrick – aluno da turma 903. (grifo nosso)

Foto 4



“Eu escolhi essa foto porque **a Lorena é minha amiga desde o CA**, mas nós começamos a se aproximar mais esse ano [sic], **nós tiramos essa foto ontem aqui no banheiro da escola** estávamos tendo aula de geografia e tirar foto. A gente briga mais se entende rápido, brincamos, paqueramos, rimos, se divertimos [sic]. Ainda tem as provocações, eu vou na casa dela e ela na minha, afinal das contas “É só amor e nada mais...”. Ela é minha BFF (best friends forever) [...]”. Nathalia Santos – aluna da turma 902. (grifo nosso)

No caso da Foto 1, a aluna, além de priorizar a fotografia com o amigo, destaca em sua narrativa que escolheu um lugar vazio para que pudesse fazê-la. Na Foto 2, percebemos que a aluna faz questão de destacar que foi no IEGRS que ela encontrou o melhor amigo. Já na Foto 3, o aluno destaca que o foco inicial era registrar um momento para publicar em sua página de uma rede social e que, no momento da proposição da atividade, ele apenas escolheu uma imagem da galeria do seu celular. Por fim, na Foto 4, a aluna destaca a longa relação de amizade – desde a classe de alfabetização – e, como local, o banheiro da escola, o que nos leva a pensar se esse seria o local onde ela poderia se sentir mais à vontade na escola.

Esse adolescente que destaca as relações de sociabilidade está inserido em uma sociedade que está envolta em uma percepção de tempo cada vez mais acelerada (HARTOG, 2013). Não é nosso objetivo discutir como esse adolescente apreende o tempo, mas compreender que, diante de um contexto onde o presentismo modifica as relações, a fotografia seria o espaço do aproveitamento do tempo. Em muitas ocasiões, quando são levados a um ambiente externo de educação não formal, podendo até mesmo ser um museu, percebemos que os alunos se preocupam demasiadamente em registrar as informações fotografando e deixam de apreciar, de sentir, de aprender.

O homem, ao invés de se servir das imagens em função do mundo, passa a viver o mundo em função de imagens. Cessa de decifrar as cenas da imagem como significados do mundo, mas o próprio mundo vai sendo vivenciado como um conjunto de cenas (Flusser, 1998, p. 29).

Os alunos e alunas compartilham dessa visão de mundo fragmentada pelas cenas produzidas pelos seus celulares e esquecem de vivenciar os momentos, numa ansiedade de produzir tais registros. Já sobre as abordagens das narrativas, muitas foram as que priorizaram as relações, seja com os colegas, professores ou com a própria disciplina História. Optamos por essa análise por considerar que as narrativas produzidas possibilitam uma maior compreensão da subjetividade desse aluno que, quando narra, também se reconhece como sujeito da ação. Para Thomson “[...] ao narrar uma história, identificamos o que pensamos que éramos no passado, quem pensamos ser no presente e o que gostaríamos de ser no futuro” (THOMSON, 1997, 57). Abaixo selecionamos algumas dessas narrativas.

“Eu escolhi essa foto porque as pessoas presentes nela são especiais pra mim, os dois mais amigos da minha sala [sic], Ruan e Pedro, **grandes amigos quase irmãos**”. Aluno Gabriel, Turma 902. (grifo nosso)

“Foi uma das melhores gincanas que eu tive na escola. Brincamos e nos divertimos muito. Nós ficamos um pouco chateados por causa do “grande prêmio surpresa” que, na verdade, era apenas um passeio para algum lugar já conhecido. **Na época, éramos muito mais unidos que hoje em dia**, e até conseguíamos apenas competir, sem pensar tanto no prêmio. Adorei aqueles tempos onde não havia guerrinhas, o *bullying* não era alarmante e a amizade era para todos. Todos se ajudavam por igual. Não que isso não exista mais, mas posso perceber que a turma se fechou, criando assim grupinhos e divisões. Mas eu tenho que entender que, infelizmente, é isso que acontece. **Faz parte se separar e se despedir de laços de carinho e pessoas feridas que precisam de amigos**. Escolhi esta foto porque gosto muito dela. É uma coisa que não vou precisar me despedir. **Uma foto, uma linda e eterna memória**”. Gincana de 2013 – Aluna: Heloísa, Turma 901. (grifo nosso)

A aluna escolheu uma fotografia de quando estava no sétimo ano e inicia sua justificativa lembrando do clima da gincana, mas logo tende para uma narrativa saudosista e relacionada aos amigos que fez e de como gostaria de tê-los por perto ainda. Tornou o relato

um desabafo e nos mostrou como, para ela, a relação de amizade é importante dentro da escola.

“Pra mim, esta foto representa a união, ou seja, a amizade. Esta foto foi tirada na sala de aula, juntando todos os alunos para o trabalho de História”. Aluno Pedro Henrique., Turma 902.

“Esse dia foi muito especial, primeiro dia em que conheci minhas amigas Letícia. e Karen **conversamos e rimos juntas e resolvemos registrar esse momento com uma fotografia**”. Aluna Alana, Turma 903. (grifo nosso)

Na narrativa do aluno Pedro Henrique percebemos a intencionalidade em fotografar para o trabalho, mesmo priorizando os amigos; já na narrativa da aluna A. percebemos que a fotografia foi proveniente de um momento vivido pela aluna com as amigas recém-conhecidas.

“Para mim essa foto é a **representação da amizade** que eu tenho com essas pessoas. Eu escolhi essa foto pois estou com meus amigos. **Tiramos na sala de aula, pois é onde nós nos encontramos todos os dias**”. Aluno Ruan., Turma 902. (grifo nosso)

“Essa foto foi tirada no **pátio da escola** pela Rebeca as pessoas que estão nessa foto são muito importantes na minha vida mesmo conhecendo elas [sic] só 4 meses. Eu gosto dessa foto, pois **foi na época em que éramos todas unidas** e também foi a nossa primeira foto juntas”. Aluna Giovanna., Turma 901 (grifo nosso).

Destacamos, no exposto acima, a percepção que o aluno Ruan demonstra sobre a fotografia enquanto categoria de representação. Mais ainda, percebemos que ambos situam os locais onde registraram – a sala e o pátio –, que são os locais de encontro dos grupos de alunos. Por fim, a aluna Giovanna demonstra, além da relação de amizade estabelecida, um certo sentimento saudosista sobre a sua relação com as amigas quando destaca que havia uma união nessa “primeira foto juntas”.

Quando tivemos contato com todas essas percepções, lembramos das palavras de Jorge Larrosa, quando afirma: “o sentido do que somos depende das histórias que contamos e das que contamos a nós mesmos [...], em particular das construções narrativas nas quais cada um de nós é, ao mesmo tempo, o autor, o narrador e o personagem principal” (LARROSA, 1994, p. 48). Podemos considerar que os destaques para as relações de amizade fazem parte do processo de formação da identidade/diferença com relação ao outro. Sobre tal aspecto, Tomaz Tadeu da Silva esclarece:

Além de serem interdependentes, identidade e diferença partilham uma importante característica: elas são o resultado de atos de criação linguística. Dizer que são o resultado de atos de criação significa dizer que não são “elementos” da natureza, que

não são essências, que não são coisas que estejam simplesmente aí, à espera de serem reveladas ou descobertas, respeitadas ou toleradas. A identidade e a diferença têm que ser ativamente produzidas. Elas não são criaturas do mundo natural ou de um mundo transcendental, mas do mundo cultural e social. Somos nós que as fabricamos, no contexto de relações culturais e sociais. A identidade e a diferença são criações sociais e culturais (SILVA, 2000, p. 30).

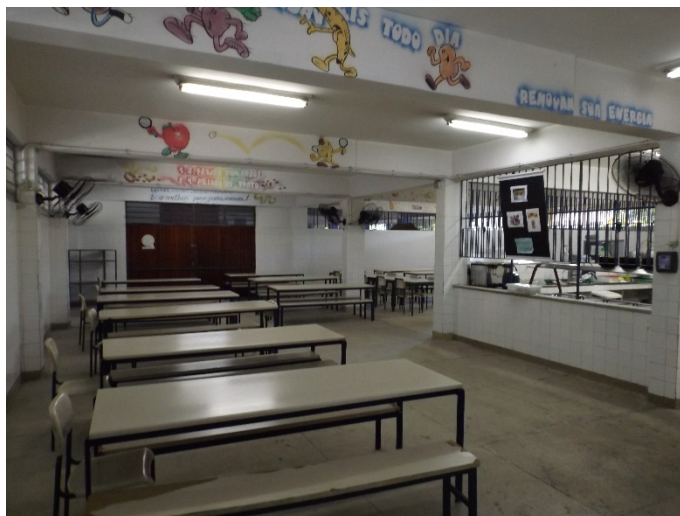
Há, portanto, de se considerar a escola como um ambiente dinâmico, dotado de uma cultura própria e que agrega adolescentes, cada qual com a sua cultura, de certo modo a construção de identidade/diferença também está presente na escola e interfere tanto na relação desses alunos quanto na relação que eles estabelecem com a escola.

Justamente pensando nessa dinâmica entre aluno e escola, propusemos uma segunda atividade, onde os alunos foram convidados a fotografar o espaço escolar. O prazo para a execução dessa tarefa foi de quinze dias. Nessa etapa, obtivemos trinta e cinco fotografias, das quais aproximadamente 65% destacaram os locais da escola que estivessem vazios. Vale lembrar que nenhuma ressalva foi feita a esse respeito, apenas foi solicitado que esse aluno olhasse para a escola e fotografasse, como podemos observar nos exemplos que se seguem:

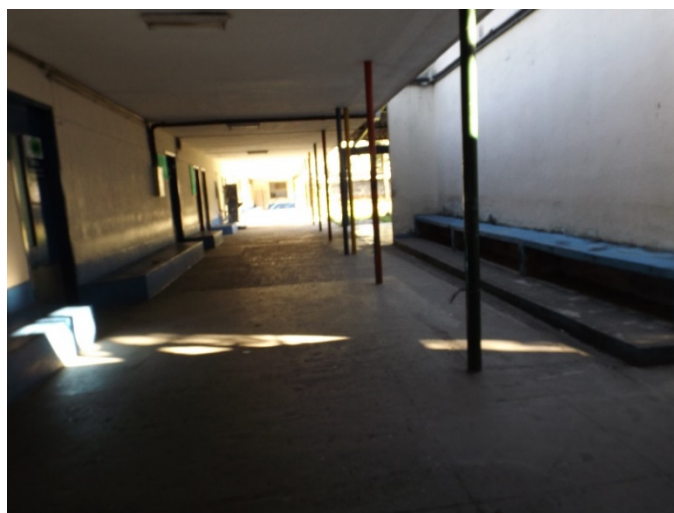
Vista geral de uma das salas de aula do segundo andar



Vista geral do refeitório



Corredor lateral ao pátio, no térreo



Percebemos que os alunos buscaram fotografar os lugares pelos quais costumam passar diariamente. Não tivemos, por exemplo, imagens do corredor da direção ou da sala de estúdios e nem sequer do corredor onde está localizada a sala destinada ao Instituto Histórico do IEGRS. Em muitas ocasiões, eles decidiram aguardar os colegas saírem dos espaços.

Após esse caminho percorrido, decidimos relacionar o espaço escolar à questão da memória, separamos o momento da aula de História para perguntar se eles conheciam a história da escola e se já haviam visitado o seu Instituto Histórico. Muitos desconheciam esse espaço. Então começamos as indagações a respeito de “Lugares de memória”, “Que tipos de memórias encontramos evidenciadas na sociedade?”, “O que são os museus?” “Que objetos poderiam ser expostos nos museus?”, “Na escola pode existir um museu?” e “Que tipos de

objetos poderiam estar dispostos nesse museu dentro da escola?”. Toda essa atividade foi realizada oralmente, num momento de escuta das percepções dos alunos para que eles auxiliassem na construção das próximas etapas.

O questionário (APÊNDICE) foi respondido por quarenta alunos voluntários divididos pelas três turmas envolvidas, e o resultado se configurou como: 67,5% estão na escola por escolha da família; aproximadamente 40% reconhecem o espaço escolar como um ambiente para se fazer amigos; 90% deles não conhecem ou não quiseram escrever o que sabem sobre a história da escola; e, por fim, 67,5% não reconhecem que objetos da escola podem fazer parte de um acervo de museu.

Sob a perspectiva da educação patrimonial, o que mais se destacou na pesquisa foi a falta de reconhecimento dos alunos com relação aos objetos que poderiam ser dispostos num museu escolar. Ainda hoje, trabalhar com educação patrimonial para muitos professores significa se deslocar com as turmas para um museu determinado, com o intuito de “visitar” determinada exposição e retornar para a escola, sem propor questões que sejam relacionadas ao discurso do museu ou tentar sensibilizar o olhar do aluno sobre o que está exposto. Com isso, os alunos não conseguem imaginar que um objeto de seu uso, enquanto ser histórico, pode ser exposto em um museu. A esse espaço, ainda reservam a ideia do “sagrado”, o que é uma visão que necessita ser revista urgentemente.

O trabalho com a memória dos sujeitos escolares é potencializador, visto que possibilita o encontro do indivíduo com sua própria história, dando-lhe a oportunidade de se colocar como autor de sua prática, isto é, como sujeito e não mais como indivíduo assujeitado. (ARAÚJO & PARREIRAS, 2009, p. 147)

Com o intuito de verificar a relação dos alunos com o espaço musealizado da escola, foi solicitada a visita ao Instituto Histórico, que ocorreu no dia 27 de setembro de 2015, com a mediação das integrantes do CEPEMHed, cuja responsável era a professora Marcia Montilho. A professora e sua equipe dividiram o quantitativo de alunos em três visitas por considerarem que, assim, o espaço comportaria melhor as atividades previamente planejadas por elas. Somente foi possível realizar a visita com um grupo, pois a mesma se prolongou, ficando as outras duas para serem realizadas posteriormente. Assim as outras não foram possíveis por causa do tempo.

Alunos visitando o Instituto Histórico do IEGRS com mediação do CEPEMHed



Data: Novembro/2015. Fotos: Alyne Selano.

A primeira visita foi realizada com um grupo de quatorze alunos escolhidos aleatoriamente nas três turmas de nono ano e mais um aluno que ficou responsável pela filmagem, totalizando quinze participantes. Para acompanhá-los, foram três as integrantes do CEPEMHed, que os receberam ainda no hall de entrada da escola, ao som da música “Estúpido Cupido”, cantada por Celly Campello²⁵.

As integrantes perguntaram se algum aluno sabia o que eles estariam fazendo ali e se conheciam a música que estava sendo tocada, levando cerca de vinte minutos nessa dinâmica. Elas fizeram referência a diversas músicas da década de 1960 para falar do contexto de criação da escola, destacando o período da Ditadura Civil-Militar no Brasil. Após tais proposições, abordaram a criação do Instituto Histórico do IEGRS, perguntando se algum

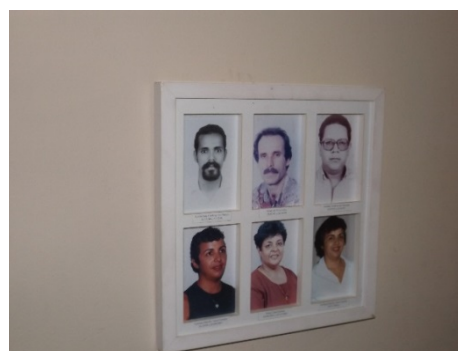
²⁵ A cantora Célia Benelli Campello. A “bonequinha” Celly fez sucesso nos primórdios da Jovem Guarda e entrou para a história como a Rainha do Rock Brasileiro. Sobre a música “Estúpido Cupido”, foi lançada no ano de 1959. Disponível em: <<http://www.territoriadamusica.com/resenhas/?c=4006>>. Acesso em: 20 nov. 2015, às 16:25h.

aluno sabia da existência do Instituto Histórico. Três alunos informaram saber da existência da sala, mas somente um informou que a havia visitado anteriormente.

Feito isso, a mediadora realizou o convite: “Quem quer entrar no túnel do tempo?” – como se fosse possível tal resgate. E seguiu com os alunos pelo corredor que dá acesso ao Instituto. Ainda no corredor, são apresentadas as fotografias dos ex-diretores e duas das mediadoras apontaram que estudaram no IEGRS na gestão de tais diretores. Um destaque para a fotografia da Diretora Verônica Bazílio, que já havia assumido o cargo de 1999 até 2001 e que retornou para a gestão da escola em 2004 e permaneceu até o momento da visita. A professora Marcia então ressaltou: “Vocês sabiam que a Verônica foi ex-aluna da escola? E que foi a primeira mulher a ocupar um cargo na direção? Olha, aqui estão os troféus da escola. O IEGRS era referência nos eventos esportivos da região e nos concursos de bandas”. Ressaltamos que, segundo informações da própria Professora Verônica, ela sempre quis estudar no IEGRS, mas, na ocasião, ela não conseguiu a vaga e o seu pai pagou o Ensino Médio Formação de Professores em uma escola particular da região.

Ao entrarem na sala, os alunos foram convidados a olhar os objetos, sem direcionamento, e andaram pela sala. Vale destacar que a sala é montada com seis vitrines dispostas nas paredes e uma mesa ao centro com diversos objetos que referenciam a escola. Eles se impressionavam a cada legenda lida. Abaixo destacamos os quadros com os diretores e a vista geral da sala.

Quadros com as fotografias dos ex-diretores, exposto no corredor que dá acesso ao Instituto Histórico



Vista geral do Instituto Histórico do IEGRS



Data: Novembro/2015. Foto: Alyne Selano

Ao entrarem no local a primeira seção vista pelos alunos e alunas foi “Vestígios do Trabalho Docente”, que é composta por documentos relacionados ao trabalho dos professores, como carteirinhas dos professores e documentos de admissão, a maioria das décadas de 1960 e 1970. Posteriormente, estão dispostos os vestígios relacionados ao aluno, como cadernos de admissão que explicavam as regras para que fossem aceitos na escola, pois o processo de seleção contava com uma prova. Nesta vitrine consta ainda os boletins dos alunos. Alguns se impressionaram com as datas dos documentos e foi comum ouvir comentários como “Nossa! Minha mãe nem era nascida” exclamou Yasmin. Outra aluna entusiasmada perguntou: “Professora, será que eu acho foto da minha mãe? Ela estudou aqui”, disse a aluna Alexia e foi convidada pela mediadora a marcar um dia para procurar no acervo.

Na seção “Financiamentos” há os balancetes e livros-caixa, indicando valores destinados à escola nas doações realizadas pelos pais dos alunos. Seguindo, observamos a seção “Corpo Docente”, com provas, cadernos, carteirinhas dos alunos da década de 1970 e 1980. Também encontramos referências sobre a relevância da aprendizagem e material destacando a atuação das normalistas na sociedade das décadas de 1960, 1970 e 1980. As alunas se surpreenderam com o fato dos pais ajudarem a escola financeiramente. Além disso se impressionaram com os planejamentos das aulas pelas normalistas. “Imagina, professora! Curso Normal em quatro anos! Ninguém merece!”. Logo a mediadora mostra uma fotografia de como era realizado o estágio supervisionado. A classe infantil que fazia parte da escola recebia a aula dada pela normalista, enquanto isso os professores observavam atrás de um

vidro estrategicamente colocado, dividindo a sala e uma das alunas destacou: “Pelo menos não tinha que ficar procurando estágio”.

Ao centro, em uma mesa que era utilizada nas reuniões de professores, estão dispostas: placas de madeira com os nomes das disciplinas. A que mais chamou a atenção dos alunos foi a “H. Puericultura” e eles quiseram saber o que significava. Dito que se tratava de uma disciplina que buscava ensinar às normalistas como compreender o funcionamento físico e psíquico da criança, voltaram à observação.

Não houve nenhuma referência à criação da sala ou critérios para a escolha do material ali exposto. Na mesa, ao lado das placas, estão arrumados muitos objetos, quase todos sem etiqueta e procedência, à exceção do mimeógrafo que conta com a seguinte inscrição: “Ensino Fundamental, 1º segmento, doado pela Profª Simone, jul/02”. Compõem a sala: duas máquinas de escrever, troféus, prensa para produzir diplomas, um cofre trancado, um escaninho de madeira onde os alunos costumavam colocar as carteirinhas, além de um globo de plástico.

Passado o período em que os alunos puderam observar e até mesmo tocar nos objetos das mesas, as mediadoras solicitaram que eles se sentassem nas cadeiras e assistissem a uma apresentação em power point preparada para eles. Nela, os alunos puderam ver fotografias da fundação da escola, das antigas turmas, da ampliação do espaço, dos uniformes que foram se modificando ao longo do tempo, além de contarem com explicações a respeito dos cursos oferecidos. A mediadora indaga: “Vocês sabiam que aqui já foi oferecido curso técnico em administração e contabilidade?” e nenhum aluno sabia, talvez porque as seleções do acervo estejam voltadas para o ensino do curso de formação de professores na Instituição e não para outro tipo de ensino que possa ter havido ali.

Ao mostrarem as fotografias de ampliação da escola, um aluno nos chamou atenção participando ativamente com comentários. Esse aluno está na escola desde o jardim II e se mostrava empolgado ao reconhecer os espaços e até mesmo as professoras que acompanhavam as turmas nas fotografias selecionadas pelas mediadoras. Ao ter contato com a foto da primeira turma de educação especial, esse aluno lembrou o nome da professora e o local onde ela ministrava suas aulas, que ele denominou de “casinha”.

O tempo todo os alunos eram indagados sobre: “o que está diferente hoje em dia?”, pois foi promovido um jogo de “antes e depois”, mostrando fotografias antigas e atuais e pedindo que os alunos indicassem as diferenças entre o que foi mostrado. Ao final, eles pediram que os alunos assinassem o livro de presença e decidiram sortear um envelope com reproduções de fotos antigas elaboradas para a exposição de 2012. O fato mais curioso foi

que, ao manusear essas fotos, uma aluna se reconheceu em uma delas, juntamente com uma turma de segunda série do Ensino Fundamental I.

Após a visita os alunos foram convidados a subir para o segundo andar da escola e conhecer a reserva técnica e lá puderam ter acesso ao material arquivado, ainda sem tratamento. O que mais chamou a atenção foi que alguns pediram para ver os álbuns atuais das festas da escola, na tentativa de ali encontrarem alguma fotografia da qual fizessem parte e outros se encantaram com as bonecas vestidas com os uniformes antigos da escola.

De certo, a administração do tempo impossibilitou que os outros dois grupos vivenciassem essa experiência nesse mesmo dia. Vale destacar que a fala da mediadora apontava sempre para “quando vocês tiverem mais tempo, podem vir...”. Esse processo não é tão facilitado, pois a visita tem que ser marcada com antecedência e os alunos também dependem da adequação ao horário com as atividades propostas pela escola em seu calendário.

Marcamos uma roda de conversa para avaliar tudo o que foi visto e escutar as impressões dos alunos²⁶. Por uma questão de horário foi necessário dividir o grupo em dois e, no dia marcado, não pudemos contar com todos os que participaram da visita, porque faltaram. O primeiro grupo contou com a participação de quatro alunos. Elaboramos um roteiro, mas as perguntas foram feitas oralmente, para que os alunos pudessem se sentir à vontade e não ficassem presos somente a elas.

Durante a conversa, que foi gravada, foram propostas as seguintes questões: “Gostaria que você se apresentasse e dissesse como chegou até o IEGRS. Para você, no que o IEGRS é importante? Para você, em uma escola se produz “memória”? (lembrando que essa já foi uma categoria anteriormente discutida em sala). Como você se sentiu ao entrar no Instituto Histórico? Quais são as memórias ali representadas? O que mais lhe chamou a atenção? Você se sentiu representado? Como poderíamos representá-lo no Instituto Histórico? Vocês pretendem continuar na escola para cursar o Ensino Médio?” Essa atividade durou aproximadamente cinquenta minutos.

Inicialmente os alunos se apresentaram e indicaram quando e como entraram na escola. Desse grupo, dois entraram por sorteio, ainda no jardim II, um entrou no Ensino Fundamental II no ano de 2013 e a última entrou em 2014, no oitavo ano.. O aluno Brenisson. indica que, mesmo após se inscrever pela internet, o seu avô foi pessoalmente durante vários dias pedir a vaga para a diretora adjunta. Os dois alunos que entraram na escola no jardim II

²⁶ Essa roda de conversa foi realizada em uma sala da escola, após o horário regular, no dia 3 de outubro de 2015.

também sustentam a fala de que essa é uma boa escola em comparação com as demais da rede. A aluna Ana Julia complementa: **“aqui é uma das melhores escolas da região”**. (grifo nosso).

Diante dessa percepção, destacamos que a visão que os alunos trazem muitas vezes são o reflexo do que as famílias reproduzem, principalmente quando algum conhecido já estudou na escola. Nesse sentido, concordamos com Halbwachs (2006) quando ele destaca que existe uma memória coletiva que marca os referentes da nossa memória, possibilitando a sensação de pertencimento a um determinado grupo e estabelecendo uma posição positiva em relação a essa memória comum. Foi questionado a essa aluna se ela havia estudado em outra escola, para que tal comparação pudesse ser estabelecida.

Sobre a experiência no Instituto Histórico os alunos destacaram que o local “é importante para guardar as memórias” – aluno Brenisson.; **“importante para saber como era e para quando eu sair da escola, saber que podem existir fotos minhas ali”** (grifo nosso) – aluna Ana Julia. A aluna Ana Carolina. destacou que “foi importante ver como está tudo bem guardado”, referindo-se à reserva técnica. Todos destacaram que gostariam de ir mais vezes e atentaram para o fato de que o local poderia ter objetos mais atuais, que os representasse, tais como: fotografias, uniformes atuais, cadernos, sobre os quais poderia ser montada uma exposição.

Ao serem perguntados pelos objetos da sala, o aluno Brenisson destacou as plaquinhas de madeira com o nome das disciplinas, usada nos conselhos de classe, e a máquina de escrever e o aluno Caio. cogitou a hipótese de ter o seu caderno exposto, pois o que viu no acervo, segundo ele, “era muito antigo”.

Mesmo diante das empolgações na defesa sobre o ensino, ao serem perguntados se gostariam de permanecer na escola, todos os alunos afirmaram não desejar cursar o Ensino Médio Formação de Professores e o Ensino Médio Noturno, o primeiro por não desejarem a carreira de professor e o segundo pela violência e os perigos da localidade no período noturno. Sendo assim, vão buscar outras escolas para darem continuidade aos estudos.

Para o segundo grupo²⁷ foram realizadas as mesmas questões. Contamos com a presença de seis alunos. Dois desses alunos iniciaram na escola na segunda série do Ensino Fundamental I, um iniciou no jardim de infância, duas na sétima série do Ensino Fundamental II e uma no nono ano do Ensino Fundamental II. Ou seja, metade estava na escola desde a infância, com uma trajetória longa na instituição.

²⁷ Esse encontro também foi realizado na escola, após o horário regular, no dia 7 de outubro de 2015.

Ao iniciarmos a conversa sobre a escola, todos indicaram que a escolha se deu pelo fato de ela oferecer um bom ensino, mas destacaram também que não pretendem cursar o ensino médio por não possuírem aptidão para a carreira da docência, embora reconhecessem que muitos dos seus colegas pensam em seguir no IEGRS e que observam a influência dos amigos na escolha pela permanência. Ainda destacaram o discurso de profissionalização pois, após a conclusão, “teriam um diploma e poderiam trabalhar para pagar uma faculdade”. Esse assunto surgiu antes que os alunos pudessem ser indagados, em continuidade à pergunta sobre “No que o IEGRS é importante para você?”.

Ao entrarmos nas questões a respeito do Instituto Histórico, o aluno Olício. destaca que, mesmo estudando ali desde a segunda série, desconhecia a existência do local e que só via a sala “**através das grades, quando era aberta para tomar um ar**”(grifo nosso). Citou que as fotografias, os documentos antigos e o mimeógrafo chamaram a atenção, indicando que “por várias vezes eu ajudei a professora a usar e poder rever isso me deixou muito alegre. Lembrei muito da minha infância”.

A aluna Yasmin. destacou que no espaço estava a história do Instituto de Educação e que descobriu várias coisas que não sabia, como o fato de a escola receber doações em dinheiro (registradas no livro-caixa) “e tudo o que era importante para a escola”. Nesse momento, o aluno Olício. se manifesta, dizendo que gostou do que viu sobre a história da escola, mas que ele também se considera importante e que não se viu representado naquele espaço.

A aluna Yasmin. reformula a sua fala e indica que “**todos os alunos deveriam ser representados ali**” (grifo nosso). Nesse momento, a aluna Giovanna. destaca que tudo o que viu foi das décadas de 1960 e 1970 e que poderiam existir fotografias atuais. E o aluno Olício. cogitou a possibilidade de ter fotografias expostas nesse espaço quando ele se formar e se tornar um ex-aluno.

Todos os alunos puderam perceber a dificuldade em visitar os espaço e afirmaram que esse acesso deveria ser livre aos alunos, indicando que eles poderiam cuidar do espaço e mediar a visita. Mais ainda, destacaram que esse deveria ser um espaço conhecido e frequentado por todos os funcionários da escola: “a tia da portaria e a tia da limpeza que estão aqui há anos e não conhecem esse lugar” disse Olício. E que eles também pudessem se expressar com relação à escola. Terminamos com a fala da aluna Yasmin: “esse é um direito de cada um”.

Ao todo, nessa primeira experiência de grupo sobre a visita ao Instituto Histórico do IEGRS, pudemos contar com dez dos quinze alunos que nos ajudaram a compreender como

eles se sentiram nesse ambiente e qual a visão que possuem a respeito de patrimônio, quando reconhecem a escola como um lugar de formação, estruturada em um município carente e de pouca oferta, principalmente no âmbito do Ensino Fundamental II²⁸. Eles também nos proporcionaram questões a respeito de qual memória estaria relacionada ao Instituto Histórico da escola, marcando suas posições com o desejo de se sentirem representados nesse espaço e suas relações com os objetos expostos, fazendo relações com os objetos que vivenciaram na infância e com os seus próprios objetos, na atualidade.

Em mais uma etapa, realizada em dezembro de 2015, convidamos os envolvidos a levarem objetos significativos para sua vida escolar, estabelecendo uma narrativa sobre os mesmos. A partir dos objetos deles trabalhamos a perspectiva do discurso que se constrói a partir da seleção. Utilizando as proposições de Francisco Régis L. Ramos, destacamos:

O objeto biográfico é uma testemunha significativa da vida de alguém e, no espaço do museu, pode assumir os mais variados sentidos. O modo de expor o objeto biográfico depende da configuração que se quer dar à biografia daquele que era dono desse objeto, o qual lhe deu utilidades, sentimentos e sentidos. [...] E, como se sabe, ao assumir a condição de objeto exposto, qualquer objeto entra em metamorfoses que dependem dos modos pelos quais as memórias são historicamente constituídas. Afinal, o museu não se define simplesmente como lugar de guardar e expor artefatos. Antes de tudo, o que acontece no espaço museológico é a metamorfose de objetos, em simbiose com o poder da memória e a memória do poder, nas suas mais variadas manifestações. (RAMOS, 2004, p. 114).

Ao disporem dos seus objetos, os alunos precisam dialogar com as interpretações sobre ele, bem como sobre as seleções operadas e a dinâmica de lembrar e esquecer inerentes ao processo. Para melhor compreensão do que representou esse momento, selecionamos os objetos e destacamos as falas dos alunos:



“Essa medalha representa meu primeiro torneio realizado pelo professor Israel no ano de 2013, quando eu estava na 703 [sétimo ano] e nós ganhamos em 1º lugar”. Aluna Yasmin. (Turma 902/Ano 2015).

²⁸ Segundo informações disponibilizadas pelo IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) o município de Duque de Caxias conta com 82 escolas que oferecem o Ensino Fundamental II. Fonte: (1)Ministério da Educação, Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais - INEP - Censo Educacional 2012. Disponível em: <<http://www.cidades.ibge.gov.br/xtras/temas.php?lang=&codmun=330170&idtema=117&search=rio-de-janeiro%7Cduque-de-caxias%7Censino-matriculas-docentes-e-rede-escolar-2012>>. Acesso em: 31 jul. 2016 às 19:39h



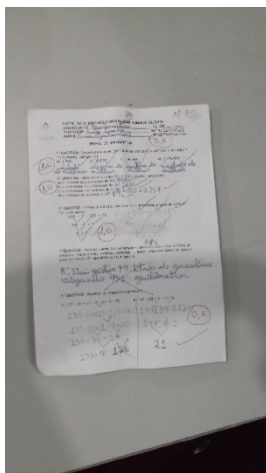
“Ganhei esse clips na 2º série, assim que entrei no IEGRS, pois no primeiro bimestre eu tirei nota 10 nas cinco matérias: português, matemática, ciências, geografia e história, então a professora me presenteou com ele. Meu primeiro “prêmio” pelo meu mérito nessa escola”. Aluna Julia (Turma 902/Ano 2015).



“Bom, o objeto que eu trouxe é uma régua e eu tenho ela desde o ano passado [2014], que foi meu primeiro ano aqui na escola e a data eu lembro até hoje: 14/07/2014, depois das férias. Guardo essa régua porque tenho ela de lembrança, porque entrar nessa escola era um sonho então não irei jogar fora nunca”. Aluna Ana Carolina. (Turma 901/Ano 2015).



“Trouxe 2 estojos, um eu trago sempre comigo desde o jardim II o outro eu tenho desde 2009 e também não tenho vontade de jogar fora. São boas lembranças que eu levarei sempre comigo”. Aluna Julia Helena. (Turma 901/Ano 2015).



“Essa prova é de 2012, escolhi ela porque foi minha primeira prova de matemática do 6º ano”. Aluno Caio. (Turma 901/Ano 2015).



“Eu trouxe esse objeto, uma prova antiga, pois foram coisas que aprendi, que eram mais fáceis por sinal e fazia parte da minha infância e foi uma época boa. A prova foi da turma 202. Ano de 2008”.
Aluna Iris. (Turma 901/Ano 2015).



“Meu objeto são três cartas de YU-GI-OH! Representa o tempo que eu passo com meus amigos no colégio”.
Aluno Ruan. (Turma 902/Ano 2015).

Esse exercício foi importante não somente para que o aluno pudesse compreender e externar a sua relação com objetos, muitas vezes banalizados como meros instrumentos do cotidiano escolar, mas além disso, para que eles reconhecessem a relevância dos mesmos, desde a decisão de levá-los, até o momento de refletir e registrar os critérios de seleção naquele momento. Também contribuiu no sentido de evidenciar a individualidade de cada aluno, que, ao trazer o seu objeto, contou um pouco de si mesmo e da sua relação com o espaço escolar.

Quando a aluna Yasmin decide levar a medalha, ela traz um momento de competição e realização relevante no espaço escolar, uma vez que, segundo a própria aluna os colegas esperam por esse momento de competição e interação.

O clipe é a lembrança da aluna Julia, por ter conseguido alcançar boas notas. O que ela mesmo denomina de “mérito”, em muitas ocasiões, ainda é utilizado na escola, embora questionável do ponto de vista didático. Naquele momento a premiação tocou a aluna a ponto de ela guardar o objeto ainda em perfeito estado, por anos. A régua e o estojo em destaque também obtiveram um papel especial na narrativa das alunas Ana Carolina e Julia Helena, não por estarem diretamente ligados à função que exercem, mas ao momento em que Ana

Carolina. passa a estudar no IEGRS e ao fato de Julia Helena. nunca ter “jogado fora” os estojos, revelando uma memória afetiva.

O material de avaliação trazido pelos alunos Iris e Caio demonstram a resignificação de momentos onde eles obtiveram êxito. Embora o aluno Caio não destaque em sua fala, na prova de matemática selecionada por ele foi atingido o grau 8 (oito). Por fim, a aluna Iris chega na dinâmica com um envelope de papel pardo contendo várias atividades desenvolvidas por ela na segunda série em 2008 no IEGRS.

A aluna destaca que “naquela época” as avaliações eram mais fáceis. Por fim, o aluno Ruan. surpreende a todos na dinâmica quando decide evidenciar o jogo de YU-GI-OH²⁹ e a relação entre o jogo e os amigos.

É possível notar, portanto, que os alunos guardam os objetos relacionados à vitória na escola, o que pode indicar a valorização da competitividade e da avaliação classificatória.

O caminho percorrido através das dinâmicas apresentadas foi escolhido na tentativa de compreender o olhar desse aluno sobre questões relacionadas à cultura escolar que são naturalizadas em seu dia a dia, oportunizando discussões e reflexões sobre essa relação que ele possui com esse espaço. Essa dinâmica aprofundou o nosso olhar a respeito do indivíduo enquanto aluno e aluna do IEGRS e contribuiu para desmistificar a ideia que eles não estabeleciam vínculo com a escola. Demonstrou que existe por parte deles o desejo de apropriação e reconhecimento da escola como espaço de socialização e sociabilidade. Ao tomarem conhecimento do trabalho que estava sendo realizado contribuíram voluntariamente com seus objetos e seus relatos auxiliando o repensar das inquietações que mobilizaram a execução do trabalho.

A partir de todas as contribuições, planejamos a exposição coletiva no Instituto Histórico do IEGRS, possibilitando a intervenção dos alunos atuais, de acordo com os objetos escolhidos por eles. Ao traçar diálogos com os demais objetos já existentes no acervo, procuramos iniciar um movimento que esperamos que seja capaz de dinamizar esse local e educar para as temporalidades, incentivando a apropriação do museu escolar pelos atores da escola, concebidos como autores.

²⁹ YU-GI-OH é um jogo de cartas publicado pela primeira vez no Brasil em 2006 e traz várias tramas. O jogo narra a história de Yugi Muto, um garoto tímido que ama todos os tipos de jogos. Ele ganha peças fragmentadas de um antigo artefato egípcio, o Enigma do Milênio Millennium Puzzle por seu avô Solomon Muto. Ao remontar o quebra-cabeça, ele adquire cards que, com o passar do tempo, descobre que é um jogo. Conforme a história avança, Yugi e os amigos tentam encontrar o segredo das memórias perdidas do faraó. Adaptado de: <<http://yugioh-masterduels.webnode.com.br/o-anime/resumo-da-historia-completa-anime-manga-game/>>. Acesso em: 07 jun. 2016 às 12:20h.

3 A EXPOSIÇÃO E A CONSTRUÇÃO DA NARRATIVA NO ESPAÇO ESCOLAR

Trabalhar com educação patrimonial possibilita analisar que tipos de contribuições a parceria museu-escola pode proporcionar nesse processo. No caso das experiências relacionadas à construção da exposição, levamos em consideração um espaço dentro da escola ao qual foi atribuída a função da guarda de um patrimônio específico: o patrimônio da escola. O que tornaria essa escola diferente das tantas outras? Que tipos de narrativas são incorporadas que denotam um tom especial a essa escola? Qual é a importância de manter um instituto histórico nesse espaço?

Para tantas inquietações, foi necessário focar no aluno atual, objetivando estabelecer provocações, a fim de despertar seu interesse, seu olhar para o ambiente no qual está inserido, proporcionando uma maior compreensão a respeito da escola enquanto “seu espaço”.

Toda educação define sujeitos, quem se pretende educar e quem é responsável pela educação. Define ainda um meio, contexto ou espaço onde ocorre a ação (escola, trabalho, museu, família); além de estabelecer qual dimensão da personalidade a ser educada (intelectual, emocional, moral, física, sensibilidade estética), e os conteúdos que serão objeto deste processo educativo (científico, artístico, sanitário, ambiental). A educação apresenta ainda uma natureza ideológica, na qual vigoram, de forma mais ou menos explícita, valores e crenças políticas ou religiosas, por exemplo. Finalmente, o fenômeno educativo expressa também uma abordagem epistemológica, definindo a natureza do conhecimento e de sua produção cujo delineamento influirá na eleição de uma metodologia pedagógica (do condicionamento ou problematizadora, por exemplo) com base nos conhecimentos sobre como o ser humano aprende, ou seja, em uma teoria da aprendizagem (behaviorista, cognitivista). (KÖPTCKE, 2014, p. 16)

Conforme destacou KÖPTCKE (2014), a educação está relacionada a um complexo sistema que envolve sujeitos distintos, instituições, meios de aprendizagens, tipos de processos de aprendizagens, currículos e ideologias. Não se pode ignorar essas relações ao propor um trabalho como esse. Nesse sentido, ao lançarmos mão da Educação Patrimonial, concordamos com HORTA (1999) quando ela afirma que esse tipo de trabalho é capaz de estimular que os indivíduos se apropriem da sua herança cultural e proporciona a geração de novos tipos de conhecimento, dinamizando a criação cultural. Pensando no papel dos museus escolares, sabemos que sua atuação consiste em possibilitar experiências educacionais, auxiliando também para que o aluno construa habilidades relacionadas à sua vida em sociedade. No caso específico do IEGRS, pretendemos proporcionar o diálogo entre as diversas temporalidades e temas evidenciados e silenciados no Instituto Histórico.

Sendo assim, abrimos oportunidade para a polifonia, abrindo espaços de escuta para a relação entre o Instituto Histórico da escola e Direção, Coordenação, membros do CEPEMHed, professores, alunos e ex-alunos. Mas a principal inquietação estava concentrada nos alunos atuais e na relação que eles estabeleceram com esse espaço de memória.

[...] quando entramos nos museus, entramos no tribunal, onde várias falas se apresentam, várias vozes silenciosas, fortíssimas e eloquentes se apresentam, há réplicas e trélicas, há possibilidade o tempo todo de uma altercação, e tem-se de alguma maneira, que tomar uma posição [...] para que ele (o público) seja levado a tomar posição e ganhar essa autonomia de quem toma posição, que é o grande papel educativo que as instituições culturais podem ter, a própria instituição tem que assumir esse papel pedagógico, nesse sentido não-autoritário, não-autoritário, não-monológico, e tem que abrir espaço para a dialogia, em todos os recursos possíveis. [...] (PESSANHA apud RAMOS, 2004, p. 30).

Para aprofundar o olhar sobre o museu escolar e possibilitar a interação entre os alunos e o espaço, utilizamos como instrumento a exposição, sabendo que ela poderia ser uma ponte para alunos e professores da instituição se reconhecerem e refletirem sobre o espaço. Para os alunos, à medida que se tornassem conhecedores do local, sensibilizados com os objetos ali existentes, teriam a oportunidade de ressignificar as próprias memórias; e para os professores, que poderiam encontrar ali um espaço para promoção de novas oportunidades de aprendizagem.

Uma exposição não é simplesmente dispor de objetos num espaço. Há, portanto, de se pensar principalmente no porquê dessa escolha e não de infinitas outras. Fez-se necessário pensar nos objetivos propostos pela pesquisa, na relação entre esses objetivos e os alunos envolvidos agora voluntariamente, no público-alvo e nas demandas atuais do contexto escolar, além do cuidado em propor uma ação num local onde já havia uma proposta museal montada. Sendo assim, consideramos que a exposição é, portanto, um fenômeno endógeno ao museu e, ao mesmo tempo, exógeno por estar voltado para o público-alvo a que se destina³⁰.

Montamos uma plataforma de ação que estava pautada nas experiências já vividas pelos alunos ao longo do ano de 2015. Por se tratar de um trabalho realizado durante as aulas de História, inicialmente pudemos contar com um número maior de envolvidos. Esse número diminuiu porque no ano de 2016 esses alunos deixaram o Ensino Fundamental II e passaram a ter aulas com outro professor. Quando fizemos a proposta de continuidade, cerca de vinte e dois alunos aceitaram, mas, conforme o comprometimento foi aumentando, dezesseis continuaram no projeto, sendo três alunos e treze alunas.

³⁰ Museologias Roteiros Práticos: planejamento de exposições 2 (2001). Disponível em: <http://www.usp.br/cpc/v1/imagem/download_arquivo/roteiro2.pdf>

Trabalhamos as etapas da exposição de acordo com o que foi planejado após a visita ao Instituto Histórico em novembro e dezembro de 2015, quando os alunos puderam identificar quais objetos faziam referência ao aluno atual e quais objetos poderiam ser deslocados para a reserva técnica. A intenção foi auxiliá-los na compreensão de que aquele era e é um espaço destinado a eles, uma vez que inicialmente houve um certo receio em provocar grandes modificações.

A fim de efetivar a construção da exposição, contamos com uma entrevista dada pela ainda diretora do IEGRS, a Professora Verônica Bazílio, que na ocasião, em janeiro de 2016, já estava em processo de aposentadoria, sendo substituída pelo Professor Antônio Santos. Essa substituição ficou a cargo da Secretaria Estadual de Educação, que providenciou o processo de modificação junto à diretoria e à coordenação pedagógica, não tendo a participação ou escolha da comunidade escolar.³¹

Iniciamos a entrevista direcionando perguntas sobre a formação do Instituto Histórico do IEGRS. A diretora Verônica revelou como foi o processo de aquisição dos objetos e a contrapartida para a cessão da sala, conforme destacamos a seguir:

“Eu sempre fiquei muito assim, aflita, né, apesar de ser da Educação Física, com uma escola cinquentenária, né? Porque 2012 foi o ano do cinquentenário, e onde buscar elementos da memória da história dessa escola? Era tudo muito estanque: “da educação infantil”, “da educação especial”, do “curso normal”... cada setor tinha guardado um pouco da memória. Não tinha um lugar onde você pudesse pesquisar a memória de uma forma geral. É quando a Fátima David (professora da escola) traz a proposta de ceder um espaço – porque ela já fazia parte do CEPEMHed e eles estavam lá em São Bento, mas o local não estava adequado – e, naquele tempo, a gente tinha autonomia [...]”.

Perguntamos se no Instituto Histórico já haviam ocorrido trabalhos no sentido de levar o aluno a refletir sobre questões de memória, História e educação patrimonial. A diretora ressaltou: “uma iniciativa como essa nunca aconteceu no Ensino Fundamental II, quem desenvolve trabalhos sobre a memória da escola é uma professora de PPP³² no Curso Normal”. A diretora também declarou que considera importantes essas ações que promovam a história da escola.

Na perspectiva dela, operar com a memória institucionalizada, valorizando o passado, auxiliaria ao aluno a respeitar esse espaço. Porém, sabemos que somente isso não se faz suficiente para despertar no indivíduo noções de pertencimento e é sob essa perspectiva que

³¹ A partir da greve iniciada pelos professores em março de 2016 o direito de eleições diretas para as direções das escolas estaduais no estado do Rio de Janeiro foi reconquistado.

³² PPP: disciplina do curso Ensino Médio Normal – Pesquisa e Prática Pedagógica.

essa pesquisa se debruçou, através de métodos que contribuíram para a formação de um indivíduo crítico, que pode compreender o espaço escolar como um lugar de disputas. A diretora afirma em entrevista: “[...] mesmo eu sendo de Educação Física reconheço que é importante resgatar a memória do IEGRS”.

Ao iniciar o ano letivo em 2016, ainda no dia 16 de fevereiro, contamos com a participação desses alunos que optaram por continuar com o projeto. Começamos o ano trabalhando na seleção de objetos e fotografias, além de iniciarmos a produção do material para a exposição. Os alunos que desejaram trabalhar foram recebidos e, eventualmente, quando os que passavam no local percebiam a sala de produção aberta, alguns se ofereciam para participar, como foi o caso do aluno Edmundo, que contribuiu em dois encontros ajudando a aluna Letícia a pintar o quadro sobre a amizade, sendo eles bem recebidos.

No dia 29 de março de 2016 realizamos uma outra visita ao Instituto Histórico do IEGRS para observar o lugar e, logo após, fizemos uma reunião. Nela, estiveram presentes treze alunos e levantamos a seguinte questão: quais ausências foram percebidas no Instituto Histórico do IEGRS? Cada participante fez apontamentos sobre como seria uma exposição que fizesse referência ao aluno, destacando os atores e elementos que fazem parte do cotidiano deles. Afinal, concordamos com Henri-Pierre Jeudy (1990) quando ele defende que a busca das memórias e dos estudos cotidianos auxilia na compreensão do patrimônio e a inserção do próprio conceito nas práticas pedagógicas possibilita um outro olhar sobre a produção cultural do aluno, fazendo com que ele se perceba produtor.

Para facilitar a comunicação e a interação entre os envolvidos, lançamos mão da internet como recurso e criamos um grupo secreto no *Facebook*³³, denominado “Exposição IEGRS” com dezenove integrantes, sendo os dezesseis participantes, a professora-pesquisadora, a orientadora e uma leitora-crítica. Como esse tipo de comunicação está muito presente na vida dos jovens, utilizamos esse espaço para troca de informações, compartilhamento de fotografias produzidas pelos alunos, marcação das reuniões e, acima de tudo, o grupo estabeleceu um elo de ligação e motivação entre os participantes.

Nessa página da rede social, os alunos passaram os meses de março e abril postando fotografias relacionadas ao espaço escolar. Também marcamos visita à reserva técnica do Instituto Histórico do IEGRS, para que pudessem verificar se existia algum material relevante – do ponto de vista deles – para integrar a exposição.

³³ Facebook é uma rede social lançada em 4 de fevereiro de 2004 pelo estudante de Harvard Marc Zuckerberg. Em 4 de outubro de 2012, o Facebook atingiu a marca de 1 bilhão de usuários ativos, sendo, por isso, a maior rede social em todo o mundo. Informações disponíveis em: <http://pplware.sapo.pt/redes_sociais/o-facebook-faz-10-anos-saiba-como-tudo-comecou/>. Acesso em: 07 jun. 2016 às 14:55h.



Página para concatenar as ideias da exposição e lançar questionamentos aos alunos a fim de aprofundar as reflexões. O primeiro acesso, em 02 de fevereiro de 2016, às 22:00h, contou com o texto abaixo destacado.

Olá pessoal! Tomei a iniciativa de criar esse grupo secreto, para que possamos conversar sobre a exposição. Minha motivação está no fato de que, quando comecei a pesquisa, não acreditava que o aluno atual pudesse ter identificação com a escola e, aos poucos, diante das nossas conversas, mudei muito a minha maneira de pensar... Vamos fazer uma exposição que tenha a cara de vocês, com criatividade, e para isso preciso de dedicação. Vamos fazer algumas reflexões por aqui e teremos alguns encontros pessoalmente para definirmos como será a exposição. Sei que vocês terão mil coisas para dar conta, mas, sinceramente, conto com o esforço e o carinho de vocês... Todo o material necessário eu vou fornecer. Estou tentando viabilizar uma aula de grafite com um profissional, além da visita ao museu da Maré. Por que o Museu da Maré? Porque ele foi criado a partir da doação dos objetos dos moradores... nossa intenção é aprender com eles! Nesse dia iremos de transporte (van, talvez) e vocês só precisam comparecer. Vou acertar a data com eles, aí trocamos informações. No dia 16 vamos nos encontrar pessoalmente e aí eu aproveito para esclarecer as dúvidas. Esse é um projeto audacioso, inovador, que vai marcar a história da escola e vocês serão parte disso!!!! Vamos nos falando...

Link: <https://www.facebook.com/groups/447078168833442/>. Acesso em 07/06/2016 às 15:01h.

Inicialmente, esse grupo que era destinado a trocar informações sobre a exposição ganhou nova utilização dada pela aluna Alexia Viana, quando esta decide postar uma chamada para mobilizar os colegas para uma manifestação em prol da educação. Isso

demonstra o quão familiarizados estavam com esse espaço e como também se apoderaram do grupo. Segue abaixo a transcrição do texto da aluna Alexia Viana.

https://www.facebook.com/groups/447078168833442/

Exposição IEGRS

Juliana Laterza está com Yasmin Coelho.
2 de março

A greve, no fundo, é a linguagem dos que não são ouvidos.
(Martin Luther King Jr.)

Curtir

Você, Maísa Matas, Yasmin Coelho e outras 2 pessoas Visualizado por 14

Alexia Viana
2 de março

Olá, sou aluna do Instituto Educação Governador Roberto Silveira e vim fazer um comunicado e um convite a todos.
Nossa manifestação será no dia 04/03 às 12h00. Começará em Frente ao portão do IEGRS e terminará em frente ao Teatro Raul Cortez.
Nossa manifestação é a favor dos professores e da melhoria das escolas estaduais.
Contamos com a presença de todos!
Precisamos de todos nessa luta. ... Ver mais

Curtir Comentar

Você, Julia Helena Nascimento e Lorhane Stockler Visualizado por 14

Postagem da aluna Alexia Viana em 02 de março de 2016. Chamada para a manifestação de alunos e professores na Praça do Pacificador – Centro de Duque de Caxias, RJ.

Olá, sou aluna do Instituto Educação Governador Roberto Silveira e vim fazer um comunicado e um convite a todos. Nossa manifestação será no dia 04/03 às 12h00. Começará em Frente ao portão do IEGRS e terminará em frente ao Teatro Raul Cortez. Nossa manifestação é a favor dos professores e da melhoria das escolas estaduais. Contamos com a presença de todos! Precisamos de todos nessa luta. Vamos melhorar nossa educação. #lutopelaeducação #todosjuntos #umasóvoz. Link: <https://www.facebook.com/groups/447078168833442/>. Acesso em 14/05/16 às 17:35h.

A aluna se utilizou do grupo para tratar de um assunto atual e de interesse dos envolvidos. Ela poderia realizar a publicação em sua própria página de perfil, mas considerou o ambiente do grupo mais propício para tal problematização.

No mesmo dia da visita ao Instituto Histórico os alunos puderam conhecer a reserva técnica do IEGRS e tiveram contato com o acervo guardado. Houve muita dificuldade em identificar o material, pois as fotografias estavam dispostas em pastas, mas o próprio CEPEMHed que organizou, não tinha conseguido exatidão nas informações, algumas não apresentavam data, autor, local, nem ao menos informações sobre o doador do material. Isso impossibilitou uma seleção mais criteriosa, mas eles procuraram tudo aquilo que tivesse relacionado ao que eles gostariam de “revelar” no espaço musealizado da escola. Fomos apoiados por uma integrante do CEPEMHed, que nos auxiliou cedendo as luvas utilizadas pelos participantes, além de colaborar na separação e catalogação do material selecionado pelos alunos.

O objetivo desse encontro foi verificar se no acervo da reserva técnica existiriam objetos que poderiam chamar a atenção dos alunos, para serem incorporados à exposição. Foi interessante perceber o cuidado que eles tiveram ao manusear os documentos, fotografias e demais objetos. O próprio integrante do CEPEMHed ressaltou as técnicas de higienização e separação usadas no acervo e o porquê de utilizar o material adequado na hora da pesquisa para não danificar nada e todos compreenderam a importância do uso do material adequado na hora do manuseio, a fim de preservar o que está sendo estudado. Esses cuidados se refletiram também no momento em que eles retiraram alguns objetos do Instituto Histórico para inserir outros.

Abaixo listamos as fontes mais significativas para os envolvidos nessa dinâmica:

Duas fotografias da festa junina (1971 e 1973).
Uma fotografia da formatura de 2005 – Ensino Médio Formação de professores
Uma fotografia de integrantes da educação especial – 1995
Um álbum com fotografias da formatura da educação infantil (2000)
Uma fotografia do professor de Educação Física, Israel Leite (data não especificada)
Uma fotografia da professora de História Simone Freitas (data não especificada)
Um recorte do Diário Oficial datado de 1964 que citava a criação do Instituto.
Uma fotografia da banda Fanfarra do IEGRS em desfile cívico no centro de Duque de Caxias (data não especificada)
Uma caixa contendo uma poesia em cordel elaborada para o cinquentenário do IEGRS pela professora

Verônica Bazílio (2012).
Um uniforme do Ensino Médio Normal (2008)

Partimos, então, para as conversas para justificar a seleção realizada seleção do acervo. A ideia principal era, através da exposição dos alunos atuais, possibilitar o diálogo entre as temporalidades presentes na escola, mantendo alguns objetos do acervo escolar e incorporando as novas leituras realizadas pelos alunos-produtores da exposição. Então, eles foram convidados a entrar no espaço e a pensar separadamente na relevância de cada objeto, observando do que se tratava, para quê, quando era utilizado e se havia algum referencial atual que pudesse “conversar” com ele.

Em uma reunião realizada no dia 17 de maio a respeito da roda de memórias, foi explicado aos alunos-produtores a relevância desse momento, uma vez que poderíamos ter contato com as impressões que os ex-alunos possuíam da escola, nos seus tempos, além da narrativa a respeito dos objetos trazidos por eles. A divulgação foi realizada uma semana antes do dia marcado para a roda, via e-mail, tanto pela coordenação da escola, quanto pelo CEPEMHed, além da publicação no grupo do *Facebook*, “IEGRS”.

A roda aconteceu no dia 18 de maio, às 14 horas, no auditório do IEGRS, onde estiveram presentes os ex-alunos Zélia Almeida e Claudio Lima. A Sra. Zélia estudou no IEGRS entre os anos de 1965 e 1968 e levou para a roda uma fotografia da sua formatura. Claudio estudou entre 2006 e 2009, mas não levou nenhum objeto. Somente duas pessoas compareceram para compartilhar suas histórias com os alunos. Existem narrativas na própria escola em que os ex-alunos participam de almoços e festas, mantendo o vínculo que se iniciou na escola, mas não conseguimos mobilizar mais pessoas nesta ocasião.

A Sra. Zélia de Almeida trouxe algumas histórias sobre o “seu tempo de escola”, despertando a curiosidade dos alunos. A Sra. Zélia, em entrevista gravada na roda, afirmou que era moradora do Jardim América, bairro do Rio de Janeiro vizinho à Duque de Caxias, e o que despertou nela a vontade de realizar o exame de admissão para o IEGRS foi a “fama de bom ensino”, destacando que “o ambiente era rígido e as regras, principalmente quanto ao uso do uniforme, eram seguidas à risca”. Nessa época o diretor era o próprio fundador da escola, o Sr. Álvaro Lopes.

A ex-aluna destacou que os laços de amizade eram tão importantes que, na ocasião do seu casamento, dividiu com uma amiga de classe as despesas da igreja e da festa. As duas seguiram juntas ao altar para celebrar com seus futuros maridos. Contou ainda que atuou como educadora, chegando até a se tornar diretora de uma escola estadual, mas que

atualmente está aposentada e, algumas vezes durante a roda, ressaltou que parte desse caminho foi possibilitado pelo fato de ela ter cursado a formação de professores no IEGRS

Percorreu os corredores da escola com os alunos, visitou o Instituto Histórico pela primeira vez e nos presenteou com uma fotografia de sua formatura, destacando: “Olha o uniforme! Os sapatos nós mandamos fazer, para ficar tudo igual”. Com empolgação e saudosismo, ela trouxe um pouco de sua história, que encantou os participantes.

Nosso segundo ex-aluno foi Claudio Lima, que destacou a sua postura difícil como aluno e as longas conversas que a atual diretora adjunta Sheila Maria tinha com ele. Foi um momento de emoção quando ele lembrou dessa relação de carinho com a diretora. Claudio tornou o ambiente descontraído ao falar de como era chamado a atenção pelo comportamento ruim e os alunos fizeram questão de enfatizar que a “dona Sheila” continua “com as suas conversas”.

Professora Alyne com os alunos produtores do projeto na roda de memória, que contou com a presença dos ex-alunos Zélia e Claudio



Data: Maio/2016. Foto: Aluna Juliana Laterza

A fala dos ex-alunos também nos possibilitou perceber como está consolidada a imagem da escola como uma “escola de qualidade” na região e, mesmo diante do cenário precário da educação no Estado do Rio de Janeiro, os ex-alunos por diversas vezes repetiram a importância de estudar numa escola que oferece um bom ensino. A memória institucional marcada pela tradição conservadora enraizou esse olhar na comunidade escolar que, em muitos casos, reproduz essa fala sem atentar para as condições do sistema educacional que se apresenta no estado do Rio de Janeiro.

Ao todo foram realizados oito encontros para a produção e montagem da exposição (Cronograma – ANEXO A). A cada encontro tivemos um quantitativo diferente de participantes, uma vez que eles também estavam em período de aula. Todo o material (os quadros, tintas, tecidos, pincéis, fotografias e material de papelaria) foi providenciado para que eles pudessem trabalhar. Após o período de produção, iniciamos a montagem no espaço do museu escolar. Os alunos se mobilizaram e se alternaram para que tudo pudesse ficar pronto dentro do planejado. O trabalho colaborativo ia motivando um a um e eles mesmos combinavam o horário para chegar na escola.

3.1 Esboço da exposição

Optamos por elaborar dezessete passos, caracterizados pelo símbolo da # (*hashtag*), comumente utilizada nas redes sociais para dinamizar as informações. O uso do símbolo foi uma referência com o fato do jovem de hoje estar cada vez mais conectado à internet. Cada título faz referência aos assuntos que serão explicitados ao longo do percurso. Abaixo destacamos o esboço da exposição, discutido com os alunos-produtores, levando em consideração todas as etapas vivenciadas até então.

ESBOÇO DA EXPOSIÇÃO

1 – Texto explicando as motivações da exposição e dando boas-vindas aos visitantes. Quadro “Sensações” pintados pela professora, para expressar as suas percepções a respeito do caminho da pesquisa e da relação estabelecida pelos participantes.

No teto: estrelas azuis simbolizando os três anos do Ensino Médio Normal – Formação de Professores.

2 – #Onde_estamos? Mapa de Duque de Caxias e entorno: os visitantes serão convidados a pregar um coração na localidade de origem.

3 – Fotos com o olhar dos alunos sobre Duque de Caxias. Essa dinâmica foi realizada no início de 2015, quando os alunos das três turmas de nono ano foram convidados a fotografar o local onde vivem. Também foi inserido um “mapa simbólico” realizado por uma aluna a pedido da professora de inglês, onde ela traça o caminho de casa até à escola.

4 – #Quem_é_ele? Foto e texto sobre Roberto Silveira. Essa etapa foi pensada porque na escola pouco se referencia o patrono. A mediadora faz provocações a respeito do fato de o patrono ser tão pouco conhecido e narra um pouco de sua história como político.

5 – #O_Início: Reproduções dos documentos sobre a fundação da escola, mudança de nome de “Escola Duque de Caxias” para “Instituto de Educação Governador Roberto Silveira” e documento que institui a Faculdade de Educação da Baixada Fluminense no prédio da escola. Agregamos uma linha do tempo (#Tempo_tempo_tempo) evidenciando alguns momentos relevantes para a escola, como por exemplo a fundação do Instituto Histórico do IEGRS, no ano de 2006. Nesse espaço também foi colocado um quadro pintado por uma das alunas, evidenciando o seu olhar sobre a entrada da escola.

Logo após uma vitrine, destaca como era realizado o processo de admissão às escolas do Estado – através de exame de admissão – e um questionamento é feito: você sabe o que é necessário hoje para estudar numa escola estadual? (Em referência ao processo virtual do Matrícula Fácil instituído pela Secretaria Estadual de Educação do Rio de Janeiro).

6 – Algumas brincadeiras foram realizadas pelos mediadores com um retroprojeter que não se sabe a procedência e com um mimeógrafo doado em 2002 pela professora Simone Freitas, com o intuito de perceber a relação dos visitantes com esses objetos.

7 – Em #Momentos os alunos selecionaram fotografias que remontaram a sociabilização que estabelecem dentro da escola e que muitas vezes perpassam seus muros. Destacaram a música “A amizade é tudo”, de autoria de Thiaguinho, um cantor de sambas e pagodes.

Nas vitrines, destacaram fotografias de quando entraram na escola ainda no jardim de infância.

8 – #IEGRS_mostra_a_tua_cara! Montagem com os rostos dos alunos do IEGRS. Vários alunos emprestaram seus olhares e sorrisos para que pudessem evidenciar a diversidade e a beleza existentes no espaço escolar.

9 – O uniforme foi destaque através da foto doada pela ex-aluna Zélia Almeida, que ressaltou a elegância da formatura da normalista na década de 1960 e que teve como contraponto a boneca produzida por uma aluna. A boneca foi vestida com o uniforme da normalista de 2016.

10 – #Criando_e_aprendendo: painel com fotografias de trabalhos realizados (mostra de dança, salas temáticas, estudos de campo e festas). Quadro sobre a festa junina pintado por alunos. Motivação: a escola não promove mais festa junina.

11 – Uma caixa de depósito de carteirinhas para serem carimbadas com a presença do aluno foi utilizada para que eles pudessem pensar o processo de informatização que instituiu o RioCard indicador de presença nas escolas estaduais.

12 – As plaquinhas das disciplinas usadas pelos professores, coordenação e direção nos conselhos de classe ainda nas décadas de 1960 e 1970 também tiveram espaço para que os visitantes pudessem perceber quais disciplinas permaneceram e quais já não fazem mais parte do currículo escolar.

13 – Em documentos do corpo discentes temos o material doado pelo ex-aluno e também ex-professor do IEGRS, Hugo, e os alunos atuais trouxeram seus materiais para pensar o que mudou e o que permaneceu.

Na bancada permaneceram as máquinas de escrever manual e elétrica, que também foram doadas, mas que não possuem referência de procedência, onde as alunas fazem alusão à temporalidade perguntando qual objeto substituiu o uso dessas máquinas?

Também na bancada está o troféu de 1º lugar no concurso de bandas de Nova Iguaçu, do ano de 2002, vencido pela Fanfarras – banda do IEGRS montada nos anos 2000 com incentivo da ex-diretora Verônica Bazílio.

Para finalizar o circuito da bancada, os alunos trazem a letra da Marcha do IEGRS escrita pelo primeiro diretor da escola, Sr. Álvaro Lopes ainda na década de 1960 e em uma dinâmica oferecem ao visitante a oportunidade de modificar alguma palavra existente por outra.

Na sala estão chumbados dois cofres que não se sabe a procedência. Uma das coordenadoras destacou que a sala que abriga o Instituto Histórico havia sido do departamento financeiro e, provavelmente, ali guardavam o caixa escolar (dinheiro doado pelos pais dos alunos para ajudar na manutenção da escola, nas décadas de 1960 e 1970).

14 – #Especial_é_a_educação: quadro pintado pelas alunas referenciando as turmas de educação inclusiva existentes na escola. Destaque para um caderno de planejamento da década de 1990 e fotografias atuais dos alunos que antes trabalhavam com cozinha experimental e hoje trabalham com artesanato.

15 – #Cuidam_de_nós: as tias/tios do IEGRS que apoiam os alunos. Mural com fotos e frases retiradas das entrevistas com o pessoal da limpeza, portaria e inspeção.

16 – Linha do tempo que já existia no espaço com os diretores do IEGRS onde acrescentamos a fotografia do novo diretor e #Nossos_mestres: fotografias e caricaturas de professores selecionados.

17 – #Luto_pela_educação: faixa produzida pelos alunos e quadro pintado com os “desejos dos alunos”.

Por fim, o título: **“NOSSO ESPAÇO, NOSSO TEMPO”**

Depois de todas as ações envolvendo história, memória e patrimônio, passamos a idealizar a exposição e pensar no título. A sugestão “Nosso espaço, nosso tempo” foi discutida e adequada à proposta do trabalho. Os alunos-produtores consideraram que esse título também poderia possibilitar a reflexão dos visitantes, criando um elo de identificação com seus “tempos” de escola.

3.2 Montagem e mediação da exposição

No dia 31 de maio de 2016 às 9 horas da manhã, iniciamos a montagem a partir da mesa que está no meio do Instituto Histórico, onde Ruan e Pedro Henrique conversaram sobre qual das duas máquinas de escrever ficaria no ambiente. Deliberaram pela mais antiga, sob essa justificativa. Ao mesmo tempo, Maria Eduarda e Lohany decidiam qual o retroprojetor faria parte da exposição. Elas optaram pelo mais recente, uma vez que destacaram que o objeto poderia ser mais rapidamente reconhecido pelos colegas visitantes. Assim como fizeram na mesa, Maria Eduarda e Lohany organizaram outras três vitrines e Alexia anexou na parede o mural de fotografias que indicavam a relação de amizade.

O corredor estava sendo montado também por Alexia que organizava as estrelas no teto, enquanto Letícia pensava em qual parede os quadros ficariam melhor acomodados. Decidiu pela parede que fica à direita da entrada principal do Instituto Histórico, por considerar que o visitante teria melhor visão a partir desse ângulo.

Rebecca e Yasmin modificavam a vitrine dedicada aos alunos, arrumando os documentos do ex-aluno Hugo e inserindo o broche da Rebeca e o boletim da Yasmin que enfatizou: “Escolhi esse boletim porque todas as notas estão acima da média”.

A boneca produzida pela Letícia foi estrategicamente colocada próxima ao painel colorido, no fundo da sala, sentada em uma cadeira e ao lado, foi disposta a fotografia doada pela Sra. Zélia.

Aos poucos outros alunos foram chegando e organizando as vitrines faltantes. Vitória se encarregou de limpar uma a uma com álcool e passou a vassoura no chão. Após todos os documentos estarem nos lugares previamente estabelecido por eles, decidiram repassar o percurso da exposição, explicando cada etapa.

Na parte da tarde continuamos o treinamento das informações sobre a exposição, para que todos os alunos pudessem estudar e se preparar para a mediação. Destacamos a

intencionalidade de cada etapa para que todos pudessem compreender e não “decorar” o que seria mediado. O circuito foi sugerido pela Maria Eduarda, para que o visitante pudesse ter a oportunidade de conhecer claramente cada etapa selecionada. Em todo o tempo foi priorizado o diálogo com o visitante. Nesse sentido a mediação dos alunos-produtores foi de extrema importância para a conexão entre os visitantes e a exposição. Sem as experiências adquiridas por eles e a apropriação que tiveram do espaço, não conseguiríamos compreender a potencialidade desse trabalho.

Ao entrarem no “Corredor de Memórias” os visitantes se deparam com Letícia que faz uma introdução sobre as motivações que levaram à construção da exposição e explica o mapa que indica o território da Baixada Fluminense, contextualizando geograficamente Duque de Caxias. Em *#Onde_estamos?* são convidados por ela a colocar uma marcação na sua localidade de origem. Nessa etapa também pretendemos avaliar se de fato o público escolar se diversificou a partir da demanda da ferramenta Matrícula Fácil. A motivação foi tentar perceber de onde vem o aluno do IEGRS. Essa dita “elite caxiense”, não mais evidenciada no espaço escolar, foi substituída, em sua maioria, pelos próprios jovens de Duque de Caxias, porém, agora não mais com um poder aquisitivo alto como o da década de 1960, mas um público diversificado.

A intenção dessa etapa também foi provocar a reflexão sobre o olhar do aluno para a região e, para tal, também inserimos um painel com fotografias “O meu olhar sobre o meu lugar”. Todos os alunos que se disponibilizaram para essa dinâmica eram moradores do município de Duque de Caxias. Os autores priorizaram seus lugares preferidos para lazer, o morro visto “por cima”, o centro de Duque de Caxias e o fervor de pessoas apressadas seguindo em várias direções. Pretendemos foi tirar o foco das imagens das propagandas turísticas que mostram o Rio de Janeiro e suas áreas privilegiadas e explicitar as belezas e as mazelas locais, contribuindo também para a visão do patrimônio existente na região, por vezes negligenciado, mas que pode contar com ações educativas para despertar o interesse do aluno sobre essa temática. Por fim, ao perceber o “seu lugar”, esses alunos podem ampliar o seu poder de atuação e reivindicação junto ao poder público, atuando como em prol da cidadania.

Em *#Quem_é_ele?*, destacamos a figura do patrono da escola: Roberto Silveira. Os alunos-produtores foram levados a procurar pela escola alguma referência ao político e não encontraram nenhuma fotografia ou sala batizada com seu nome, ou seja, nenhuma explicação de quem seria esse patrono e qual a motivação para a escolha de seu nome para esse espaço escolar. Por essa razão, acreditaram que poderiam estabelecer essa conexão na exposição. Os alunos decidiram representá-lo num quadro e a pesquisa foi realizada pela Juliana, que ficou responsável por mediar essa etapa.

Existe uma memória silenciada ao longo dos anos e as vozes que ecoam trazem mais à tona a importância do fundador Álvaro Lopes do que a do patrono da escola. Embora não se tenha cogitado a mudança de nome, também não há nenhuma referência que retrate sequer a história do político. Não se sabe se existe algum cunho político nessa decisão e, no momento da mediação, muitos alunos ficaram surpresos.

Representação do patrono da escola o político

Roberto Silveira



Data: Junho/2016. Foto: Juliana Laterza.

Para valorizar a diversidade da escola, os alunos elaboraram uma estrutura contendo partes de rostos de vários alunos. A ideia de *#IEGRS_Mostra_A_Tua_Cara* é trazer a valorização do aluno enquanto indivíduo, com características únicas, peculiares. Propomos que essa parte da exposição continue sendo “alimentada” pelos rostos dos alunos-visitantes que se interessarem em fazer parte da exposição.

Logo em seguida temos *#Momentos* e *#A_Amizade_É_Tudo*, onde os alunos retratam as suas relações de socialização no espaço escolar. Lembrando da dinâmica das fotografias relatada em capítulo anterior, destacamos que a afetividade está presente nessas relações e

direciona as atitudes dos alunos para com o próximo. Os vínculos de amizade são evidenciados em vários momentos das dinâmicas realizadas.



Painel de fotos: os alunos e as relações de amizade. Ao lado o quadro pintado por Letícia . Junho/2016. Foto: Alyne Selano

Em *#Criando_e_Aprendendo* é a vez de evidenciar os momentos de aprendizagem. Os alunos selecionaram fotografias de trabalhos realizados, como as salas temáticas, os estudos de campo, as mostras de dança³⁴ e também destacaram a ausência da festa junina, onde também trabalhavam, mas que não é mais realizada desde 2014. Para o diálogo com esse material, os produtores da exposição separaram um modelo de planejamento de trabalho da década de 1960 que auxiliava os professores na elaboração de aulas e avaliações de matemática

Na reserva técnica do IEGRS os alunos também encontraram fotografias das turmas de Educação Especial, que foi implementada no IEGRS ainda na década de 1990 com ações voltadas para a integração dos alunos com necessidades especiais e, inicialmente, contava com uma cozinha experimental, onde os alunos poderiam vender o que era feito. Já nos anos 2000, a cozinha experimental deu lugar às oficinas de artes que são realizadas até hoje.

Para os alunos-produtores, mais do que representar a os alunos da educação especial, foi importante perceber que eles quiseram abrir espaço para que eles fossem retratados na exposição, buscando a valorização da diversidade e deixando a mensagem que a educação é para todos ou, pelo menos, deveria ser. Abaixo segue o quadro representativo da vitrine *#Especial_é_a_educacao*, elaborado por Lorena e Nathalia.

³⁴ Em 2008 foi criado o projeto interdisciplinar denominado “Mostra de Dança”, que trabalha temas transversais utilizando diversas formas de expressão da cultura popular e que é realizado anualmente.

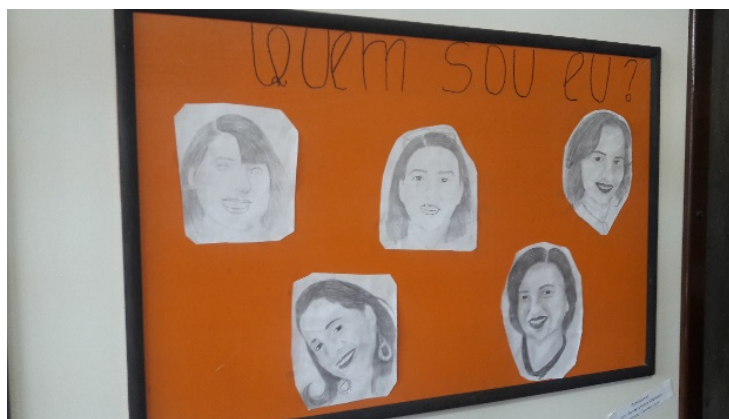
Quadro pintado para compor a vitrine da educação inclusiva



Data: Junho/2016. Foto: Alyne Selano. Quadro pintado por Nathalia e Lorena

A parte dedicada aos professores foi tratada com bom humor e os alunos selecionaram professores significativos para eles através de fotografias expostas na vitrine e escolheram alguns para representar em forma de caricatura. Em *#Nossos_Mestres*, apesar da brincadeira, a ideia é trazer a face dos professores e não somente vestígios do trabalho docente, como anteriormente estava exposto no Instituto Histórico. Essa perspectiva nos leva a compreender que a relação professor-aluno também é dotada de afetividade. As caricaturas foram produzidas pela Lohany, juntamente com seu primo e ex-aluno do IEGRS, Claudio.

Caricaturas



Caricaturas dos professores Sandra Maria, Dejenane Peres, Cristina Marinho, Alyne Selano e da ex-diretora Verônica Bazílio. Na exposição os visitantes são convidados a descobrir quem são os professores ali representados. Junho/2016. Foto: Alyne Selano.

Durante a mediação, alguns alunos-visitantes, professores e até membros da direção lembraram de outros professores do IEGRS que, segundo eles, não poderiam “ficar de fora” da exposição por serem “muito importantes” no IEGRS, mas ressaltamos que os professores selecionados atendem a uma demanda dos alunos atuais, produtores da exposição e que, para eles, os que estão evidenciados foram os que, de alguma maneira, fizeram a diferença para

eles. Isso nos traz a reflexão de como os espaços dedicados à memória tendem a ser reivindicados pelos grupos sociais, por isso, lugares de disputas.

Ainda em 2015, após a visita guiada ao Instituto Histórico, a primeira ausência que foi sentida foi a dos “Tios e Tias do IEGRS”, geralmente pessoas de mais idade, que costumam trabalhar na limpeza, na cozinha, na portaria e na inspeção da escola. O espaço denominado *#Cuidam_de_Nós* traz a perspectiva da valorização desses profissionais que tanto auxiliam no cotidiano escolar. Em se tratando do contexto educacional que envolve o Governo do Estado do Rio de Janeiro e a Secretaria Estadual de Educação, há de se destacar que muitos desses colaboradores são terceirizados e por muitas vezes já trabalharam sem receber salário. Sensibilizados com essas histórias, os alunos decidiram abrir espaço para representar essas pessoas que também estabelecem vínculos com os alunos e com a própria instituição.

Alunos Adriel Oliveira e Pedro Lima entrevistando a funcionária Maria José



Data: Maio/2016. Foto: Alyne Selano

“Entrevistei a tia Zezé (da limpeza) e me emocionei!” disse Pedro Lima³⁵ (à direita de Maria José na fotografia). “Ela disse que mesmo depois de perder o marido e o filho continua trabalhando aqui porque nós somos a alegria dela”.
Data: Maio/2016.

Em *#Luto_Pela_Educação*, foi inevitável a discussão sobre o atual momento da educação tanto no estado do Rio de Janeiro quanto no Brasil e os alunos acreditaram que uma exposição que diz respeito à eles jamais deveria silenciar a luta diária de todos os envolvidos

³⁵ Os alunos Pedro Lima e Adriel Oliveira entrevistaram funcionárias e funcionários da limpeza, da portaria, da manutenção e da cozinha, para que pudessem compreender a trajetória dessas pessoas na escola.

para que a educação seja vista com mais respeito pelos que estão no poder. Um painel escrito “Luto pela educação” trouxe um pouco da complexidade que essa luta representa diante das escolas ocupadas pelos estudantes e das manifestações promovidas em prol de melhorias. A escola passou por uma consulta pública à comunidade escolar para discutir a questão da ocupação e a maioria optou por não ocupar. Isso não descaracterizou a reflexão e a compreensão da luta por melhorias.

Para finalizar, um quadro com palavras foi montado a partir dos desejos dos estudantes quando pensam sobre o futuro. Sucesso, sabedoria, felicidade foram as palavras lembradas nesse momento. Em média tivemos dois alunos se apropriando de cada tema, mas nosso objetivo foi estimular que cada um deles conseguisse se sentir seguro o suficiente para mediar sozinho.

Foi elaborado um convite virtual distribuído para a direção, coordenação, CEPEMHed, pais e amigos dos alunos-produtores. Para a direção e coordenação do IEGRS ele contou com o seguinte texto explicativo:

Caros Professores. Em anexo está o convite da exposição ‘Nosso espaço, nosso tempo’ produzida por um grupo de alunos do IEGRS ao longo do ano de 2015 e primeiro semestre de 2016 (Esse grupo começou o trabalho no nono ano e está concluindo agora, no primeiro ano do Ensino Médio Normal), fruto das inquietações e reflexões a respeito de memória, história e patrimônio dentro do espaço escolar. Essa exposição tem como objetivo explorar o potencial criativo dos nossos alunos, sensibilizando o olhar para o Instituto Histórico do IEGRS, na busca pelo reconhecimento dos alunos como agentes históricos, protagonistas de suas ações e dotados de potencialidade criativa, valorizando suas memórias e os empoderando. É com imenso prazer que convidamos cada professor a também intervir nesse espaço, apoderando-se dele e tornando-o cada vez mais um ambiente aberto a quaisquer formas de aprendizagem. (Convite da exposição enviado em: 24 de maio de 2016)

Convite

Os alunos e alunas do Instituto de Educação Governador Roberto Silveira convidam para a exposição

“NOSSO ESPAÇO, NOSSO TEMPO”

DIALOGOS SOBRE OS TEMPOS NO IEGRS



Inauguração dia 01 de Junho de 2016
Às 9 horas
Local: Instituto Histórico do IEGRS
R. Gen. Mitre, 587 - Jardim 25 de Agosto,
Duque de Caxias

A exposição foi inaugurada no dia 01 de junho de 2016 às 9 horas da manhã e contou, inicialmente, com a participação de duas turmas do Ensino Fundamental II. A escolha das turmas foi aleatória. Estavam presentes também o atual diretor, Professor Antônio Santos e duas integrantes do CEPEMHed. Na ocasião agradecemos e iniciamos falando da proposta de trabalho. Logo vieram os alunos do Ensino Médio Normal e organizamos a entrada para que a sala pudesse comportar confortavelmente todos os visitantes.

Recebemos a visita da Professora Verônica Bazílio, que contribuía com as informações dadas pelos alunos a cada etapa da exposição. Ela se emocionou e compartilhou com os alunos o carinho pela escola em que atuou como professora e por duas vezes como diretora. Outras turmas foram convidadas e, pouco a pouco, a exposição foi ganhando eco pelos corredores da escola.

Os alunos-visitantes puderam tentar descobrir a funcionalidade dos objetos compunham a mesa, também eram convidados a se deixar fotografarem para compor o espaço *#IEGRS_Mostra_a_tua_cara*. Eram convidados a tentar adivinhar as professoras nas caricaturas além, de terem a possibilidade de modificar a Marcha do IEGRS através da sugestão de palavras que pudessem substituir as originais.

No dia da inauguração passaram pela exposição cerca de 153 visitantes ao longo dos dois turnos em que o espaço esteve aberto, incluindo a visita do professor Hugo Moreira, que foi ex-aluno, ex-professor e que doou cerca de 200 documentos para o acervo da escola. O professor contou que estava dando entrada em seu processo de aposentadoria e, portanto, precisou ir até à escola para providenciar alguns documentos. Ele conversou com os alunos e se sentiu muito orgulhoso ao rever no Instituto Histórico a sua carteirinha e o seu boletim datado de 1968.

Ao final do percurso cada visitante foi convidado a assinar o livro de registro e ganhou um *folder* explicativo sobre a exposição para que pudesse conhecer mais sobre as motivações do projeto (ANEXO B).

Terminada a euforia da inauguração, ficou acordada a organização dos horários para que as mediações não coincidam com períodos de aula e, para a pesquisa, chegou o momento de avaliar todo o processo vivido. Sabemos que a pesquisa-ação veio suprir uma necessidade existente no campo educacional no sentido de unir teoria à prática. Muitas são as experiências vividas pelos professores que não são documentadas ou embasadas teoricamente e, isso, de certa forma, contribui para a desvalorização do saber escolar, distanciando e até mesmo diminuindo esse tipo de saber em comparação ao acadêmico, por exemplo.

Diante dos esforços em agregar valor ao saber escolar, a pesquisa-ação se tornou um elemento importante para organizar os saberes e provocar a reflexão dos envolvidos, pois, muitas vezes, os professores imbuídos em fazer acontecer não conseguem separar um tempo para avaliar e refletir sobre o que foi feito, deixando de aproveitar a sala de aula como objeto de pesquisa. Os alunos, por sua vez, em muitas ocasiões, deixam de compreender os objetivos das atividades propostas e não conseguem se apropriar do saber.

No caso do decorrer de nossa pesquisa ao longo de cada etapa os alunos eram levados a pensar sobre os objetivos e o que era um simples “ajudar a professora no mestrado”, tornou-se “dar a nossa cara ao museu escolar” ou, como ressaltou Letícia em mensagem virtual, após a inauguração da exposição:

“Professora, amei cada momento de hoje, estava tudo lindo demais. Arrasamos muito, sambamos na cara daquele terceiro ano. A minha amiga, meu namorado, minha mãe e meu padrasto adoraram e disseram que estava tudo lindo, estava tudo maravilhoso. **Parabéns pra nós**” (grifo nosso).

A fala de Letícia nos permite avaliar que, para ela, a exposição foi além de uma simples apresentação de trabalho para cumprir com uma atividade da professora, mas envolveu a família e contribuiu para que ela se auto-afirmasse na escola, permitindo que ela se percebesse incluída no processo, afinal, o sucesso aconteceu devido aos esforços de uma equipe!

O nervosismo inicial e o medo de errar por parte dos alunos-produtores, que agora se tornavam mediadores, logo foram substituídos pela segurança de quem sabia que tinha trabalhado muito no projeto. Posteriormente, perguntamos sobre esse momento e obtivemos as seguintes respostas:

“Acho que estava tudo lindo e bem organizado. Gostei de todas as partes da exposição. A sensação de apresentar a exposição para os visitantes no começo deu um certo frio na barriga mas, depois que você começa a apresentar, você fica mais tranquila e confiante” - Nathalia dos Santos”

“Eu gostei da parte em que procuramos objetos para colocar na exposição e conhecemos várias atividades que aconteceram na escola. Fiquei feliz em participar de algo interessante, de poder aprender e ao mesmo tempo ensinar.” - Rebeca Alexandra;

“A parte em que mais gostei foi quando eu aprendi mais sobre a escola e ter apresentado tudo isso para as pessoas que ainda não conheciam. Fiquei feliz pelos antigos da escola terem elogiado o nosso trabalho e no momento compartilharem conosco tudo aquilo que vivenciaram.” - Pedro Lima;

“Tive uma sensação prazerosa, de fazer algo que me deixou feliz e agradou os outros. Poderíamos pôr objetos de antigos alunos e diretores atuais do outro lado, para quem for visitar ver o que realmente mudou.” - Vitória Souza;

“Eu gostei de todas as partes, porém, gostei mais da parte em que mexemos no museu. A sensação foi de alegria a maioria das vezes e de realização, pois todo o nosso trabalho deu certo” - Letícia Policarpo.

Pudemos também perceber que a mediação dos alunos se tornou a parte mais relevante desse processo. Nela, os longos um ano e meio de atividades e imersão no patrimônio escolar proporcionaram uma intimidade desse aluno, que foi evidenciada nos momentos da mediação.

Ao longo do percurso os alunos-produtores desenvolveram habilidade de auto-gestão, ao se organizarem com relação ao horário para a produção do material e montagem da exposição, além de aprimorarem suas habilidades sociais, num através da interação e de resolução dos conflitos que se apresentaram, além de aprofundarem as habilidades de pensamento e reflexão, uma vez que, a cada etapa eram questionados a respeito do objetivo a ser alcançado e ao final promoveram uma auto-reflexão sobre o quanto esse processo foi produtivo em suas vidas.

Com todas as ações saímos da sala de aula e vivemos uma experiência de aprendizagem ímpar que proporcionou aos alunos-produtores um novo olhar a respeito da escola, do patrimônio e da história, iniciando um processo emancipatório, principalmente no saber-fazer.

O modo cooperativo em que a exposição foi elaborada não somente permitiu uma apropriação do Instituto Histórico do IEGRS pelos alunos-produtores, como possibilitou a visibilidade do local por alunos da instituição que não o conheciam.

As presenças e ausências do Instituto Histórico problematizadas ao longo do processo foram importantes para que os alunos-produtores refletissem sobre seus papéis como protagonistas dessa experiência no espaço escolar.

Passada a inauguração, no dia 15 de junho de 2016 fizemos uma roda de conversa onde estavam presentes onze alunos-produtores e começamos a falar sobre cultura, patrimônio, museus e escola. Cinco alunos não compareceram por motivos pessoais.

- O que pode ser caracterizado como cultura? (Pergunto)
E rapidamente respondem quase que ao mesmo tempo:

- Música, dança, teatro, comida.
- Língua? A nossa língua? (Interfiro)
- Sim. A nossa língua! (Responde Juliana)
- E o que é patrimônio? (Continuo)
- Ah, tudo que é importante. É algo que a gente tem. (Responde também Juliana)
- Que demarca o quê? (Insisto)
- Ele explica momentos da nossa história. (Completa Maria Eduarda)
- E um museu? O que pode ter dentro de um museu?

Nesse momento os alunos são convidados a olharem as imagens dos objetos da primeira pesquisa relatada no capítulo 2.

- As coisas que marcam.
- As coisas que são históricas.

Nesse momento todos começam a citar os objetos presentes na folha. Consideram que todos os objetos poderiam estar no museu.

- Pode ser a sua cadeira, Maria Eduarda?
- Minha cadeira... ahhh pode? Depende do museu? (Ela responde e logo é interpelada por Juliana)
- Ué?! Por que não pode ser a sua cadeira?
- Ahhhh sei não... pode? (Maria Eduarda ainda tem dúvida. E começo a repensar se ela foi impactada ou não pelas nossas ações ao longo da pesquisa. Mas logo se convence que a sua cadeira também poderia estar em um museu)
- Depende de quem está montando o acervo. Se o acervo fosse montado por vocês, o que estaria no museu?
- Trabalhos, uniforme, estojo. O que tem na nossa exposição. (Juliana, Lorena, Nathalia vão contando)
- E o que ficou faltando? (Pergunto)
- Abrir o cofre! (Fala bem alto Rhuan e todos concordam)

Rhuan faz referência aos cofres chumbados no chão da sala que hoje abriga o Instituto Histórico do IEGRS e que estão lá desde a fundação da escola, mas que até hoje ninguém conseguiu abrir.

Ao avaliarmos o trabalho, percebemos que nem todos os alunos foram impactados e se envolveram da mesma forma. Num processo de aprendizagem jamais esperamos que isso ocorra, pois são múltiplos os fatores que influenciam esse caminho. Porém, percebemos que a motivação existia e o desejo de realizar algo inovador alimentava as ações voluntárias. Pouco mais de dez dias após a inauguração, no dia 15 de junho de 2016, por ocasião do 54º aniversário do IEGRS, eles foram chamados pela coordenação para abrirem o espaço.

Nesse momento a “professora Alyne”, a “pseudo” dona da exposição, não estava na escola e, surpreendentemente, eles abriram o espaço, limparam e realizaram cinco mediações de cerca de trinta minutos ao longo do dia, demonstrando apropriação daquele espaço.

Sendo assim, esperamos que o Instituto Histórico do IEGRS, a partir de todas as proposições da pesquisa e da dinâmica provocada a partir da exposição dos alunos, seja um espaço de interação, sensibilização e aprendizagem a respeito da escola, do aluno enquanto indivíduo dotado de historicidade e que seja um ambiente provocador de reflexões a respeito do papel que precisamos assumir, enquanto protagonistas da história.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho apresentado foi o fruto de uma redescoberta, diante da possibilidade de lançar um olhar apurado a respeito da Educação Patrimonial. Isso porque o programa do Mestrado Profissional em Ensino de História oportunizou o contato com professores, disciplinas e leituras que contribuíram para um recorte que realmente provocasse reflexões a respeito da prática em educação. Também foi importante estar em sala de aula e valorizar o vínculo com os alunos para agregar valor a esse caminho que aos poucos foi sendo construído.

O aprofundamento de leituras voltadas para o patrimônio ampliou as aprendizagens sobre o tema e despertou cada vez mais o desejo de compartilhar com os alunos as discussões sobre História, memória e patrimônio. Além disso, foi importante compreender a cultura escolar, enraizada no cotidiano até então desconhecido, uma vez que, ao cumprir a carga horária de trabalho exigida, não me preocupava em saber mais sobre a escola e não possuía com ela vínculo algum. Nesse sentido, o trabalho contribuiu para que eu pudesse repensar essa postura.

Outro ponto relevante foi aprofundar a história da região de Duque de Caxias e fazer com que os alunos também a conhecessem. Foi interessante deslocar o eixo de reflexão para um lugar do qual anteriormente me encontrava distanciada, pois, sendo moradora do Rio de Janeiro, nunca despertei o interesse por essa localidade e, mesmo depois de muitos anos frequentando o município, foi necessário vivenciar essa experiência para apurar o olhar de historiadora sobre a região e, mais ainda, compreender a relevância que a história de Duque de Caxias possui para o alunado. Mesmo que o currículo escolar não priorize esse tipo de estudo, se faz necessário despertar a curiosidade do aluno para o meio no qual ele está inserido, provocando o despertar de uma postura cidadã e auxiliando-o a atuar nesse ambiente, para que possa buscar melhorias. Consideramos importante abordar temas que tragam a história local para serem discutidos no ambiente escolar.

Repensar a prática a partir das experiências vividas nesse mestrado contribuiu também para modificar as aulas, tornando-as um campo aberto e repleto de possibilidades interessantes, cujos objetivos pensados e evidenciados aos alunos eram de despertar a curiosidade e retirar esse aluno da passividade de quem vai para a escola “ouvir” o professor falar, instigando para que ele pudesse se sentir seguro para expor suas opiniões, possibilitando uma troca extremamente relevante, tornando o ambiente propício ao saber.

O trabalho também contribuiu para que pudéssemos perceber que o relacionamento que os alunos estabelecem dentro da escola em seu processo de socialização muitas vezes ultrapassa aquele espaço, fortalecendo vínculos de amizade duradouros. Esses laços são construídos não somente entre os alunos, mas também entre os alunos e a própria escola, pois muitos que ali trabalham atualmente já haviam sido alunos, criando um círculo interessante de identificação através do que a escola representou/representa para eles.

Depois de tantas reflexões apropriadas ao longo do processo e diante da possibilidade de transformar tais reflexões na ação de construir com os alunos uma exposição que tratasse das suas demandas, foi interessante perceber como eles passaram a ter visibilidade. Se, em muitos casos, nas situações em sala de aula, esses alunos eram vistos como “números na chamada”, ao saírem desse ambiente para atuarem no Instituto Histórico foram revelados traços de personalidades e habilidades distintas, que eram reveladas a cada encontro e que se completavam à medida que novas ideias iam surgindo.

A mobilização voluntária e a vontade de fazer por parte dos alunos envolvidos foi algo que motivou o desenvolvimento da exposição de forma minuciosa e com todos os cuidados que uma exposição precisa ter, pois os próprios alunos puderam perceber que ela ia além dos vários outros trabalhos práticos já realizados por eles. Pensar cada tema e a composição do espaço a partir dos objetos, levando em consideração o tipo de discurso que se desejava evidenciar e adequar a linguagem ao público-alvo, além de proporcionar a interação desse público com o que estava sendo exposto foram etapas construídas ao longo de muitas conversas, análises, visitas à reserva técnica e produção do material a ser exposto. Tudo isso possibilitou a modificação do espaço do Instituto Histórico e ampliou a possibilidade do diálogo com o espaço.

Mais do que pensar, produzir, montar e mediar a exposição, os alunos adquiriram responsabilidade com relação ao local, cuidando para que nenhum objeto fosse danificado ou desaparecesse, limpando o ambiente para melhorar seu aspecto e perceber a importância de intervir num discurso já estabelecido para propor um novo olhar, propondo a vivacidade de uma juventude que a cada dia demonstra interesse em participar de questões socialmente latentes. Eles compreenderam que lidar com patrimônio é atuar num campo onde as memórias são trabalhadas e, como tal, também impregnaram de sentido e sentiram que aquele espaço também poderia dar lugar aos seus anseios e aspirações tanto como alunos, quanto como cidadãos. Nesse sentido, acreditamos que a exposição cumpriu o papel a que se propôs inicialmente, uma vez que possibilitou o diálogo entre as diversas temporalidades ali presentes e possibilitou que esses alunos se apoderassem do espaço, dinamizando-o. Afinal,

conforme destaca Walter Benjamin, “qual o valor de todo nosso patrimônio cultural, se a experiência não mais o vincula a nós?” (1987, p. 115).

Nesse sentido, a preparação para a mediação também foi um ponto positivo para o desenvolvimento do trabalho, uma vez que todos estudaram cada etapa construída, embora, no momento da exposição, eles estivessem organizados por temas, a visão do “todo” possibilitou o aprofundamento no sentido da exposição. Decerto aquele espaço sem a mediação dos alunos deixaria de ter o sentido a que se propôs, seria apenas mais um espaço com objetos dispostos. A mediação foi o diferencial da exposição e perceber as explicações, a forma com a qual eles lidavam com os objetos e a desenvoltura ao apresentar nos ensinou que a relevância do papel do professor no processo de aprendizagem é criar possibilidades para que os alunos se apropriem do que está sendo proposto. O trabalho compartilhado nos ensinou a enxergar o que vai além da “capa” de aluno, nos possibilitou um mergulho na compreensão do que é humano e das suas potencialidades.

Os caminhos percorridos por esse trabalho, seja conjuntamente com os alunos ao produzir a exposição ou como pesquisadora, tomando distância do objeto para analisá-lo, exigiu muito esforço e dedicação. Esforço no sentido de modificar os próprios paradigmas enquanto professora, apostando no potencial criativo que foi se revelando no decorrer do processo, atuando em parceria, flexibilizando a postura e acreditando no resultado das provocações lançadas aos alunos. Dedicação para priorizar as vozes dos alunos, criando um vínculo com eles e procurando passar mais tempo observando suas ações e avaliando individualmente cada um, num esforço de compreender os “mundos” ali reunidos num grupo diversificado de jovens, cada qual com sua motivação pessoal para participar desse desafio. Toda essa experiência demonstrou que trabalhar com educação e tomar novo fôlego diariamente é acreditar que é possível realizar e motivar os alunos a se perceberem como indivíduos dotados de historicidade, atuantes, críticos e reflexivos, a fim de modificarem a sociedade.

Consideramos importante que outras ações aconteçam no Instituto Histórico do IEGRS, através da motivação dos muitos professores que ali atuam, não somente da disciplina História, mas todos os que puderem estabelecer dinâmicas de aprendizagem no local, despertando no aluno a apropriação do espaço para que ele mantenha sempre as portas abertas ao saber e que novos olhares possam agregar experiências inovadoras no campo educacional, valorizando também a escola e dando protagonismo ao aluno.

REFERÊNCIAS

ABREU, Regina; CHAGAS, Mario. (orgs.) *Memória e patrimônio: ensaios contemporâneos*. Rio de Janeiro: Lamparina, 2003.

ALVES, Vânia Maria Siqueira. *Museus escolares: de recurso de ensino ao patrimônio e a museologia*. Tese de Doutorado. UNIRIO/MAST, Rio de Janeiro, 2016.

ALMEIDA, A. M.; VASCONCELLOS, C. M. Memória e Ensino da História. In: BITTENCOURT, Circe. (org). *O saber histórico na sala de aula*. São Paulo: Contexto, 1997.

ARAÚJO, Helena. M. M. de. *Memória e produção de saberes em espaços educativos não-formais*. Usos do passado. XII Encontro Regional de História, ANPUH, Rio de Janeiro, 2006.

BASTOS, Maria Helena Câmara; FARIA FILHO, Luciano Mendes de (org.). *A Escola Elementar no século XIX*. O método monitorial/mútuo. Passo Fundo: Ediupf, 1999.

BARRETO, Alessandra Siqueira. *Um olhar sobre a Baixada: usos e representações sobre o poder local e seus atores*. Campos: UFU, 2004.

BÉDARIDA, François. *Tempo presente e presença da história*. In: FERREIRA, M. M, AMADO, J. (orgs.) Usos e abusos da história oral. 5. ed. Rio de Janeiro: FVG, 2002.

BENJAMIN, Walter – *Obras escolhidas*. Vol. 1. Magia e técnica, arte e política. Ensaios sobre literatura e história da cultura. São Paulo: Brasiliense, 1987.

BLOCH, Marc. *Apologia da História ou o Ofício do Historiador*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

BRAZ, Antonio A. *Vidas em Transição: A Cidade e a Vida na cidade em Duque de Caxias (RJ) nas Décadas de 30, 40 e 50 do Século XX*. Vassouras: Universidade Severino Sombra., (Dissertação de Mestrado em História), 2006.

CAIMI, Flávia E. História escolar e memória coletiva: como se ensina? Como se aprende? In: ROCHA, H. A. B.; MAGALHÃES, M. S.; GONTIJO, R. *A escrita da história escolar*. Rio de Janeiro: FGV, 2009.

CALABRE, Léa. Políticas Culturais no Brasil: balanço e perspectivas. In: III ENECULT – Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura, Salvador: Revista Estudos Históricos, 2007.

CANCLINI, Nestor. G. O Patrimônio Cultural e a Construção Imaginária do Nacional. *Revista do IPHAN*, n. 23, 1994.

CARVALHO, José Murilo de. *A Formação das Almas: o imaginário da República no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

CASTRO, Celso. *Inventando tradições no Exército brasileiro: José Pessoa e a reforma da Escola Militar*, *Estudos Histórico*, 14, p. 231-240, jul./dez. 1994.

CATROGA, Fernando. *Memória, história e historiografia*. Coimbra: Quarteto, 2001.

CHAGAS, Mario. *Ensaio de Museologia*. Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologia. Estudos avançados de museologia. Portugal, 2011.

_____. *Museus: Antropofagia da memória e do patrimônio*. *Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional* *Museus: antropofagia da memória e do patrimônio*, Brasília, n. 31, 2005.

_____; STORINO, Claudia. M.P. *Os museus são bons para pensar, sentir e agir*. n: *Revista Brasileira de Museus e Museologia*. IPHAN, n. 3, 2007.

CHERVEL, André. *História das disciplinas escolares*. In: Teoria e Educação. Porto Alegre: Pannonica, n. 2, 1990.

DE VARINE, Hugues. *As raízes do futuro: o patrimônio a serviço do desenvolvimento* Tradução de Maria de Lourdes Parreiras Horta. Porto Alegre: Medianiz, 2012.

ENGEL, Guido Irineu. *Pesquisa-ação*. Revista Educar, Curitiba: UFPR, n. 16, 2000.

FELGUEIRAS, Margarida L. Materialidade da cultura escolar. A importância da museologia na conservação/comunicação da herança educativa. *Pro-Posições*, v. 16, n. 1 p. 46, jan./abr. 2005.

_____. Herança educativa e museus: Reflexões em torno das práticas de investigação, preservação e divulgação histórica. *Rev. bras. hist. educ.*, Campinas: v. 11, n. 1 (25), p. 67-92, jan./abr. 2011.

FOURQUIN, Jean-Claude. *Escola e Cultura: as bases sociais e epistemológicas do conhecimento escolar*. Tradução de Guacira Lopes Louro. Porto Alegre: Artes Médicas, 1993.

GABRIEL, Carmem Teresa. Memória e ensino da História. *Espaços educativos e ensino de História*. Boletim 2, abr. 2006.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Centauro, 2006.

HARTOG, François. *Régimes d'historicité*. Présentisme et expériences du temps. Paris: Éditions du Seuil, 2003.

HORTA, Maria. de L. P; GRUNBERG, E; MONTEIRO, A. Q. *Guia básico de educação patrimonial*. Brasília: IPHAN: Museu Imperial, 1999.

JULIA, Dominique. A cultura escolar como objeto histórico. *Revista brasileira de história da educação*, n.1, jan./jun. 2001.

KÖPTCKE, Luciana. Revisitando a parceria museu-escola: currículo e formação profissional. *Museologia e Patrimônio - Revista Eletrônica do Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio*, v. 7, n. 2, 2014.

LARROSA, J. *Tecnologias do Eu e Educação*. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.) *O sujeito da educação: estudos foucaultianos*. Petrópolis: Vozes, 1994.

LE GOFF, Jacques. *Memória*. In: *História e Memória*. Campinas: Unicamp, 1994.

LOWENTHAL, David. Como conhecemos o passado? *Revista PUC São Paulo*, Projeto História, n. 17, 1998.

MENESES, Ulpiano. T. B. de. A história cativa da memória? Para um mapeamento da memória no campo das Ciências Sociais. *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, São Paulo, n. 34, 1992.

MIRANDA, Sonia R. Formação de professores e ensino de História, em limiares de memórias, saberes e sensibilidades. *Revista História Hoje*, v.2, n. 3, 2013.

_____. *História: Ensino fundamental / Coordenação Margarida Maria Dias de Oliveira*. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, (Coleção Explorando o Ensino, v. 21), 2010.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. *Projeto História*. São Paulo, n.10, dez 1993.

NÓVOA, Antonio. *Para uma análise das instituições escolares*. In: _____. (org). *As organizações escolares em análise*. 2. ed. Lisboa, Publicações D. Quixote/Instituto de Inovação Educacional, 1995.

PIMENTA, Selma G; FRANCO, Maria A. Santoro. *Pesquisa em educação*. Possibilidades investigativas/formativas da pesquisa-ação. São Paulo: Edições Loyola, 2008.

PINTO, Genivaldo Gonçalves; PADOIN, Maria Medianeira. Duque de Caxias: a construção do mito. *Revista REPPIL@*, v.1, n. 1, 2003, p. 103-127.

RAMOS, Francisco. R. L. *A danação do objeto: O museu no ensino de história*. Chapecó: Argos, 2004.

RICOUER, Paul. *A memória, a história, o esquecimento*. Campinas: Unicamp, 2010.

SILVA, Fabiany de Cassia Tavares. Cultura Escolar: quadro conceitual e possibilidades de pesquisa. *Educar*, Curitiba, n. 28, UFPR, 2006.

TEIXEIRA I. PRAXEDES, V. *História Oral e Educação: Tecendo vínculos e possibilidades pedagógicas*. In: VISCARDI, C. M. R.; DELGADO, L. A. N. (Orgs). *História Oral: Teoria, Educação e Sociedade*. Minas Gerais: UFJF, 2007.

THIESEN, Icléia. *Memória Institucional*. João Pessoa: UFPB, 2013.

TRIPP, David. Pesquisa-ação: uma introdução metodológica. *Revista Educação e Pesquisa*, São Paulo, v. 31, n. 3. set./dez. 2005.

WEB SITES

IPHAN: Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional:< <http://portal.iphan.gov.br/>>

IEGRS: Instituto de Educação Governador Roberto Silveira:

<<http://iegrsonline.blogspot.com.br/>>

CEPEMHED: Centro de Memória da Educação da Baixada Fluminense:

<<https://centrodememoriadaeducacao.net.br/>>

Museologia: roteiros práticos – Planejamento de Exposições 2:

<www.usp.br/cpc/v1/imagem/download_arquivo/roteiro2.pdf>

APÊNDICE - PESQUISA COM ALUNOS DO NONO ANO DO IEGRS EM 2015

Nome: _____

Idade: _____

1) Em que ano (data) você iniciou os estudos no IEGRS? _____

2) Em qual série? _____

3) Estudar no IEGRS foi uma escolha:

() sua () da sua família () outros _____

4) Marque a razão pela qual essa escolha foi feita:

() a escola é perto da minha casa

() tenho parentes que estudaram / estudam na escola

() minha família gosta da escola

() foi a única em que encontrei vaga

() outra: _____

5) De 0 a 4 enumere o que você considera importante no espaço escolar, sendo 0 para menos importante e 4 para mais importante.

() uma boa estrutura, com salas climatizadas, quadra de esportes, biblioteca e refeitório em bom estado.

() um corpo docente integrado e criativo, que busque inovações nas aulas para ajudar na aprendizagem.

() um lugar onde eu possa fazer amigos e me sinta bem para frequentar diariamente

() um lugar onde as tradições e rituais (desfiles, bandas e momentos cívicos) sejam valorizados.

6) Você conhece a história do IEGRS?

() sim () não

Em caso de SIM, descreva:

7) Marque as imagens que correspondem ao ambiente escolar.

1 - ()

2 - ()



3 - ()

4 - ()



8) Das imagens acima, quais poderiam fazer parte de um museu? Número(s)

9) Em uma escola é possível existir um espaço destinado à história da escola?

() sim () não

10) Envolve os objetos que poderiam compor o acervo escolar:

Caderno, lápis, agenda dos alunos, cadeira do diretor, documento de fundação da escola
fotografia da inauguração, uniforme, fotografia dos desfiles cívicos, caneta do diretor.

ANEXO A – CRONOGRAMA DA EXPOSIÇÃO

Atividades	Janeiro	Fevereiro	Março	Abril	Maiο	Junho
Entrevista com a direção do IEGRS	08/JAN	02/FEV				
Entrevista com as integrantes do CEPEMHEd		23/FEV				
Análise da dinâmica com objetos (com os alunos)	15/JAN					
1ª reunião sobre a exposição com os alunos		16/FEV				
Seleção do material e dos alunos envolvidos no trabalho.		23/FEV				
Preparação do encontro com ex-alunos			9 MAR			
Encontro de atuais e ex-alunos do IEGRS e seus objetos para uma conversa e análise do encontro					18/MAI	
Visita guiada ao Museu da Maré			19/MAR			
Planejamento para a utilização do espaço dentro do Instituto Histórico e			22/MAR			
Organização do material selecionado. Encontro com os alunos.			29/MAR			
Início da produção do material para a exposição. Encontro com os alunos.				21/ABR		
Continuação da produção da exposição. Encontro com os alunos.					03/MAI	
Continuação da produção da exposição. Encontro com os alunos.					11/MAI	
Continuação da produção da exposição. Encontro com os alunos.					24/MAI	
Continuação da produção da exposição. Encontro com os alunos.					25/MAI	
Montagem da exposição					31/MAI	
Inauguração da exposição						01/JUN
Conversa sobre a exposição para avaliar os resultados						15/JUN

ANEXO B – FOLDER DA EXPOSIÇÃO

AGRADECIMENTOS
 Direção IEGRS
 Coordenação IEGRS
 CEPEMHed
 CAPES
 PROFHISTÓRIA – UERJ
 Profª. Drª. Carina Martins
 Profª. Drª. Ângela de Castro Gomes
 Prof. Dr. Rui Fernandes
 Profª. Verônica Bazílio,
 Equipe Educação Especial IEGRS
 Professores e funcionários do IEGRS
 Ex-funcionários do IEGRS
 Responsáveis dos alunos produtores da
 exposição
 Todos os alunos das turmas: 901, 902 e 903 do
 ano de 2015 – IEGRS
 Alunos que cederam suas imagens para a
 execução do trabalho
 Ex-aluna Sra. Zélia Almeida
 Ex-aluno Claudio Lima.
 Apoio:
 André Fabro Selano
 Carolina Barcellos
 Cirineia Aguiar da S. Mendes
 Cley da Costa Mendes
 Ester Aguiar da Silva
 Luciana Melo
 Marta Dile
 Patrícia Policarpo da Silva Monteiro
 Paulo José da Silva

OS PRODUTORES:
 ADRIEL OLIVEIRA
 ALLANA DE PAULA
 ALEXIA VIANA
 JULIANA LATERZA
 LETÍCIA POLICARPO
 LOHANY VICTORIA
 LORENA MELO
 MAÍSA MATTAS
 MARIA EDUARDA SOUZA
 NATHALIA DOS SANTOS
 PEDRO HENRIQUE LIMA
 REBECA ALEXANDRA BERNARDES
 RUAN JOMÊNIO
 VITÓRIA JESSICA
 VITÓRIA SOUZA DA SILVA
 YASMIN MARTINS
 PARTICIPAÇÃO EDMUNDO CHAMARELLI
 A EXPOSIÇÃO FOI DESENVOLVIDA COMO PARTE INTEGRANTE
 DO TRABALHO DE CONCLUSÃO DO Mestrado em Ensino
 DE HISTÓRIA (PROFHISTÓRIA) DA PROFESSORA ALYNE
 MENDES FABRO SELANO, INTITULADO: O MUSEU ESCOLAR E
 A REFLEXÃO HISTÓRICA: USOS E APROPRIAÇÕES DA
 MEMÓRIA NO INSTITUTO DE EDUCAÇÃO GOVERNADOR
 ROBERTO SILVEIRA.

EXPOSIÇÃO
**NOSSO ESPAÇO,
 NOSSO TEMPO!**
 DIÁLOGOS SOBRE OS TEMPOS
 NO IEGRS
 LOCAL: INSTITUTO HISTÓRICO
 DO INSTITUTO DE EDUCAÇÃO
 GOVERNADOR ROBERTO
 SILVEIRA
 JUNHO / 2016

Os alunos e alunas do IEGRS
 apresentam a exposição:

NOSSO ESPAÇO, NOSSO TEMPO! DIÁLOGOS SOBRE OS TEMPOS NO IEGRS

Ao longo do ano de 2015 os alunos do nono ano do Ensino Fundamental II do Instituto de Educação Governador Roberto Silveira foram convidados a pensar a relação entre os alunos e o Instituto Histórico da escola.

As experiências entre história, memória e educação patrimonial resultaram nas intervenções propostas na exposição apresentada.

Construída a partir da colaboração de 16 alunos que decidiram abraçar esse desafio, a exposição propõe a dialogia entre os tempos a partir do material que já estava exposto, agregando produções e seleções dos próprios alunos. Ficam as questões: *o que um museu escolar? Que objetos ele pode abrigar? Que memórias podem ser mobilizadas? Como o aluno pode assumir o protagonismo nesse espaço?*

ESSAS SÃO INQUIETAÇÕES QUE VOCÊ TAMBÉM PODE PROCURAR RESPONDER...

COLOCANDO A MÃO NA MASSA



Visita guiada ao Instituto Histórico



Dinâmicas com objetos



Roda de memórias com ex-alunos



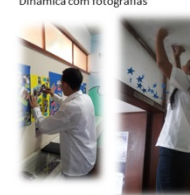
Seleção de acervo



Dinâmica com fotografias



Produção da exposição



Montagem da exposição



HEI, ALUNO!
 VENHA PARTICIPAR DO
 INSTITUTO
 HISTÓRICO.
 ELE É SEU!

O Instituto Histórico do IEGRS foi criado em 2006 na gestão da Diretora Verônica Bazílio e em parceria com o Centro de Pesquisa, Memória e História da Educação da Cidade de Duque de Caxias – CEPEMHed no ano de 2012 recebeu a exposição permanente sobre o cinquentenário da escola. Hoje os alunos protagonizam as intervenções inaugurando a exposição “Nosso espaço, nosso tempo” convidando professores e alunos a também pensarem esse espaço de memórias.



Vista da entrada do Instituto Histórico do IEGRS / Março de 2015

A exposição conta com um roteiro que inclui, dentre outros assuntos: #Onde_estamos? Com o mapa indicativo de Duque de Caxias e entorno, é um convite para a percepção do espaço em que vivemos e os olhares que lançamos sobre esses lugares. Em #Momentos os alunos destacam a amizade que se firma no cotidiano escolar. Os professores foram lembrados em #Nossos_mestres a partir de uma brincadeira com caricaturas e fotografias. A educação inclusiva é destaque no quadro #Especial_é_a_educacao e a luta pela valorização da educação faz parte de uma bandeira produzida indicando #Luto_pela_Educacao. Lutemos então com participação e apropriação!